

LEONARDO EUSTAQUIO SIQUEIRA ARAUJO

**VARIAÇÃO EM LOCATIVOS NO PORTUGUÊS
DE BELO HORIZONTE: ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística
Linha de Pesquisa: Linha B – Estudo da
Variação e Mudança Lingüística
Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2007

A663v

Araújo, Leonardo Eustáquio Siqueira.

Varição em locativos no português de Belo Horizonte [manuscrito] : estudo sociolingüístico / Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo. – 2007. 213 f., enc. : il., tabs.

Orientador : Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Lingüística.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia : f. 154-161.

Apêndices : f. 162-213.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Língua portuguesa – Regionalismos – Belo Horizonte (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa – Advérbio – Teses. 4. Sociolingüística – Teses. 5. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 6. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses.
I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. II. IV. Título.

CDD : 469.798

Dissertação examinada e _____ em 23 de fevereiro de 2007

pela banca examinadora constituída por:

Professor Doutor CÉSAR NARDELLI CAMBRAIA

UFMG – Orientador

Professora Doutora MARIA DO CARMO VIEGAS - UFMG

Professora Doutora ANGELA CECILIA DE SOUZA RODRIGUES - USP

“On qu’o tô?
D’on qu’o sô?
Pr’on qu’o vô?”

(Da língua vernácula)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, pela motivação, pelo incentivo, pela dedicação e, sobretudo, pela orientação eficaz e pelo belo ensinamento que caminhará comigo pelo resto da vida.

Às professoras Maria do Carmo e Evelyne Dogliani, pelas valiosas dicas e por serem uma grande fonte de inspiração.

A CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Às professoras Ana Zilles e Dorotea Kersch (UFRGS) e à Keylla Manfili, pelo gentil envio dos trabalhos de sua autoria. Ao Carlos Felipe (UFBA) e ao Alan Jardel pelas valiosas dicas e pela ajuda.

Aos informantes, sem os quais não teria sentido esta pesquisa.

À Clara, simplesmente por existir.

Às minhas irmãs, que, mesmo não entendendo o porquê, perdoaram meus momentos de *stress*.

Aos verdadeiros amigos que sempre acreditaram em mim.

Aos amigos e amigas conquistados durante esta deliciosa jornada, em especial à grande amiga Danívia que sempre torceu por mim. Às amigas Elizete, Lílian e Adriana grandes companheiras. Aléxia, Teresa, Cynthia e Marcelo, companheiros de jornada. Espero continuar a nos vermos pelo resto da vida!

Dedico este trabalho ao meu pai Luiz e ao meu querido padrinho “Tinenca”.

Uma dedicatória especial à minha mãe Maria Any, que, mesmo estando “do outro lado da vida”, nunca deixou de ser uma presença constante.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas.....	07
Lista de tabelas.....	08
Lista de quadros.....	10
Resumo.....	11
Abstract.....	12
Introdução.....	13
CAPÍTULO 1 - Delimitação do problema.....	14
1.1. Gramáticas normativas.....	15
1.2. Estudos recentes.....	29
CAPÍTULO 2 - Método de pesquisa.....	62
2.1. Referencial teórico.....	62
2.2. <i>Corpus</i>	66
2.3. Região de Venda Nova (região norte de Belo Horizonte).....	70
2.4. Fatores.....	72
2.4.1. Fatores extralingüísticos.....	73
2.4.2. Fatores intralingüísticos.....	74
2.5. Quantificação dos dados.....	74
2.6. Dados não-locativos.....	75
CAPÍTULO 3 - Análise dos dados.....	80
3.1. Inventário.....	81
3.2. Fatores extralingüísticos.....	86
3.2.1. Gênero.....	86
3.2.2. Faixa etária.....	93
3.2.3. Escolaridade.....	97
3.3. Fatores intralingüísticos.....	100
3.3.1. Contexto sintático.....	101
3.3.2. Natureza do antecedente.....	104
3.3.3. Clivagem.....	106
3.3.4. Valor semântico.....	113
3.3.5. Contexto sintático <i>versus</i> valor semântico.....	119

3.4. <i>Loci</i> de variação.....	122
3.4.1. <i>Loci</i> de variação "lugar em que".....	123
3.4.1.1. <i>Locus</i> I: ORR/E.....	123
3.4.1.2. <i>Locus</i> III: ORL/E.....	126
3.4.1.3. <i>Locus</i> V: ORA/E.....	129
3.4.1.4. <i>Locus</i> VI: OII/E.....	131
3.4.1.5. <i>Locus</i> IX: OID/E.....	134
3.4.2. <i>Loci</i> de variação "lugar a que".....	137
3.4.2.1. <i>Locus</i> IV: ORL/A.....	137
3.4.2.2. <i>Locus</i> VII: OII/A.....	139
3.4.2.3. <i>Locus</i> X: OID/A.....	141
3.4.3. <i>Locus</i> de variação "lugar por que" – <i>Locus</i> II: ORR/PO.....	144
3.4.4. <i>Locus</i> de variação "lugar de que" – <i>Locus</i> VIII: OII/D.....	146
3.4.5. Síntese.....	148
Conclusão.....	151
Referências.....	154
Apêndices.....	162

LISTA DE ABREVIATURAS

A -	Lugar a que
CDF -	<i>Crônica de Dom Fernando</i>
CGE -	<i>Crônica Geral de Espanha</i>
CL -	Clivada
CLI -	Clivada invertida
CLS -	Clivada sem cópula
D -	Lugar de que
DE -	Domínio espacial
DID -	Diálogo entre informante e documentador
DIR -	Direção
DSG -	<i>A Demanda do Santo Graal</i>
D2 -	Diálogos entre dois informantes
E -	Lugar em que
EF -	Elocuções formais
FO -	<i>Gramática de Fernão de Oliveira</i>
JB -	<i>Gramática de João de Barros</i>
LC -	<i>Livro da Enseñança do Bem Cavalgar Toda Sela</i>
NGB -	Nomenclatura Gramatical Brasileira
NURC/SSA/90 -	Norma Urbana Culta Falada na Cidade de Salvador
NURC-SP-	Norma Urbana Culta Falada na Cidade de São Paulo
OCS -	Ocorrências
OE -	<i>Orto do Esposo</i>
OID -	Oração interrogativa direta
OII -	Oração interrogativa indireta
ORA -	Oração relativa apositiva
ORIG -	<i>Origem da Língua Portuguesa</i>
ORL -	Oração relativa livre
ORR-	Oração relativa restritiva
ORT -	<i>Ortografia da Língua Portuguesa</i>
P -	Lugar para que
PB -	Português brasileiro
PCEx -	Pseudo-clivada extraposta
PCI -	Pseudo-clivada invertida
PCL -	Pseudo-clivada
PCRe -	Pseudo-clivada reduzida
PEPP/90 -	Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador
PERM-	Permanência
PO -	Lugar por que
PPVN -	Partido Progressista de Venda Nova
PRO-	Procedência
RSB -	<i>Regra de São Bernardo</i>
SAdv -	Sintagma adverbial
SC -	Sintagma circunstancial
SN -	Sintagma nominal
SP -	Sintagma preposicionado

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de formas de <i>onde</i> e correlatos.....	81
Tabela 2a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i>	85
Tabela 2b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i>	85
Tabela 3a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> por gênero.....	90
Tabela 3b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> por gênero.....	93
Tabela 4a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> por faixa etária.....	94
Tabela 4b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> por faixa etária.....	96
Tabela 5a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> por escolaridade.....	98
Tabela 5b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> por escolaridade.....	100
Tabela 6a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> por contexto sintático.....	102
Tabela 6b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> por contexto sintático.....	103
Tabela 7a – Natureza do antecedente admitido por <i>onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i>	104
Tabela 7b - Natureza do antecedente admitido por <i>onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i>	105
Tabela 8a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> : frequência de sentenças clivadas e não clivadas.....	110
Tabela 8b - <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> : frequência de sentenças clivadas e não clivadas.....	111
Tabela 8c - <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> : frequência de sentenças clivadas.....	111
Tabela 8d - <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> : frequência de sentenças clivadas.....	112
Tabela 9a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> por valor semântico.....	117
Tabela 9b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> por valor semântico.....	119
Tabela 10a – <i>Onde</i> e correlatos não-precedidos de <i>-a</i> por estrutura sintática e por valor semântico.....	121
Tabela 10b – <i>Onde</i> e correlatos precedidos de <i>-a</i> por estrutura sintática e por valor semântico.....	121
Tabela 11a – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/E por gênero.....	123
Tabela 11b – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/E por faixa etária.....	124
Tabela 11c – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/E por escolaridade.....	124
Tabela 11d – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/E por gênero, escolaridade e faixa etária.....	125
Tabela 12a – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/E por gênero.....	127
Tabela 12b – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/E por faixa etária.....	127
Tabela 12c – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/E por escolaridade.....	128
Tabela 12d – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/E por gênero, escolaridade e faixa etária.....	128
Tabela 13a – <i>Onde</i> e correlatos em ORA/E por gênero.....	129

Tabela 13b – <i>Onde</i> e correlatos em ORA/E por faixa etária.....	130
Tabela 13c – <i>Onde</i> e correlatos em ORA/E por escolaridade.....	130
Tabela 13d – <i>Onde</i> e correlatos em ORA/E por gênero, escolaridade e faixa etária.....	131
Tabela 14a – <i>Onde</i> e correlatos em OII/E por gênero.....	131
Tabela 14b – <i>Onde</i> e correlatos em OII/E por faixa etária.....	132
Tabela 14c – <i>Onde</i> e correlatos em OII/E por escolaridade.....	132
Tabela 14d – <i>Onde</i> e correlatos em OII/E por gênero, escolaridade e faixa etária.....	133
Tabela 15a – <i>Onde</i> e correlatos em OID/E por gênero.....	134
Tabela 15b – <i>Onde</i> e correlatos em OID/E por faixa etária.....	135
Tabela 15c – <i>Onde</i> e correlatos em OID/E por escolaridade.....	135
Tabela 15d – <i>Onde</i> e correlatos em OID/E por gênero, escolaridade e faixa etária.....	136
Tabela 16a – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/A por gênero.....	137
Tabela 16b – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/A por faixa etária.....	138
Tabela 16c – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/A por escolaridade.....	138
Tabela 16d – <i>Onde</i> e correlatos em ORL/A por gênero, escolaridade e faixa etária.....	139
Tabela 17a – <i>Onde</i> e correlatos em OII/A por gênero.....	139
Tabela 17b – <i>Onde</i> e correlatos em OII/A por faixa etária.....	140
Tabela 17c – <i>Onde</i> e correlatos em OII/A por escolaridade.....	140
Tabela 17d – <i>Onde</i> e correlatos em OII/A por gênero, escolaridade e faixa etária.....	141
Tabela 18a – <i>Onde</i> e correlatos em OID/A por gênero.....	141
Tabela 18b – <i>Onde</i> e correlatos em OID/A por faixa etária.....	142
Tabela 18c – <i>Onde</i> e correlatos em OID/A por escolaridade.....	142
Tabela 18d – <i>Onde</i> e correlatos em OID/A por gênero, escolaridade e faixa etária.....	143
Tabela 19a – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/PO por gênero.....	144
Tabela 19b – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/PO por faixa etária.....	144
Tabela 19c – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/PO por escolaridade.....	145
Tabela 19d – <i>Onde</i> e correlatos em ORR/PO por gênero, escolaridade e faixa etária.....	145
Tabela 20a – <i>Onde</i> e correlatos em OII/D por gênero.....	146
Tabela 20b – <i>Onde</i> e correlatos em OII/D por faixa etária.....	146
Tabela 20c – <i>Onde</i> e correlatos em OII/D por escolaridade.....	147
Tabela 20d – <i>Onde</i> e correlatos em OII/D por gênero, escolaridade e faixa etária.....	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das obras resenhadas e as classificações de <i>onde</i> e correlatos.....	28
Quadro 2 - Composição e distribuição dos falantes por célula.....	69
Quadro 3 – Predominância de <i>onde</i> com valor de “lugar em que” nos <i>loci</i> de variação..	148
Quadro 4 – Predominância de <i>aonde</i> com valor de “lugar a que” nos <i>loci</i> de variação....	149
Quadro 5 – Verbos que indicam permanência.....	163
Quadro 6 – Verbos de ação sem deslocamento no espaço.....	164
Quadro 7 – Verbos que indicam direção.....	165
Quadro 8 – Verbos que indicam procedência.....	166

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar o uso do locativo *onde* e de seus correlatos no português vernacular de Belo Horizonte, a fim de verificar se se encontram em variação lingüística.

No *capítulo 1 (Delimitação do Problema)* fez-se uma resenha de gramáticas normativas e estudos recentes do português a respeito da classificação, definição, valor semântico, polissemia e variação do sistema de locativos compostos pelo *onde* e correlatos. No *capítulo 2 (Método de Pesquisa)* descreveram-se a composição do *corpus* e os critérios adotados na presente pesquisa tais como o método de coleta e os fatores intra- e extralingüísticos considerados. No *capítulo 3 (Análise dos Dados)*, descreveram-se, primeiramente, o inventário com as formas registradas e o comportamento lingüístico dos locativos em estudo segundo fatores intra- e extralingüísticos identificando-se os *loci* de variação; em seguida, analisaram-se os *loci* de variação e os fatores que atuaram em cada *locus*. Por fim, concluiu-se que há locativos em variação, que a variação identificada não se verifica em qualquer contexto, que fatores extralingüísticos podem estar atuando na distribuição das formas em variação e que existem formas inovadoras (*naonde e daonde*) no sistema de locativos no português vernacular de Belo Horizonte.

ABSTRACT

The aim of the present study was to analyze the use of *onde* and its related locative forms in vernacular Portuguese in order to verify if these items are in linguistic variation.

In chapter 1 was made a review of normative grammars and recent studies on Portuguese language about the classification, definition, meaning, polysemy and variation in the system of items studied. In chapter 2 were described the composition of the *corpus* and the criteria adopted in this research such as the method of gathering data and the structural and social factors considered. In chapter 3 were described, first of all, the inventory of the forms registered and its linguistics behaviour based on the factors studied identifying of *loci* of variation; then, were analyzed these *loci* and the factors that had influence on them. At last, it was concluded that there are locative forms in variation, that the variation identified doesn't occur in every context, that extralinguistic factors may be influencing the distribution of the forms in variation and that there are innovative forms (*naonde* and *daonde*) in the system of locatives in vernacular Portuguese of Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

Comparem-se os dados aqui em negrito destacados abaixo, obtidos a partir da coleta da fala espontânea de falantes nativos de Belo Horizonte:

“(...) aí ele foi e falou ‘*nossa, menina! quê isso, mas aqui dentro?*’ eu falei: ‘é’... ‘*nem adianta chamar o guarda, quem me roubou num vai ficar aqui dentro*’ aí ele ‘*não, mas aqui, **onde** *cê mora?*’ eu falei ‘*eu moro em Santa Mônica*’ (...)” (Informante 12F-MFP, dado 12F.d)*

“(...) A gente parou pra pedir informação, aí ele virou assim ‘*por obséquio, **aonde ficam** os festejos desta comarca?*’ ((risos)) (...)” (Informante 01M-BEMO, dado 1M.a)

Analisando-se os dados destacados acima, é possível perceber que ambos os itens *onde* e *aonde* ocorrem na mesma estrutura sintática (ou seja, em orações interrogativas diretas) e expressam o mesmo valor semântico (isto é, “lugar em que”), o que permite afirmar que estão em *variação*. Mas será que essa variação se verifica em qualquer circunstância? Atuam sobre esse fenômeno fatores intra- e extralingüísticos? Com o intuito de apresentar uma pequena contribuição para o entendimento dessa questão, far-se-á uma análise do uso do *onde* e de seus correlatos no português contemporâneo falado informal de Belo Horizonte.

CAPÍTULO 1

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Apesar de muitas pesquisas sobre fenômenos de variação lingüística no português do Brasil já terem sido realizadas, especialmente a partir da década de setenta, como assinalam Paiva & Scherre (1999), e geralmente segundo a abordagem variacionista americana (tal como a delinearão trabalhos como Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) e Labov (1972, 1994, 2001)), a variação no sistema de locativos do português continua sendo um tema negligenciado.

O tratamento dado ao sistema de locativos do português composto de *onde* e correlatos é bastante tímido na literatura especializada tradicional. Mesmo sendo as gramáticas tradicionais essencialmente normativas, era de se esperar que veiculassem ao menos algum breve comentário sobre as diferenças de emprego dos locativos realizadas no português vernacular e no português padrão modernos.

A fim de obter mais informações sobre o tema em estudo, far-se-á, no presente capítulo, uma breve resenha do tratamento dado ao item *onde* e correlatos nas gramáticas normativas e em estudos recentes sobre português.

1.1. Gramáticas normativas

Em relação às gramáticas normativas, como se poderá perceber, não há consenso entre os gramáticos no que concerne à análise do item *onde* e de seus correlatos na língua portuguesa. Os autores consultados sobre o uso dos locativos foram: Carreiro (1918), Cardoso (1944), Almeida (1955), Carneiro (1957), Bechara (1968), Lima (1968), Melo (1968), Melo (1970), Goulart & Silva (1974), Cunha e Cintra (1985), Cegalla (1988), Terra & Nicola (1993), Paschoalin (1996), Faraco & Moura (1997) e Infante (2001)¹.

Carreiro (1918), no que se refere à classificação, analisa o item *onde* como advérbio, pronome e conjunção. Carreiro (1918:297) define *advérbio* como sendo uma “palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo e até mesmo outro advérbio”. Em relação ao seu significado, o autor afirma que este item não constitui categoria especial quanto às circunstâncias que exprime: o advérbio é, em essência, uma palavra que exprime um modo de ser ou de estar, e participa da natureza do adjetivo. O autor parece negligenciar a existência de variação, afirma o autor que se devem usar como *advérbio interrogativo de lugar* as formas *onde* e *aonde*, mas não aborda com especificidade a questão da diferença no uso de tais formas. O autor também parece ignorar a questão da polissemia que ocorre entre os vocábulos, visto que não menciona a questão em seu livro. Na seção destinada aos *pronomes*, Carreiro (1918:142) define o item *onde*

¹ Para deixar mais clara a presente resenha, convém especificar aqui com que sentido estarão sendo utilizados dois termos: *polissemia* e *variação*. Por *polissemia* entende-se aqui o uso de uma mesma forma com mais de um sentido: no caso do item *onde* e correlatos, polissemia pode ser *estrita* (uso de diferentes valores locativos: p. ex., “lugar em que” e “lugar a que”) ou *geral* (uso de valores além do locativo: p. ex., temporal, discursivo, etc.). Por *variação* entende-se aqui o uso de diferentes formas com um mesmo sentido: no caso do item *onde* e correlatos, uma variação possível seria o uso das formas *onde* e *aonde* para expressar “lugar em que”.

também como *pronome conjuntivo* equivalente a “em que”, “no qual”, “nas quais” e suas respectivas flexões, porém o autor também não aborda a questão da possibilidade da combinação das preposições *a* e *de* ao item *onde* nem tampouco a questão da polissemia desse item na língua portuguesa. Em relação às *conjunções*, Carreiro (1918:316) apresenta como definição serem estas palavras invariáveis que ligam entre si as orações no período e as palavras da mesma função dentro da oração. Afirma ainda o autor que “o vocábulo *onde* apresenta, às vezes, alguma dificuldade na classificação”: (i) é pronome conjuntivo quando se refere a um substantivo que tem lugar na oração anterior, e equivale a “em que”; (ii) é advérbio interrogativo quando equivale a “em que lugar”; um elemento de natureza híbrida, portanto. No que se refere ao significado, Carreiro (1918:338) define o *onde* como *conjunção adverbial de lugar* e como *conjunção integrativa por justaposição*, pois esta tem a característica de portar-se como conectivo entre duas orações. Porém, mesmo tentando aprofundar um pouco na explicação, o autor não aborda a questão da polissemia e nem da combinação das preposições *a* e *de* ao vocábulo *onde*.

Já Cardoso (1944) classifica o *onde* como advérbio e conjunção. Cardoso (1944:151) afirma que os *advérbios* servem para modificar ou indicar alguma circunstância de ação ou de uma qualidade relativa ao tempo, ao lugar, à ordem, ao grau ou a outras propriedades que se tem desígnio de especificar. Afirma o autor que a sua necessidade não é tão urgente nas línguas como se crê; mais precisas que os advérbios são as preposições e as conjunções. No que se refere à classificação, Cardoso define o *onde* como *advérbio de lugar*, caracterizando essa forma como o *ubi* dos latinos, e também como *unde*, trocada a significação que esse tinha de “donde” para “onde”, mas, em relação ao seu significado, o autor não explica como o locativo poderia ter perdido a

significação inicial, deixando para o leitor uma lacuna sem explicação. Esse autor também não aborda a questão da combinação das preposições *a* ou *de* ao item *onde*, que nem sequer é citada em seu texto. O autor também não aborda a questão da polissemia no uso e na caracterização dos locativos na língua portuguesa. *Conjunção*, segundo o autor, são as palavras invariáveis que ligam proposições e períodos. Na seção destinada à classificação das conjunções, Cardoso (1944:156) caracteriza a forma *por onde* como *conjunção conclusiva*, *proinde* junção de *pro* e *inde*². No que se refere ao seu significado, afirma o autor que algumas dessas formas foram tomadas já de advérbios os quais se prestavam também a uma significação conjuntiva, mas o autor, ao que parece, ignora o uso das formas *donde* e *aonde*, visto que não aborda o fato em seu livro.

Almeida (1955) classifica o *onde* como advérbio e conjunção. Por *advérbio*, entende o autor que é uma palavra inflexível quanto ao seu valor sintático. Almeida (1955:261), em relação à classificação, afirma que esse se divide em duas categorias: *simples* e *conjuntivo*. O *advérbio simples* é aquele que tem a função apenas de advérbio; e o *conjuntivo* aquele que, além de funcionar como advérbio, funciona também como conjunção. Almeida (1955:262) define a forma *onde* como *advérbio de lugar* com antecedente expresso ou latente. Quanto ao valor semântico, segundo o autor, a palavra *onde* indica a idéia de estada, permanência, enquanto que a forma *aonde* indica movimento. Tomando uma postura normativa, o autor afirma que não se pode empregar *onde* nem *aonde* em períodos cujos verbos apresentam idéias diferentes (i.e., permanência e movimento, respectivamente) registrando, assim, indiretamente, o uso indiferenciado dos locativos pelos falantes na língua portuguesa, única menção à variação presente no uso dos locativos em sua abordagem a respeito dos itens em

² Há talvez neste ponto do texto de Cardoso (1944) um erro de tipografia, uma vez que se sabe que *onde* deriva da forma latina *unde* e não *inde* (cf. Cunha (1986:561))

questão. Mesmo registrando a forma *aonde*, o autor não aborda a questão da combinação da preposição *a* ao item *onde* tal como feito à forma *por onde*, ele apenas apresenta o fato sem nenhuma explicação. Por *conjunção*, entende o autor que esta é uma palavra conectiva proposicional. Na seção destinada ao estudo das conjunções, Almeida (1955:292) define o *donde* e o *por onde* como *conjunção conclusiva*, pois ligam uma oração exprimindo conclusão ou ilação. O autor não menciona, nessa seção, o uso de outras formas nem a questão da polissemia na língua portuguesa.

Carneiro (1957) classifica a forma *onde* como advérbio e pronome. Por *advérbio* a autora entende que são as palavras que dão a idéia de intensidade do fato. Às vezes o advérbio indica uma circunstância relacionada com qualquer outro termo da frase, em geral, exprimindo intensidade maior ou menor da idéia assim modificada. No que se refere à classificação, Carneiro (1957:378), afirma que, como o verbo anuncia o fato principal, a função do advérbio é a de anunciar a circunstância acessória que concorre com esse principal e define *onde* como *advérbio de lugar*, podendo aparecer também como *pronome relativo*, quando significa “no qual” e podendo aparecer como *advérbio* quando indica lugar. Em relação ao seu significado, o item *onde* pode aparecer em frases interrogativas diretas ou indiretas indicando lugar. Já o *aonde*, para a autora, traduz movimento, indicando, em frases interrogativas, “para qual lugar”. A autora, em sua abordagem sobre o uso indiscriminado da forma *aonde* pela forma *onde* dá exemplos de autores como Cláudio Manoel da Costa, que usam *aonde* com valor de “lugar em que”, corroborando a hipótese da variação no português entre os itens em questão defendida na presente pesquisa. Em relação aos pronomes, Carneiro (1957:175) entende como *pronome* a palavra que representa pessoas ou objetos não por eles mesmos, mas por uma relação estabelecida em virtude de uma situação lingüística. A

autora inclui o item *onde* na classe dos *relativos*, classificando-o como *pronomes relativos* representando um conceito de uma oração antecedente, subordinando-lhe a oração em que se acha. Afirma a autora que, em relação ao significado, as formas *onde* e *donde* provêm do latim *unde* que primitivamente denotava procedência, de modo que no item *donde* havia uma redundância: a repetição do sentido de procedência indicado pela preposição *de*. Perdido o sentido de procedência na palavra *onde*, ela passou a exprimir quietação, passando a corresponder, então, a “no qual”. Hoje, para que a palavra *onde* retome a significação primitiva é preciso fazê-la resgatar a preposição *de* e, de conformidade com a idéia de origem que esta preposição exprime, realizar uma contração resultando na palavra *donde*, que indica “movimento a partir de um ponto”. Afirma ainda a autora que “o povo não faz distinção entre estes vocábulos *onde-donde-aonde*”, o que corrobora a proposta inicial desta pesquisa de que o falante não faz distinção entre os locativos.

Bechara (1968) classifica o vocábulo *onde* como advérbio e pronome. Bechara (1968:114) afirma que *advérbio* é a expressão modificadora que denota uma circunstância, constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo ou ainda a um adjetivo, um advérbio ou a uma oração inteira. No que se refere à classe dos advérbios, Bechara (1968:187) define a forma *onde* como *advérbio pronominal*; *advérbio interrogativo* nas perguntas diretas e indiretas; e *advérbio relativo* (esse último, servindo para ligar a oração a que pertence com outra oração). No que se refere ao significado dos itens, Bechara não faz menção em seu livro, deixando um ponto obscuro no que tange à significação desses locativos. O autor explica que o advérbio *onde*, quando precedido das preposições *a* ou *de*, grafar-se-á *aonde* ou *donde* respectivamente. Bechara procura abordar a questão da combinação das

preposições ao vocábulo *onde*, mas o autor parece ignorar uma questão importante a respeito dos locativos - a polissemia, visto que não há menção a esse fato. No que se refere à variação, pode-se interpretar, a partir da análise do seu texto, que não ocorre no português. Com relação aos *pronomes*, o autor afirma que são “a expressão que designa os seres sem dar-lhes nome nem qualidade, indicando-os apenas como pessoas do discurso”. Em sua seção destinada ao estudo dos pronomes, Bechara (1968:121) define o item *onde* como *pronome relativo*, e este pode aparecer também com emprego absoluto, ou seja, sem antecedente, também chamado de *relativo indefinido*. O autor, nesta seção, aborda a questão da polissemia indiretamente; quando o autor classifica as formas *onde* e *quando* equivalendo a “em que”, infere-se que ambos possam funcionar como um localizador no espaço e no tempo, podendo o *onde* funcionar assim com um valor polissêmico. Nesta seção, entretanto, o autor não cita a possibilidade da combinação das preposições *a* ou *de* ao item *onde*. No que se refere à variação, como se pode perceber, o autor parece ignorá-la, visto que não foram encontradas citações a respeito desse assunto, nem uma abordagem que pudesse esclarecer melhor ao leitor sobre essa questão.

Lima (1968) classifica o *onde* como advérbio e pronome. Por *advérbio*, entende o autor que são as palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar várias circunstâncias que cercam a significação verbal. No que se refere à definição do item, Lima (1968:155) define o *onde* como *advérbio interrogativo*, denotando lugar nas perguntas diretas e indiretas. O autor não menciona a possibilidade da combinação das preposições *a* e *de* ao item em questão, nem sequer trata da questão da polissemia que pode ocorrer com os locativos, tanto na fala quanto na escrita. Também não é abordado em seu livro o significado do item em questão, deixando assim uma lacuna para o leitor.

Pronome, segundo a nomenclatura utilizada pelo autor, é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o como pessoa do discurso. O autor também classifica como pronome palavras que se aplicam a terceira pessoa quando esta tem sentido vago. Em relação à definição do item *onde*, esse é nomeado *pronome indefinido* referente a lugar, quando tem sentido vago ou indeterminado. Afirma ainda o autor que o *pronome relativo indefinido*, quando sem antecedente, classifica-se, com precisão, como *advérbio pronome relativo*. No que se refere ao seu significado, Lima não aborda a questão em seu livro. Quanto à questão da variação, Lima não a aborda explicitamente, mas afirma “a linguagem culta insiste em distinguir *onde* exprimindo estabilidade, de *aonde* indicando movimento”, ou seja, implicitamente o autor confirma a existência de variação entre os locativos no português.

Melo (1968) classifica o item *onde* como advérbio e pronome. Melo define como *advérbio* a palavra que modifica o verbo, exprime circunstâncias que rodeiam ou precisam o fato expresso. No que se refere à classificação, Melo (1968:134) define como *advérbio* o emprego das palavras *aonde ou para onde, de onde e onde* no português. Define o *onde* também como *advérbio interrogativo* nas perguntas diretas e indiretas. Sobre a questão dos valores semânticos atribuídos aos locativos citados, ou seja, o seu significado, de acordo com o autor, emprega-se *aonde* ou *para onde* com verbos de movimento. A forma *de onde* indica “ponto de partida/origem” e a forma *onde* encerra a idéia de quietação, equivalente a “no lugar em que”. Quanto à questão da polissemia, o autor parece não reconhecê-la, visto que não há nenhuma menção ao fato de o item *onde* assumir valores outros que o previsto pela norma culta, ou seja, o *onde* assumindo outros valores locativos além de atuar como um advérbio temporal, conclusivo, ou mesmo um marcador discursivo. Ao que parece, o autor não admite essa

possibilidade. Como *pronome*, a definição de Melo (1968:88) é a de que é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso, uma definição idêntica àquela encontrada em Bechara (1968). Como se pode perceber, o autor não faz menção ao significado ou mesmo à questão da polissemia e da variação em seu livro, no que se refere aos pronomes.

Melo (1970) classifica o *onde* como advérbio e pronome. *Advérbio*, segundo o autor, é a palavra que circunstancia ou intensifica a significação de um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio. Com relação à sua definição, Melo (1970:169) considera a forma *onde* como *advérbio interrogativo*, mas também não aborda a questão da combinação das preposições *a* e *de* ao item *onde*, e parece ignorar a existência dessas formas. Embora o autor não classifique o item *onde* como *advérbio de lugar*, o autor deixa que se perceba indiretamente tal classificação quando o define como *advérbio interrogativo*, afirmando que se costuma dar esse nome aos “advérbios de lugar, de tempo, modo e causa que figuram nas orações interrogativas diretas”. No que se refere ao significado, o autor não aborda a questão em seu livro. O autor também ignora a questão da polissemia existente no uso dos locativos, visto que não faz menção a esse assunto em nenhuma seção. *Pronome*, segundo caracterização do autor é “a palavra que substitui ou lembra o nome. É a palavra de significação interna, não externa”. Em sua seção destinada à classificação dos pronomes, Melo (1970:133) define o *onde* como *pronome relativo* que retoma um conceito anteriormente expresso e subordina-lhe uma oração explicativa atributiva. No que se refere ao significado, afirma o autor que este item é um “misto de pronome e conectivo, dando-lhe fisionomia própria e singular”. De acordo com o autor o valor semântico atribuído ao *onde* equivale a “lugar em que” e esse relativo pode conter em si o antecedente, o que ele denomina “*condensação*”

sintática” quando o *onde* equivale a “no lugar em que” e cita um exemplo: “Continuo morando *onde* sempre estive”. Entretanto, não é citada a possibilidade da combinação das preposições *a* e *de* ao item *onde*, a possibilidade de variação entre as formas e nem mesmo a possibilidade da polissemia desse item nessa seção.

Goulart & Silva (1974) classificam o *onde* como *advérbio*. Goulart & Silva (1974:90) trabalham com termos provindos do latim. Os autores definem o locativo *onde* como *advérbio*, provindo do *unde* latino, mas não explicitam seu valor semântico e sintático, não abordam a questão da combinação das preposições *a* e *de* ao item em questão, nem sequer mencionam a forma *aonde* no português, a variação ou mesmo a questão da polissemia do *onde* na língua portuguesa. Os autores se limitam apenas a dizer que o *onde* provém do *unde* latino, sem maiores explicações.

Cunha & Cintra (1985), no que se refere à classificação, analisam o *onde* como pronome e advérbio. Cunha & Cintra (1985:268) definem *pronome* como elementos que desempenham funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais nas orações, servindo para representar um substantivo ou acompanhá-lo, determinando-lhe a extensão do significado. Segundo os autores há seis espécies de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos (dentre os quais está inserido o *onde*), interrogativos e indefinidos. Segundo os autores, como o *onde* desempenha normalmente a função de *adjunto adverbial* (= o lugar em que, no qual) este costuma ser considerado por alguns gramáticos como *advérbio relativo*. Segundo afirmam Cunha & Cintra (1985:342), “embora ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que essa distinção, *praticamente anulada na linguagem coloquial*, já não era rigorosa nos

clássicos” (grifo nosso). Desta forma os autores registram a concorrência entre os itens na língua portuguesa. Por *advérbio*, entende os autores que este é fundamentalmente um modificador do verbo. Cunha & Cintra (1985:530) fazem uma observação sobre essa classe de palavra e afirmam que “sob a denominação de *advérbios* reúnem-se numa classe heterogênea palavras de natureza nominal e pronominal com distribuições e funções às vezes muito diversas”. Dessa forma os autores indiretamente abordam a questão da polissemia presente no uso do *onde* com função adverbial. Cunha & Cintra (1985:531) classificam o *onde* como *advérbio interrogativo de lugar* por ser empregado nas interrogativas diretas e indiretas. Também o citam como *advérbio relativo* por desempenhar a função de adjunto adverbial, mas afirmam que esta classificação não foi adotada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Cegalla (1988) classifica o item *onde* como advérbio e pronome. No que se refere à classificação, Cegalla (1988:222) define as formas *onde*, *aonde* e *donde* como *advérbios* e como *advérbios interrogativos* em perguntas diretas e indiretas referentes às circunstâncias de lugar. Não há menção ao significado dos itens citados. Mesmo citando as diferentes formas dos locativos, o autor não aborda a questão da polissemia nem a variação desses itens com mais especificidade na língua portuguesa. Em outra seção, destinada aos pronomes, Cegalla (1998:155) define o *onde* como um *pronome relativo invariável* representando um nome já referido, com o qual está relacionado e tem sempre antecedente. Quanto ao seu significado, afirma o autor que esse item equivale a “em que”. Quanto à questão da variação, o autor parece ignorar tal problema, visto que não é mencionada em seu livro. No que se refere à polissemia que pode ocorrer com os vocábulos em questão, também há um ponto obscuro em sua abordagem, o autor parece ignorar tais questões.

Terra & Nicola (1993) classificam o *onde* como advérbio e pronome. Terra & Nicola (1993:124), definem *advérbio* como palavra que modifica o verbo, adjetivo ou outro advérbio indicando uma determinada circunstância. No que se refere à classificação, Terra & Nicola (1993:82) o classificam como aquele que retoma um termo expresso anteriormente, por isso mesmo chamado antecedente, definindo o item *onde* como advérbio de lugar e tratando a forma *aonde* como situação de combinação, junção de uma preposição *a* com o advérbio *onde*, mas sem entrar em detalhes. Também sobre a questão da polissemia os autores não a abordam com especificidade, visto que não destinam nenhuma seção para a discussão do caso. Os autores tratam os advérbios *onde* e *aonde* como *interrogativos*, usados em frases interrogativas diretas e indiretas. A respeito de seus significados, os autores não mencionam no texto tal questão. Em outra seção, destinada à classificação dos pronomes, os autores tratam o *onde* como *pronome relativo invariável*, equivalente a “no qual” e flexões. Como se vê, há uma abordagem vaga sobre a significação dos locativos. Quanto à variação, os autores parecem ignorá-la, pois não há menção de tal fato em seu livro.

Paschoalin (1996) classifica o item *onde* como advérbio e pronome. Segundo define a autora, *advérbios* são palavras usadas para indicar as circunstâncias em que ocorre a ação verbal. Paschoalin (1996:120) define a forma *onde* como *advérbio interrogativo de lugar*, indicando as circunstâncias nas quais a ação verbal ocorre. Porém, assim como muitos dos autores citados acima, não menciona o uso da forma *aonde*, a possibilidade de combinação de preposições, a variação existente, ou mesmo a questão da polissemia dos itens na língua portuguesa. Em relação aos pronomes a autora afirma que estes são palavras que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam. Em seu livro, na seção destinada ao estudo dos pronomes,

Paschoalin (1996:77) define o item *onde* como *pronome relativo invariável*, como vocábulos que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam. Em relação ao seu significado, a autora parece não definir um valor semântico para os itens em questão. Quanto à questão da variação, a autora não cita essa possibilidade. Os temas da polissemia e mesmo da combinação das preposições *a* ou *de* ao item *onde* parecem ser “evitados”, não só por essa autora, mas por muitos outros autores consultados, como se pôde ver até aqui.

Faraco & Moura (1997) classificam o *onde* como advérbio e pronome. Os autores definem *advérbio* como a palavra que modifica um verbo, um adjetivo, um outro advérbio ou uma oração inteira. No que se refere à sua definição do item, Faraco & Moura (1997:281) tratam o *onde* como *advérbio de lugar e interrogativo*, entretanto, nessa seção, não tratam da questão da significação ou mesmo da possibilidade de combinação das preposições *a* ou *de* ao item *onde*, porém, em outra seção é abordada a questão. Os autores definem como *pronome* as palavras que substituem ou determinam o nome. Em relação à classificação dos pronomes, Faraco & Moura (1997:214), definem o *onde* como *pronome relativo*, referindo-se a termos já expressos e que, ao mesmo tempo, introduzem uma oração dependente. Afirmam ainda os autores que o *onde* pode aparecer precedido de preposição, combinando-se a duas delas *a* e *de* - desta forma os autores tratam da questão da existência *aonde* na língua portuguesa. No que se refere ao seu significado, Faraco & Moura (1997) não definem um significado específico para o item *onde* em seu livro. Sobre a questão da variação, os autores mencionam a forma *aonde* na língua portuguesa, mas não falam da possibilidade do uso do *aonde* em lugar do *onde*, ou mesmo de como se deve usar um ou outro.

Finalizando esta revisão de gramáticas normativas, tem-se a análise de Infante (2001), que classifica o *onde* como pronome e advérbio. Infante (2001:341) define *advérbio* como palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo a circunstância em que esse processo se desenvolve. Com relação aos advérbios, o autor define o item *onde* como *advérbio interrogativo*. No que se refere ao seu significado, Infante (2001) não faz menção em seu livro sobre qual significado teria o item em questão. Quanto à questão da variação, assim como outros autores citados, Infante (2001) também parece ignorar o problema. Não há menção, em sua gramática, sobre a possibilidade de combinação das preposições *a* e *de* ao item *onde* na língua; este autor nem mesmo aborda a questão da polissemia que pode haver no uso do mesmo. O autor define *pronome* como palavra que substitui um nome expresso na oração. No que se refere à classificação dos pronomes, o autor define o *onde* como *pronome relativo* quando este tem sentido aproximado a “lugar em que”. Também não aborda a questão da combinação das preposições *a* ou *de* ao item *onde*, ou mesmo a questão da polissemia que pode haver quanto ao uso desse item no português.

Em síntese, verifica-se que entre os gramáticos não há consenso quanto à categoria dos locativos. Devido à complexidade funcional dos mesmos, estes são tratados como advérbios, pronomes ou conjunções. Devido à complexidade ora constatada, adotam-se aqui os termos *item* ou *forma* para o tratamento dos locativos, visto que desta maneira não se estará entrando no mérito dessa questão, o que ultrapassaria os objetivos do presente trabalho.

Abaixo segue um quadro com uma síntese das obras resenhadas destacando as classificações adotadas pelos gramáticos consultados:

Quadro 1 – Síntese das obras resenhadas e as classificações de *onde* e correlatos.

	Variação	Polissemia	Classificação		
			Pron.	Adv.	Conj.
Carreiro (1918)	não	não	sim	sim	sim
Cardoso (1944)	não	não	não	sim	sim
Almeida (1955)	indiretamente ³	não	não	sim	sim
Carneiro (1957)	sim	indiretamente	sim	sim	não
Bechara (1968)	não	indiretamente	sim	sim	não
Lima (1968)	indiretamente	não	sim	sim	não
Melo (1968)	indiretamente	não	sim	sim	não
Melo (1970)	não	não	sim	sim	não
Goulart & Silva (1974)	não	não	não	sim	não
Cunha & Cintra (1985)	sim	indiretamente	sim	sim	não
Cegalla (1988)	não	não	sim	sim	não
Terra & Nicola (1993)	não	não	sim	sim	não
Paschoalin (1996)	não	não	sim	sim	não
Faraco & Moura (1997)	não	não	sim	sim	não
Infante (2001)	não	não	sim	sim	não

No que se refere ao problema de considerar ou não a variação, observou-se que autores como Almeida (1955), Lima (1968) e Melo (1968) abordaram indiretamente o problema, pois, registrando as diferentes formas, condenando certos usos e informando como se deve usá-las, infere-se que os falantes não façam tal distinção, usando de maneira indiferenciada os itens em questão (mesmo sem que esses autores tenham se aprofundado no tema). Carneiro (1957) e Cunha & Cintra (1985) se mostram mais sensíveis à variação, pois abordaram a questão abertamente. Já os demais autores consultados, como Carreiro (1918), Cardoso (1944), Bechara (1968), Melo (1970), Goulart & Silva (1974), Cegalla (1988), Terra & Nicola (1993), Paschoalin (1996), Faraco & Moura (1997) e Infante (2001) sequer mencionaram que exista variação, o que não era de se esperar, pois nos exemplos citados por alguns dos gramáticos consultados (aqueles que registraram indiretamente a variação) observa-se que já nos clássicos não havia distinção entre *onde* e *aonde*.

³ Entende-se aqui por *menção indireta* caso em que o autor se limita a comentar que não existe distinção entre as formas por parte dos falantes.

No que se refere à polissemia, observou-se que nenhum dos autores aborda explicitamente o problema, é possível inferir que haja polissemia em relação ao item *onde* se se levar em conta as diferentes classificações adotadas pelos gramáticos, mas explicitamente nenhum deles admite essa possibilidade. Observou-se também que não há menção ao fato, nem uma explicação mais aprofundada e nem mesmo uma abordagem mais específica que esclareça ao leitor a questão, o que parece ser incoerente por se tratar de uma gramática normativa que busca “corrigir” a fala do indivíduo a partir do seu estudo. É importante ressaltar que os autores não tratando da questão da polissemia ou da variação, induzem o leitor a interpretar a língua como algo estático, que não exista variação nos locativos no português, o que, como se comprovou no início desta pesquisa com a apresentação de dados empíricos, parece não ser verdadeiro.

1.2. Estudos recentes

No que se refere aos estudos recentes do português sobre os itens em questão, observa-se que os mesmos abordam outros sentidos assumidos pelo *onde* e seus correlatos, valores diferentes daqueles descritos pela norma (geralmente, locativo). Aparentemente, apenas três estudos contemplaram especificamente o estudo do *onde* com valor locativo; no entanto, todos voltados para dados do passado e do português europeu: em Bonfim (1993), analisaram-se dados dos sécs. XIII a XVI, com ênfase à relação entre as formas *u* e *onde*; ênfase à forma *aonde* foi dada em Cambraia (1996), em que se analisaram dados dos sécs. XVI e XVII, e em Cambraia (2002), baseado em dados do séc. XIV.

Os autores consultados foram Prestes (1991), Bonfim (1993), Andrade (1994), Cambraia (1996, 2002), Kersch (1996), Diniz (1997), Sartori (1998), Neves (2000), Marinho (2001), Souza (1999, 2002, 2003a, 2003b) e Manfili (2003).

Prestes (1991) analisa os usos do item *onde* em redações de alunos de 1º, 2º e 3º graus. Segundo a autora, a maioria das gramáticas tradicionais conceitua o *onde* como um *pronome relativo*. Algumas o classificam como *advérbio*, outras chegam a classificá-lo como um *pronome-advérbio relativo*, mas, independente da classificação dada, todas as gramáticas o classificam como *relativo*, ou seja, o item faz referência a um termo anterior; e as palavras a que o *onde* se refere são palavras de lugar e ele próprio dá sempre a idéia de local. Sob o ponto de vista da lingüística textual (que tem como o objetivo o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais), o item *onde* se encaixa na categoria das *formas remissivas não-referenciais livres*. Segundo Koch (1989), *apud* Prestes (1991:42), há duas grandes modalidades de coesão: a *coesão seqüencial*, que “diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem entre segmentos do texto diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir” e a *coesão referencial*, em que “um componente da superfície do texto faz remissão a outros elementos do universo textual”. Na *coesão referencial*, o elemento que faz remissão a outro é chamado *forma referencial* ou *remissiva*. Dentre as formas remissivas têm-se as *não-referenciais* e as *referenciais*. As *remissivas não-referenciais* não fornecem ao leitor/ouvinte instruções de sentido, apenas instruções de conexão, como a concordância de gênero e número, podendo ser *presas* ou *livres*. As *formas remissivas não-referenciais presas* relacionam-se a um nome, antecedendo-o, e aos possíveis modificadores que antecedem o nome

dentro do grupo nominal. Já as *livres* não acompanham um nome, mas servem para fazer remissão, anafórica e cataforicamente, a um ou mais componentes do universo textual. As formas remissivas *referenciais* são aquelas que trazem, além de instruções de concordância, instruções de sentido. O que a autora conclui é que na maioria das vezes esses aspectos são ignorados pelos alunos que utilizam o *onde* nas mais diversas situações. As dificuldades existentes quanto ao uso de mecanismos coesivos podem ser solucionadas, segundo a autora, com um trabalho efetivo de análise e produção textual, pois o que se percebeu é que os alunos são ensinados essencialmente a classificar gramaticalmente as palavras. Deve-se então trabalhar com uma análise sintático-semântica a partir do texto no contexto em que se insere, tendo em vista os diferentes significados que um mesmo termo pode ter e as mesmas relações que podem ser estabelecidas entre ele e outros termos. Sugere ainda a autora, tomando agora uma postura normativa, que se devem determinar os limites de significação e de relação que os termos podem ter, levando os alunos a perceberem o caráter referencial e locativo do *onde* para que o utilize segundo prevê a norma.

Bonfim (1993) verificou a variação existente no português arcaico entre as formas *u* e *onde*. A autora procurou seguir o percurso dos pronomes-advérbios *u* e *onde* na fase do português que se estende do século XIII ao XV inclusive. A tarefa foi dividida em duas etapas: delimitar os índices de ocorrência dos itens e os contextos em que aparecem, e detectar uma possível variação dos elementos, procurando estabelecer as zonas de interferência entre ambos. A constituição do *corpus* baseou-se em textos em prosa narrativas ou dissertativas, sem intenção artística manifesta e constaram das seguintes obras: sécs. XIII-XIV = *A Demanda do Santo Graal* (DSG); sécs. XIV-XV = *Crônica Geral de Espanha* (CGE) 1344, *Orto do Esposo* (OE), *Regra de São Bernardo*

(RSB), *Livro da Ensinança do Bem Cavalgar Toda Sela* (LC) 1433, *Crônica de Dom Fernando* (CDF); séc. XVI ou posteriores = *Gramática de Fernão de Oliveira* (FO) 1536, *Gramática de João de Barros* (JB) 1540, *Ortografia da Língua Portuguesa* (ORT) 1576 e *Origem da Língua Portuguesa* (ORIG) 1606. Segundo Bonfim, a coexistência de *ubi* e *unde* em etapas passadas, com a sobrevivência de apenas um dos elementos (no caso, o *onde*) no português atual, coloca a questão em termos de mudança lingüística mais ampla, pois é possível constatar que o processo se iniciou ainda no latim, ultrapassou a fase do romance e tomou rumos diferenciados nas fases mais antigas de cada língua românica. As gramáticas históricas, dicionários etimológicos e glossários registram a presença de *u* e *onde* no português arcaico, o desaparecimento da primeira forma e a segunda assumindo os valores da primeira. Ambos poderiam funcionar como pronomes relativos e interrogativos; *u* e *onde* se opunham semanticamente, o primeiro expressando a direção e o segundo a proveniência (apesar de *onde* já denotar proveniência, *donde* (= *de onde*) vulgarizou-se nessa acepção e no séc. XVI *u* é considerado fora de uso). A autora, num primeiro exame das ocorrências da CDF, constata a hipótese de que, no séc. XV, a variação entre *u* e *onde* ainda existe com neutralização da oposição lexical entre as idéias de proveniência e direção. Nos dados da DSG, além de *u* e *onde*, ocorre também a forma latina *unde* (com pouca freqüência). Os locativos em análise aparecem com mais freqüência nas interrogativas diretas e indiretas e são também usados com função locativa estática. Em princípio distinguem-se semanticamente: *onde* e *unde* equivalem a “de onde”, podendo corresponder também a “de que”, “de quem”, “do (a) qual” quando relativos; *u* seria usado para localizar, com valor de *onde*, *por onde*, *para onde*, nessas duas últimas acepções aparece regido ou não de preposição. A autora observou ainda um uso de *onde*

e de *unde* com valor discursivo; doze ocorrências de *u* com valor temporal (condizentes com *ubi*) e três de *onde* com o mesmo valor, além de uma ocorrência de *onde* num contexto próprio do *que* (pronome relativo). A observação dos dados evidenciou que, primeiramente, *u* e *onde* ocorreriam em contextos bem definidos, segundo que os empregos de um pelo outro aconteceriam nos campos semânticos da proveniência e direção e terceiro que a quantidade de dados obtidos (13 ocs. de *donde* ao lado de 18 ocs. de *onde* (equivalendo a “de onde”) indicando afastamento, proveniência, origem) mostrou que essa acepção começou a se enfraquecer na forma não preposicionada. Circularmente as idéias de proveniência e direção geram a necessidade de preposição e, por sua vez, tal fato concorre para o enfraquecimento daquelas acepções e como decorrência disso neutraliza-se a oposição semântica dos elementos e as preposições passariam a marcar as idéias de proveniência e direção. Os pontos de ruptura com o sistema inicial são a neutralização da oposição semântica de proveniência e direção dos elementos, o recurso a preposições para marcar a oposição semântica e o emprego predominante do *onde*, merecendo destaque o ponto de enfraquecimento da oposição semântica que, como consequência, gera a necessidade de marcação por preposições. Nos dados da CGE a autora encontra apenas uma ligeira alteração com referência ao uso não preposicionado de *u*, na acepção de proveniência. Comparando os dados da CGE e DSG a autora observou que, na CGE, o *onde* possui ocorrência equilibrada entre os usos com ou sem preposição, com o predomínio do emprego preposicionado. Confrontando essas características com as do sistema depreendido a partir dos dados da DSG a autora não acha prudente falar em oposição de sistemas. A situação dos localizadores na CGE indicaria um desequilíbrio, com forte tendência à predominância de *onde* sobre *u*. Expressando direção, os dois locativos se confundem; o uso sem preposição tanto de um

quanto de outro revela um estágio inicial ainda no processo de mudança anterior à marcação semântica por intermédio de preposições e também há predominância significativa do emprego geral de *onde* (91,48%) sobre *u* (8,51%). O processo de mudança apenas esboçado na DSG já se instaurou na CGE. Na CDF notou-se a predominância de *onde* sobre *u* nas acepções de localização, direção e proveniência sem preposição e com emprego discursivo e temporal; a autora afirma que haveria equilíbrio entre *u* e *onde* preposicionado na acepção de proveniência. Na análise do sistema inicial foi verificada a oposição semântica entre *u* (direção) e *onde* (proveniência), o uso preposicionado revelou a neutralização da oposição semântica entre os dois. Já no sentido de direção, *u* só ocorreria preposicionado; esse uso preferencialmente preposicionado revela o esvaziamento semântico, não apenas de *u*, mas também de *onde*. O declínio da preferência por *u*, indicando direção, confirmou o processo de mudança. Com valor temporal foram registradas, nos dados dos DSG, doze ocorrências de *u* e três de *onde*; como um dos usos possíveis de *ubi* no latim era o de estabelecer relação de tempo, esse emprego em português deveria ser próprio de *u*. A extensão a *onde* atesta a variação entre os dois localizadores. Além da DSG, *u* só aparecerá com valor temporal com uma ocorrência isolada na RSB e outra na CDF. Em contrapartida, há três registros de *onde* na DSG e três na CGE, um na RSB, oito no LC e seis na CDF na acepção de tempo, o que confirma uma substituição muito rápida de *u* por *onde*. Com valor discursivo, foram encontradas oito ocorrências na DSG, mas é no OE que a autora observou duzentos e setenta e oito casos de *onde* discursivo. Segundo a autora, não há registros no LC, sete casos na CGE, dezoito na RSB e oito na CDF. O *onde* discursivo é, segundo Bonfim (1993: 115), uma fórmula que induz uma citação e encabeça um segmento que remete anaforicamente ao que foi dito antes, não necessariamente ao que

está presente no texto, mas à idéia transmitida. A autora registrou também o uso do *onde* com valor de *que*, sem função localizadora. Depois do séc. XV não foram encontradas realizações de *u*, apenas algumas ocorrências esporádicas que concorrem com outras de *onde* e não se repetem nos mesmos autos e nem em outros. Pode-se dizer, com base nos dados do LC, que em meados do séc. XV *onde* já era um pronome-advérbio localizador universal, embora *u* ainda não estivesse em desuso. A preferência por *onde* se faz notar na CGE e a generalização do seu valor localizador só se viabilizou graças ao esvaziamento semântico da acepção de proveniência. Paralelamente ao comportamento da mudança, foram encontrados alguns usos de *onde* hoje desaconselhados pela norma culta: o emprego discursivo, temporal e o equivalente ao pronome relativo *que*. Percebe-se, em sua ampla abordagem diacrônica, que o item *onde* já possuía um caráter polissêmico e também já se registrava variação no sistema de locativos.

Ao que parece, Andrade (1994) foi uma das primeiras pesquisadoras a demonstrar interesse pelo item *onde* com valor não locativo. A autora afirma que o *onde* - advérbio de lugar, interrogativo e, também por desempenhar a função de relação, advérbio relativo - quando antecedido de *de*, dá origem a *donde*, conjunção conclusiva. O *onde* admite como antecedentes, segundo exemplos de Andrade (1994: 183): um nome (ex: “mostre-me o assento *onde* vou ficar”); um pronome (ex: “aquele *onde* todos vão aos domingos”); um advérbio (ex: “lá fora, *onde* todos cantam). O *onde* também vem sendo recentemente classificado como “pronome relativo de forma invariável” ao lado de *que* e *quem*. Segundo a autora, sempre houve empenho, por parte dos normativistas, em distinguir *onde* de *aonde*, mas autores mais sensíveis às influências da norma coloquial (cf. p. ex. Almeida (1962), *apud* Andrade (1994)) já registram a

tendência para anular tal distinção nos registros mais formais. Segundo postula a autora, o *onde* é um substituto de sintagma circunstancial (SC) indicando domínio espacial (DE), referindo-se à economia das repetições do discurso providenciada pelos relativos. Os exemplos estudados mostram que a inserção do item *onde* nas orações em que se usaria um relativo deu-se pela suspensão do sema de domínio espacial do *onde*, permanecendo, para a maioria dos casos, sua função relativa, ou seja, o *onde* continuou servindo de ligação entre duas seqüências. Segundo a autora, quanto maior o nível de complexidade, menor o domínio do estudante sobre o assunto e mais estereotipados os conceitos em sua mente, resultando em maior probabilidade de ocorrência do *onde* com valor diferenciado daquele proposto pela norma. A autora mostra que em certos casos a substituição do *onde* por *donde* resultaria num emprego mais adequado. Documentos arcaicos e referências ao dialeto minhoto e do nordeste brasileiro apresentam usos de *onde* que sugerem para a existência de matizes de *onde* que até hoje não foram reunidos em um estudo mais geral, tais como *onde* equivalendo a *quando*. Tais dados localizados em textos antigos e em dialetos conservadores conduziram à hipótese de que os usos em causa de *onde* seriam um caso remanescente de estágio anterior da língua em vez de uma inovação a ser explicada no âmbito da sincronia.

Cambráia (1996, 2002) pesquisou a origem do *aonde* na língua portuguesa, concluindo que esta forma já entra na língua em variação com o *onde*. Segundo o autor, a forma *aonde* é um elemento com valor locativo que é utilizado significando tanto “lugar a que” quanto “lugar em que”. Duas questões fundamentais investigadas pelo autor foram: a datação do surgimento do *aonde* e a história dos seus valores semânticos. Há duas interpretações distintas para a história dos valores semânticos do *aonde*: Brandão (1963) e Pontes (1992), *apud* Cambráia (1996), postulam que a forma

composta da preposição *a* e do elemento *onde* teria possuído apenas o valor de “lugar a que” e adquirido posteriormente o valor de “lugar em que” – essa é a hipótese da inovação semântica, em que o *aonde* teria adquirido, de acordo com Brandão (1963), *apud* Cambraia (1996), valor de “lugar em que” por influência do espanhol. Ainda de acordo com o autor, outros, como Magne (1950), Ferreira (s.d.) e Pereira (1929), *apud* Cambraia (1996), acreditam que o *aonde* já possuiria ambos os valores desde a sua origem – essa é a hipótese da origem polissêmica. Cambraia (1996) pesquisa as duas hipóteses e, segundo o autor, a hipótese da inovação semântica parece não proceder. Constata o autor que pode ter havido influência do espanhol, mas essa influência não teria atingido o valor semântico dessas formas, mas sim a sua frequência. Como assinala Cambraia (1996): Pontes (1992:28) afirma que “o povo não distingue mais *aonde* de *onde*” - de tal afirmação infere-se que (a) atualmente ambas as formas são utilizadas com os mesmos valores semânticos, (b) em alguma época se faria distinção e (c) a neutralização da diferença entre as formas se daria ao fato do desaparecimento da preposição *a* (com valor locativo). No entanto o autor conclui que essa proposta carece de fundamentos, pois a autora não apresenta dados de que em algum momento houve distinção entre as formas, não precisa em que época se teria dado o desaparecimento da preposição *a* e ignora a existência de usos do *aonde* como “lugar em que” em registros bem antigos como, por exemplo, na obra anônima *A Arte de Furtar* (séc. XVII). Dentre os autores que apóiam a hipótese da origem polissêmica estão Magne (1950), Ferreira (s.d.) e Pereira (1929), *apud* Cambraia (1996). Segundo Cambraia (1996:29), a proposta de Pereira (1929:550-551) é considerar o *aonde* resultante de “uma prothese expletiva de *a*” acrescentada ao *onde*, o que significaria o fato de ambos terem o mesmo uso, pois seria uma variante protética. As evidências favoráveis a tal hipótese foram obtidas com

base na análise a partir dos resultados obtidos por Gonçalves (1993), *apud* Cambraia (1996), no qual se realizou uma análise sincrônica e diacrônica dos fenômenos de prótese e aférese do *a* no português a partir de um *corpus* de textos dos séculos XIII-XIV ao XX. Embora haja muitas evidências favoráveis, a hipótese da variante protética choca-se com a quase unânime interpretação da forma *aonde* como sendo composta da preposição *a* e do advérbio *onde*. Surge uma questão: seria o segmento inicial da forma *aonde* a preposição *a* ou apenas um elemento de natureza fônica sem qualquer estatuto morfológico? Cambraia (1996) investiga tal questão baseado na análise dos dados obtidos a partir da obra trecentista *Livro de Falcoaria*. Sua análise permitiu constatar que o sistema de localizadores formado pelo *onde* e correlatos teria passado por um processo de mudança no português arcaico. Numa primeira fase (sécs. XIII-XIV), ter-se-ia o emprego da forma *u* indicando localização estática e direção, e a forma *onde* indicando procedência/proveniência. Por causa de um esvaziamento semântico das acepções de proveniência e direção e da progressiva adoção de preposições, teria ocorrido uma confusão no uso dessas formas, em que o *onde* passaria a um localizador universal e o *u* cairia em desuso. Se a preposição *a* (com valor locativo) fosse anexada à forma *onde* para se estabelecer uma oposição semântica entre permanência e direção, por que então tais formas estariam em variação no *Livro de Falcoaria*? O que o autor concluiu é que a sua função opositiva estaria estabelecendo uma distinção entre “lugar em que/lugar a que” de “lugar de que”, visto que inicialmente a forma *onde* tinha esse valor. A função da anexação do *a* seria então para reforçar os valores de permanência e direção adquiridos pela forma *onde* e a forma *donde* assumiria o valor de proveniência - portanto, o *aonde* já possuiria os valores “lugar em que/lugar a que” desde a sua origem, não cabendo aqui a hipótese da inovação semântica. O autor constata que o *aonde* não

seria apenas uma variante do *onde*: seria uma forma com reforço preposicional que teria como função demarcar os valores de “lugar em que” e “lugar a que” recém adquiridos pelo *onde*. Tal fato afasta a possibilidade de que o *aonde* fosse uma variante protética do *onde*, pois, se o fosse, teria de ocorrer com os mesmos valores “lugar a que”, “lugar em que” e “lugar de que”, mas *aonde*, segundo constata o autor, ocorre apenas com os valores de “lugar a que” e “lugar em que”.

Kersch (1996) fez um estudo aprofundado sobre o item *onde*. Partindo de uma visão funcionalista, a autora pesquisou os usos do item *onde* no português a partir de dados coletados de fala (recolhidos de programas de rádio e televisão, situações formais de comunicação) e escrita (recolhidos de salas de aula, redações escolares, testes e trabalhos monográficos, artigos, livros e matérias de jornais e novelas), recolhidos em uma coleta assistemática. Também uma coleta sistemática sobre material escrito e falado foi feita, os materiais escritos que compuseram o *corpus* foram provas de primeiro e segundo graus, redações de alunos de graduação e trabalhos de conclusão de mestrado. O *corpus* de fala foi composto de gravações de dois programas de televisão. No quadro teórico a autora não adota o modelo variacionista, ainda que o seu trabalho aborde caso de variação, por três razões: segundo ela, não se está fazendo o estudo de duas formas que são usadas para expressar o mesmo significado (apesar de não ser este o foco de sua pesquisa, em seus *corpora* foi possível, através de leitura atenta, verificar a variação entre *onde* e *aonde* expressando um mesmo valor locativo)⁴, construções sintáticas ocorrem com menos frequência que variáveis fonológicas nas entrevistas e a partir de um levantamento inicial em cinco entrevistas do projeto VARSUL foi

⁴ Exemplos com valor de "lugar em que" extraídos do anexo de Kersch (1996): "É só você ligar nas linhas que vão acontecer aí, datas locais *onde* o posto vai estar." (dado 1) / "é só você ligar nas datas e locais *aonde* o posto móvel vai estar." (dado 22).

encontrada apenas uma ocorrência do *onde* não previsto pela norma, sugerindo, assim, que o contexto da entrevista não favoreceria o estudo pretendido, ou seja, o estudo do uso do item *onde* com valores outros que o locativo. A autora trata da questão do *onde* funcionar como um pronome relativo e um conectivo, além de outros usos não-canônicos (não aceitos pelas gramáticas tradicionais, tal como o *onde* com valor conclusivo). A partir de um projeto-piloto, a autora conclui que o *onde* vem sendo usado, na escrita e na fala, como um elemento de coesão e como um relativo indicando tempo e espaço, mais percebido na escrita mas não-inexistente na fala. Como elemento coesivo, é usado com idéia de explicação, conclusão e adição. Como relativo, retoma antecedentes que indicam lugar e/ou tempo, ou eventos – que mantém implícita ou explícita a idéia de lugar e tempo. A hipótese foi comprovada a partir de teste de percepção em que alunos e professores, com exceção dos professores de português, não perceberam a presença do *onde* com valor diferente do previsto pela tradição gramatical (valor estritamente locativo), mostrando que o seu uso “fora dos padrões” não é perceptível pelo falante. Também sobre a história do item *onde*, a autora mostra que já em Camões esse item era usado com valores outros que apenas locativo: “Nossas leituras e pesquisas nos levam a crer que existe - ainda que à revelia dos puristas – esse *onde* discursivo, que vem se mantendo desde o português arcaico.” (Kersch (1996:69)). A investigação acerca dos usos do *onde* permitiu, num primeiro momento, identificar em que contextos esse item aparecia com valor diferenciado: o contexto formal explicativo. Foi possível ainda visualizar melhor os sentidos com os quais o *onde* era usado: verificou-se que havia uma grande frequência de *onde* discursivo usado como elemento de coesão seqüencial para ligar orações estabelecendo uma relação de conclusão com valor aproximado a *de modo que*, *com o que*, e *assim*; constatou-se

também um *onde* relativo retomando um espaço *nocional*, ou seja, uma noção abstrata, do domínio das idéias em que o *onde* poderia retomar um parágrafo, um texto ou um exemplo como lugar; esse sendo atestado em varias épocas, sugerindo que tal uso esteja já consolidado na linguagem formal. Além de confirmar, entre as ocorrências não-padrão, o seu uso distribuído entre as acepções de lugar abstrato, tempo, posse (preenchendo uma lacuna deixada pelo *cujos*), coisa e evento (ou seja, retomando um evento em que o falante analisa o referente como um lugar, não ocorrendo com frequência nos *corpora*). A autora buscou a origem do item *onde* e verificou que no latim havia quatro formas distintas para indicar lugar: *ubi* (“lugar onde”), *quo* (“lugar para onde”), *unde* (“lugar de onde”) e *qua* (“lugar por onde”). *Ubi* no português arcaico, passou a ser *hu* e *u*. As demais formas deram lugar a *hu*, *u*, *unde*, *onde* e *honde*, que eram usadas indistintamente, já com idéia de “lugar onde”, “lugar de onde”, “lugar para onde”, usando algumas vezes preposições para indicar procedência e direção. Essa distinção, segundo a autora, nunca foi muito clara e afirma que a distinção atual feita pelos gramáticos entre *onde*, *aonde* e *donde* nunca pareceu muito importante para os clássicos, visto que usavam tais formas indistintamente. A autora também buscou o funcionamento do advérbio locativo no espanhol e no alemão e verificou que, tal como no português brasileiro, a diferença não é muito clara entre as circunstâncias de tempo e lugar, o que faz com que um advérbio de tempo seja usado por um advérbio de lugar e vice-versa, constatando, assim, os usos diferenciados também em outras línguas. Kersch (1996: 96) conclui que os usos diferentes do relativo *onde* bem como o *onde* com valor *discursivo* se dá na fala/escrita de pessoas com certos conhecimentos de norma culta. Nota-se que é um argumento bastante forte, visto que esses usos não têm o estigma de arcaico como o *cujos* e o item em questão pode ser compreendido por qualquer ouvinte.

Seu uso verificado na pesquisa está tão consolidado que, quando é usado, poucos percebem a sua suposta inadequação. Esse estudo detalhado da forma *onde* vem corroborar ainda mais a hipótese de variação existente no sistema de locativos aqui descrito, além de confirmar que já no português arcaico esse item adquiriu um valor polissêmico, o que não é registrado nas gramáticas.

Diniz (1997) observou em redações de candidatos ao vestibular da Instituição Toledo de Ensino de Bauru o emprego abusivo do item *onde* como elemento de união de orações. Seu estudo registra um uso mais amplo do que o registrado pelos gramáticos. Seu trabalho procurou estabelecer uma tipologia do *onde* e interpretar seu emprego no discurso escrito. Levantaram-se assim duas hipóteses: a primeira hipótese foi a da influência do código oral na escrita e a segunda hipótese baseou-se na própria natureza do *onde* como termo relacional, usado para estabelecer relação entre orações. Seu *corpus* foi constituído de sessenta e um (61) parágrafos com setenta e quatro (74) ocorrências. Por sua etimologia, segundo o que afirma a autora, o *onde* seria considerado como o resultado de um sintagma preposicionado (SP) que contém a noção da preposição *em*. O complemento iniciado por *onde* é composto pela idéia geral de lugar e de sua determinação particular (espacial ou situacional). Analisando o emprego efetivo do *onde* nos textos dos alunos foi possível estabelecer uma nova conceituação: observou-se que em todas as frases analisadas, a escolha do *onde* como elemento coesivo de ligação pareceu centrada na idéia de estabelecer uma relativização (funcionando como um mero relativo), e, para isso, era necessário haver algum elemento na frase principal que pudesse ser retomado pelo item *onde* na frase encaixada, estabelecendo, a partir de então, segundo a classificação adotada pela autora,

quatro tipos⁵ de relação: TIPO 1 - antecedente que indica um lugar [+ lugar] 12 ocorrências; TIPO 2 - antecedente que não indica lugar [- lugar] 34 ocs.; TIPO 3 - antecedente ausente [ant. Ø] 16 ocs.; e TIPO 4 - antecedente impróprio (em que o antecedente seria uma das palavras da oração principal, mas não imediato) [ant. impr.] 12 ocs. A autora não encontrou evidências favoráveis à hipótese da influência do registro oral e optou por não afirmar se há ou não pressão do registro oral na escrita, conforme primeira hipótese aventada. Em alguns casos houve a tendência inicial de se justificar o emprego do *onde* pela necessidade de o aluno querer fazer uma pausa, o que representaria reflexos da oralidade na escrita. Quanto à segunda hipótese, o uso do *onde* decorreu da necessidade de estabelecer certo tipo de relação, ele entra como forma de retomar um termo expresso anteriormente. O que conclui a autora é que prevalece a recuperação de um SP introduzido ou subentendido por *em* na frase matriz, podendo ser lugar físico, abstrato, um fato, uma situação, um estado determinado a que se chegou e *etc.* Essa retomada não leva em conta o traço [+ lugar], imprescindível para os gramáticos. De acordo com os dados da autora, dos 21 casos aceitáveis, apenas 12 têm o traço [+ lugar], do mesmo modo, podem-se considerar pertencentes ao traço [- lugar] as ocorrências dos tipos [ant. Ø] e [ant. impr.] que, somadas, atingem 83,78% das ocorrências. A mais freqüente substituição foi efetivada por conjunções subordinadas ou coordenadas e com outras formas do pronome relativo. Segundo Diniz (1997:487), “o *onde* nasce da necessidade de estabelecer relação. Considerando-se que qualquer

⁵ Exemplos extraídos de Diniz (1997: 483):

TIPO 1 – “nesse sítio existe um quintal revertido de encantamento, *onde* descobre-se um ninho feito por um joão-de-barro...”

TIPO 2 – “sendo a criança o centro de interesse da célula unifamiliar conservando a divisão de papéis, *onde* a mãe é aquela que cuida e protege seus filhos...”

TIPO 3 – “esses contos começam *onde* a criança realmente se encontra no seu estágio psicológico emocional.”

TIPO 4 – “devido ao crescimento da população a violência foi aumentando cada vez mais, *onde* foram surgindo guerras entre povos e hoje guerras entre nações.”

raciocínio tem um ‘lugar’ em que começa, o ‘espaço’ pelo qual se passa e para o qual se encaminha, o aluno encontra a possibilidade de encadear as suas idéias utilizando um elemento polivalente, polissêmico. No latim foi um advérbio e pronome, passando pela noção de procedência para depois fundir-se à noção de situação. Podia também significar *por isso, por conseguinte* no dicionário latino, o que, segundo a autora, justificaria alguns empregos analisados nas redações (06 ocorrências)”. De acordo com Diniz (1997:487), Silveira (1964) acusa a possibilidade de o item *onde* significar *e assim* no português arcaico, o que representou quatro ocorrências no *corpus* analisado, Ferreira (s.d.) acusa, em seu dicionário, a possibilidade do *onde* significar *quando* e *enquanto*, como regionalismo, o que representou três ocorrências no seu *corpus*.

Sartori (1998) pesquisou os usos de *onde* e *mas* em textos de alunos. A autora trabalhou com a noção de *nexo* lingüístico (conjunções e pronomes relativos) usando uma proposta pedagógica que visa melhorar o desempenho do aluno em relação ao seu uso. A pergunta que norteou a pesquisa foi: quais seriam os nexos mais freqüentemente usados inadequadamente pelos alunos? Sartori procurou analisar as explicações dadas pelos próprios alunos às formas consideradas inadequadas pelo professor, visto que os estudos visavam ao ponto de vista do professor como leitor, ou seja, o professor analisando o erro. O trabalho tentou responder às seguintes questões centrais: (a) quais os erros mais freqüentes quanto aos usos dos nexos; (b) como o aluno explica o seu texto e o texto do outro; (c) como o erro pode ser analisado sob a perspectiva da gramática tradicional e da lingüística textual. O objetivo fundamental foi o de verificar as regularidades subjacentes ao uso inadequado de nexos pelos alunos. A amostra compôs-se de alunos do 3º ano do 2º grau e que cometeram “erros” na produção de textos argumentativos. Uma primeira análise dos dados revelou que os nexos mais

freqüentes usados inadequadamente pelos alunos foram: *onde*, *porém*, *no entanto*, *não obstante* e *contudo*. A partir daí resolveu-se dividir os erros em dois grupos: o uso do *onde* e o dos conectores adversativos. Especificamente em relação ao uso de *onde*, verificou que setenta por cento dos alunos apresentaram problemas quanto ao seu uso. As respostas dadas pelos alunos, explicando a função de *onde*, foram agrupadas da seguinte forma: termo anafórico; termo anafórico retomando antecedente de lugar; referente implícito; termo catafórico; e conector. Os resultados encontrados foram os seguintes:

a) *Termo anafórico*: dezoito alunos utilizaram o *onde* como pronome relativo sem referente de lugar - uma das interpretações foi a do *onde* como *no qual*, exercendo a função de anafórico, relacionando os termos e mantendo a coesão textual e também a coerência (segundo uma abordagem da Linguística Textual).

b) *Anafórico retomando antecedente de lugar*: (i) *referente distante*: “... a sociedade impõe um ritmo de vida *onde* pessoas buscam resolver seus problemas sozinhas...” – em uma primeira leitura, o destinatário busca o referente de *onde* em “ritmo de vida”, porém o aluno quer que o leitor o entenda como “na sociedade”, ou seja, estabeleça um referente não explícito (há uma inadequação pela distância entre o termo anafórico e o seu controlador, reforçada pela distância de outro referente entre eles); (ii) *pseudo-referente*: “...deixando pra trás uma parte da vida. A mocidade, *onde* estão os sonhos e ideais...” – nesse exemplo, a aluna interpreta “mocidade” como lugar, questão semântica.

c) *Referente implícito*: segundo a autora, após uma análise mais aprofundada, concluiu-se que um número significativo de alunos utiliza o pronome *onde* como anafórico de um referente implícito de lugar – por exemplo, em “... um grande número

de pessoas trabalha por salários exploradores *onde* não se paga nem mesmo a metade do que se merece...” o leitor se depara com uma incoerência (salários exploradores aos quais não se paga (?), nos quais não se paga (?), através dos quais não se paga (?)), não havendo possibilidade de *onde* se referir a “salários exploradores”.

d) *Termo catafórico*: “álcool é uma droga legalizada, *onde* no Brasil se vende tanto em restaurante quanto em botecos de esquina” – nesse exemplo, retirado de Sartori (1998), o *onde* não se refere a um antecedente de lugar, assim, o aluno o utiliza como termo catafórico, papel em que o *onde*, além de não formar a cadeia “droga”, promove a repetição do item “Brasil” no mesmo segmento (pode-se concluir então que o aluno comete uma inadequação por desconsiderar uma regra que prevê que alguns elementos retomam termos ao invés de antecipá-los).

e) *Conector*: sete alunos utilizaram o *onde* como conector e, segundo eles, esse termo poderia ser substituído por *mas*, *por isso*, *pois*, *logo* e *porque* (as relações estavam adequadas às substituições realizadas por estes: a dificuldade reside em admitir que o *onde* possa ser tão polissêmico).

Sartori (1998) conclui, portanto, que em relação a todos os grupos formados, quando o aluno conhecia o valor normativo do nexos este era mantido, mesmo que utilizando de estratégias que o fariam buscar referências implícitas e distantes. Mas, quando o aluno não conhecia o valor normativo do nexos, procurava manter a coesão/coerência do texto. Percebeu ainda a autora que os alunos usavam o *onde* retomando antecedentes distantes ou implícitos.

Neves (2000) define *advérbio* como uma palavra invariável do ponto de vista morfológico, mas encontram-se casos restritos de advérbio flexionado em gênero e número e são considerados erros pela gramática normativa. Do ponto de vista sintático,

o advérbio é uma palavra periférica, funcionando como satélite de um núcleo. Ele pode ser considerado periférico em um sintagma, incidindo sobre o seu núcleo, periférico em um enunciado, incidindo sobre a oração ou proposição e periférico no discurso, incidindo sobre todo o enunciado (já modalizado). Dentro da classe dos advérbios existe a subclasse dos advérbios modificadores, que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, e a subclasse dos advérbios não-modificadores, que não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem. Na subclasse dos advérbios não-modificadores encontram-se os advérbios que não operam sobre o valor de verdade da oração: dentro dessa categoria há os advérbios circunstanciais de lugar, subcategoria em que está inserido o *onde*. Segundo Neves⁶ (2000:239), há um advérbio de lugar usado para interrogar, e essa interrogação pode ser direta, mas também pode ocorrer integrada em uma oração nuclear, funcionando como seu complemento, caso em que se tem a interrogação indireta – exemplos dados pela autora para esses dois tipos de interrogação: “*Onde* está o Eduardo?” e “Quis saber *onde* se encontrava o camarada.”. Segundo Neves (2000:239), o advérbio *onde* significa “em que lugar” - quando ele está precedido das preposições *para*, *a* e *de*, a indicação passa a ser de direção ou de origem, respectivamente: “*De onde* você tirou esse nome?” e “*Para onde* iria Ângela, então, eu não sabia.”. Com a preposição *a*, o advérbio *onde* faz uma combinação formando uma só palavra: “*Aonde* você quer chegar?” e “A senhora sabe *aonde* eu posso encontrar esse pai-de-santo?”. Em relação aos pronomes relativos, Neves (2000) afirma que o *onde* expressa uma indicação locativa dentro do constituinte relativo. Segundo a autora, o pronome *onde* também nunca se refere a pessoas e tem a característica de ser um pronome invariável em gênero e número. De acordo com a autora, o pronome relativo

⁶ Os exemplos foram extraídos de Neves (2000: 239).

onde é um elemento nuclear, ou seja, por si próprio constitui o núcleo de um sintagma, tradicionalmente chamado *pronome substantivo*. O pronome *onde* sempre funciona como adjunto ou complemento adverbial de lugar e, quando possui antecedente, é sempre equivalente a “em que”. No entanto, assumindo uma postura normativa, Neves (2000:373) afirma que “o pronome relativo *onde* é muitas vezes empregado equivalendo a ‘em que’, mas sem valor locativo, *o que não tem justificativa*” (grifo nosso).

Marinho (2001) investiga as estratégias de elaboração do texto científico (estruturação tópica, condensação de idéias, supressão de redundâncias e ambigüidades). À luz do modelo genebrino desenvolvido por Roulet (1999), *apud* Marinho (2001), a autora analisou as relações discursivas do item *onde* em textos de alunos. Segundo a autora, o *onde* atua como conector responsável pela “ligadura” entre constituintes discursivos. Ao contrário do que ocorre com outros conectores, cuja instrução lexical já oferece informações que auxiliam a interpretação do discurso, o *onde* não oferece uma instrução argumentativa específica, sendo necessário considerar os conteúdos preposicionais e ilocutórios dos segmentos por eles ligados.

Souza (1999) reporta os resultados das ocorrências do *onde* numa amostra constituída de doze inquéritos pertencentes ao PEPP/90 e ao NURC/SSA/90. O *onde*, na tradição gramatical, tanto está presente na classe dos pronomes relativos quanto na classe dos advérbios. Os gramáticos são concordes em considerar o *onde* como um referente de lugar, equivalente a “lugar em que”, “no qual”. Enquanto alguns gramáticos (a autora não cita explicitamente quais) se restringem a se referir ao *onde* apenas como um referente de lugar físico, autores como Faraco & Moura (1997) e Cereja & Magalhães (1999), *apud* Souza (1999), já admitem a existência de usos que contrariam essa concepção, evidenciando uma variação no emprego desse pronome. A análise

realizada na amostra demonstra uma expansão no uso do *onde*, indo desde o emprego da forma canônica (estritamente locativa) a outros usos menos previsíveis. Para se empreender a análise dos dados, a autora tentou organizar o grupo de fatores por tipo de ocorrência. Foi levada também em consideração a análise feita por Tarallo (1983), *apud* Souza (1999), sobre as estratégias de relativização, vistas por esse autor como uma das grandes mudanças sintáticas ocorridas no português brasileiro. Foram consideradas essas estratégias pelo fato do *onde* apresentar comportamento equivalente ao *que* em diversas estruturas frasais. A autora constata que os pronomes relativos estão perdendo suas propriedades pronominais (Castilho (1997), *apud* Souza (1999)), restringindo sua atuação gramatical à de uma simples conjunção sem papel funcional. A autora observa que o *onde* comuta com o *que* em diversas situações de uso. Ao retomar o conceito de gramaticalização, a autora explica como é o percurso empreendido por uma forma: ela muda de categoria sintática (recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre mudanças fonológicas e de significado, deixa de ser uma forma livre e até mesmo pode desaparecer (como uma “cristalização extrema”). Os itens em processo de gramaticalização são polissêmicos e é nesse estágio que se verifica, segundo a autora, o processo de metaforização e o princípio da iconicidade. Em seu estudo, a faixa etária selecionada compreendeu as faixas 2 (25-35a) e 4 (65a em diante). A autora observou, na faixa 4, usos típicos de modalidade oral, o *onde* catafórico e mesmo de valor dêitico. A língua falada determina, pelas suas características, maior espaço à dêixis, nos termos de Halliday (1985); e, dentro da endoforicidade, dá-se maior peso à catáfora. A linearidade determina a necessidade de apontamentos prévios, de indicações anunciadas, para aproveitar o total aproveitamento da mensagem, para garantir que não se perca nada na informação. Ao se comparar o resultado da análise das ocorrências da

faixa etária 2 com as da faixa 4, a autora concluiu que os usos mais conservadores, mais de acordo com os cânones gramaticais, se encontram na faixa 4, pela maior incidência do *onde*, lugar concreto, com antecedente e sem antecedente; muito embora também ocorra, na faixa 4, o *onde* fora dos padrões normativos. Pode-se concluir que o *onde* está passando por um processo típico de mudança lingüística: está se gramaticalizando. O *onde*, referente espacial/lugar concreto, apresenta-se no *corpus* com outros valores: como de uso anafórico, mas com valor de espaço abstrato, referindo-se a tempo e noção, evidenciando um processo de metaforização. Apresenta-se com um esvaziamento maior do seu sentido, como um mero complementizador, destituído das suas características de pronome e assumindo as características de conjuntor, à semelhança do *que*. Afirma a autora que esse item se apresenta, no discurso, ainda mais gramaticalizado, em estruturas frasais da língua oral de uma forma surpreendente, tais são as possibilidades de uso que o falante imprime, levando-o a concorrer com outros itens presentes em estruturas previsíveis. Entrevê-se que o *onde*, em tempo aparente, se apresenta em processo de mudança, na fala de Salvador.

Em um estudo comparando os usos de *onde* e *où*, Souza (2002) baseia-se em trabalho de Hadermann (1993) para a investigação. Souza faz um estudo sobre o item *onde* no português falado de Salvador. Segundo a autora, as gramáticas do português são pouco elucidativas em vários aspectos no que se refere ao item *onde*, isso por conta do tratamento, sobretudo econômico, quando não ambíguo, que é dado a esse item. Souza (2002) identificou a existência de semelhanças entre o *où* francês e o *onde* a partir de levantamentos feitos sobre esse item e comparando com o que postula Hadermann (1993). A autora afirma que o *où*, segundo Hadermann, ainda não foi exaustivamente estudado. Há muitas lacunas nas gramáticas. Os gramáticos não se

fundamentam em critérios sólidos para estabelecer a separação entre um pronome relativo empregado sem antecedente, um interrogativo e uma conjunção de subordinação. O único ponto sobre o qual todos parecem concordar, afirma ele, é a função que teria o pronome relativo na subordinada. Atribui, à ausência de maior rigor no estabelecimento das categorias, a dificuldade de classificar o *où*, que se insere em muitos paradigmas: no paradigma dos relativos; interrogativos; no conjunto fluido das locuções conjuntivas. O *où* exprime, fora de contexto, a indeterminação de lugar. Segundo Souza (2002), Hadermann discute o valor do *où* a partir de seus diversos empregos e diz que todos esses são locativos e são marcados por um “valor não-fixado”, por uma indeterminação que tende a reagrupá-los e a ter um único *où* na língua, conhecendo diversos empregos. Como o *où*, o *onde* é, segundo Souza, polifuncional e polissêmico. Essa é a dificuldade encontrada pelos lingüistas para classificá-los e definí-los. O *onde* recebe muitas designações conforme critérios de análise: advérbio relativo, advérbio conjuntivo, pronome advérbio, advérbio interrogativo, pronome relativo, relativo indefinido, advérbio pronominal. Souza (2002) salienta um ponto relativo ao *où* e ao *onde*: a questão da análise das orações em que esses itens aparecem sem antecedente em estruturas declarativas e em estruturas interrogativas. Quando a oração é constituída de antecedente, a questão torna-se mais consensual: *onde* e *où* se comportam como os outros elementos relativos, com duplo papel, referindo-se a um termo antecedente, servindo ao mesmo tempo de elo subordinante à oração que iniciam – subordinadas adjetivas. Quando o *onde* ocorre sem antecedente, as divergências de análise são bastante significativas: há autores que propõem o desdobramento do *onde* em “no lugar em que” tornando a oração com relativo em subordinada adjetiva. *Où* e *onde* exercem função sintática de adjunto adverbial ou de complemento relativo, e

também podem ser precedidos de preposição. No que se referem ao valor semântico, conclui a autora que ambos são polissêmicos, expressando valor locativo, conclusivo e temporal.

Souza (2003a) afirma que, nas gramáticas normativas, o *onde* é entendido como um elemento gramatical de natureza híbrida: é pronome, é advérbio. Afirma a autora que nem sempre há consenso na classificação desse item e mesmo há redundâncias em suas exemplificações, não estabelecendo diferença para o *onde* que está na classe dos pronomes e o *onde* que está na classe dos advérbios. Na gramática descritiva, as orações com *onde* constituem as orações subordinadas adjetivas explicativas e as restritivas. Segundo a gramática normativa, o *onde* pode ocorrer como relativo com antecedente e sem antecedente. Com antecedente, há consenso entre os gramáticos⁷: refere-se apenas a lugar físico, outros usos abstratos são veementemente condenados. Quanto ao *onde* sem antecedente, existem divergências nos procedimentos de análise. Alguns gramáticos sugerem o desdobramento de *onde* em “lugar em que” e outros sugerem a transposição de orações. Baseando-se em dados da língua oral (PEPP/90 e NURC/SSA/90) a autora realiza uma análise do item *onde* na língua portuguesa. Segundo a autora, o *onde* ocorre, nesses *corpora*, em sentenças afirmativas, interrogativas diretas e indiretas, encabeçando orações relativas padrão; não-padrão; orações subordinadas substantivas encaixadas em verbo transitivo; orações adverbiais locativas; orações absolutas interrogativas; “frases feitas” e outras construções como mero elo coesivo. As relativas padrão são estruturas em que o *onde* ocorre com seu valor primeiro de espaço físico; as não-padrão são usos do *onde* equivalendo a outros relativos, com valor de espaço abstrato, nocional, de tempo e de posse, em maior ocorrência. O *onde* nas estruturas

⁷ A autora não cita explicitamente quais gramáticos foram consultados.

subordinadas substantivas, nas locativas e nas absolutas interrogativas é usado com maior incidência com seu valor de espaço físico, com ocorrências também mais abstratas, com referência a noção, tempo e posse. Nas ocorrências “frases feitas”, o item é mais abstrato e com um uso mais cristalizado, assim como é o *onde* discursivo; ou seja, um mero elemento que tem a função de conectar orações. A autora observou esses usos do *onde* na perspectiva da Teoria da Gramaticalização e concluiu que, mais do que identificar processos de mudança do ponto de vista da recategorização e da alteração semântica por que passa esse item gramatical, mostra que também na estruturação sintática e discursiva se podem identificar processos de mudança. Uma oração sozinha, independente, é a nuclear. Entre as orações que formam a margem, são identificados três tipos semanticamente distintos: as que funcionam como sintagmas nominais (chamadas complemento), as substantivas; as que funcionam como modificadores do nome (as adjetivas) e as que funcionam como modificadoras de frase ou proposições inteiras (as adverbiais). Consideradas pelo grau de dependência, as adverbiais e as apositivas (as adjetivas explicativas) são vistas como menos dependentes do que as substantivas e as adjetivas restritivas, em algumas línguas ou em alguns estágios de uma língua. As orações adverbiais e as adjetivas estariam no nível da hipotaxe [+ dependente, - encaixada] e têm um grau menor de interação do que as que fazem parte das subordinadas - as substantivas e as adjetivas restritivas. Observando-se as ocorrências do *onde*, percebe-se que há um percentual significativo de relativas restritivas e substantivas no *corpus* utilizado pela autora, evidenciando um grau de encaixamento maior desse item nas estruturas complexas. A autora observou o *onde* em estruturas mais compactas, nas “frases feitas” e em estruturas pseudo-locativas (estruturas em que há um *onde* discursivo), mesmo nas repetições em que se observou a

sua ocorrência no nível do sintagma e no nível da oração. Também se observam as sentenças interrogativas absolutas com *onde*. Hipotetiza-se que essas ocorrências possam atender ao subprincípio da adjacência, dentro da iconicidade: as estruturas sintáticas mais integradas devem refletir maior integração no plano conceptual e as menos integradas devem refletir menor integração. O que se constatou nos dados é que o *onde* se apresenta na dinâmica da língua falada de forma inovadora, em estruturas mais integradas, sendo preenchido de valor lexical pelos elementos de referência, explícitos ou diluídos no discurso: “é o sentido formando a estrutura para atender à comunicação” (Souza (2003a)).

Souza (2003b) observa que nos estudos diacrônicos tem sido investigada a origem das formas gramaticais e o caminho que essas percorrem no sentido da mudança, no sentido em que itens lexicais se tornam gramaticais e itens gramaticais se tornam mais gramaticais. Nos estudos sincrônicos, a gramaticalização é vista como um fenômeno primariamente sintático-discursivo-pragmático para ser estudada do ponto de vista dos padrões fluidos da linguagem. Para observar o uso do *onde* no português arcaico e no português atual, foram tomados exemplos retirados de edições críticas de dois manuscritos do séc. XIV (*Os Diálogos de São Gregório* e *Flos Sanctorum*) e exemplos de um *corpus* da língua oral baseado no PEPP/90 e no NURC/SSA/90. Etimologicamente o *onde* é proveniente da forma latina *unde*, que significa “lugar donde”. No sistema latino clássico havia as formas *ubi*, indicando “lugar onde”; *unde*, indicando a proveniência; *quo*, indicando a direção “lugar para onde”; e *qua*, “lugar por onde”. Segundo a autora, *quo* e *qua* são os casos ablativos dos pronomes relativos, com função de complemento circunstancial ou adjunto adverbial; *ubi* e *unde* advérbios de lugar interrogativos e relativos. De acordo com a autora, no latim clássico parece haver

uma regularidade maior no uso dessas formas. No latim vulgar, *ubi* era empregado por vezes para substituir *quo* e *unde* para substituir freqüentemente *ubi*. Na fase medieval, há registros de *ubi* e *unde* fazendo as vezes de pronomes relativos. O uso pronominal desses advérbios, de acordo com Souza (2003b), é considerado como muito antigo, remetendo ao latim arcaico. As formas latinas clássicas relativas ao atual *onde* eram organizadas num paradigma de quatro formas e passaram por processos variação e mudança ao longo dos séculos. No português arcaico, conforme registros nos *Diálogos de São Gregório*, permanecem basicamente duas formas que acumulam significados e funções: *hu* (< *ubi*) significando “onde” e “para onde”, e *onde* (< *unde*) significando “de onde”. Tais formas ocorrem em interrogativas diretas e em sentenças afirmativas. *Onde*, como traço semântico básico, ocorre com valor quer espacial, quer nocional (abstrato), quer temporal, quer possessivo, quer contextual. Posteriormente o *hu* cai em desuso, permanecendo o *onde*, que assume significados e funções das outras formas, por vezes precedidos de preposição, quando requerida. No português padrão atual, registram-se as formas *aonde* e *donde* para assinalar a direção e a proveniência, respectivamente. Pela formação etimológica do atual *onde*, vê-se que seu significado primário é espacial. As formas latinas são advérbios locativos formados de pronomes e desde o latim arcaico assumem, ao lado da função de referenciador de circunstância, a função de pronome. Essa ambigüidade categorial permanece no português arcaico e nas descrições/ prescrições do português contemporâneo. Baseando-se nas ocorrências do *onde*, a autora opta por considerá-lo como pronome ou como pró-forma. O *onde* possui um significado locativo genérico, “lugar em que”, referente ao espaço físico, mas assume valores mais abstratos, por transferência metafórica, proporcionada por fatores de ordem cognitiva, semântica e pragmático-discursiva. Afirma a autora que o que se verifica são

usos conviventes, sobrepostos em camadas num processo em que as camadas mais antigas não são descartadas, mas podem continuar a existir em interação com as novas. Nos dados do séc. XIV, a maior quantidade de orações registradas são as relativas padrão, de valor locativo, espaço físico computando as ocorrências com *hu* e *onde*. Os dados da língua oral contemporânea oferecem, do ponto de vista semântico, ocorrências equivalentes ao *onde* encontradas no português arcaico, com as formas *hu* e *onde*. Além disso, no que se refere às ocorrências em sentenças que vão da relativa considerada padrão à não-padrão, a linguagem falada apresenta certos arranjos sintáticos - construções em que se identifica um *onde* mais abstrato, de uso mais cristalizado, ocupando outros espaços. A comparação entre duas sincronias leva a concluir que a gramaticalização deste item se dá pela conjunção simultânea das propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, ativadas nas situações de uso. Forças que operaram no passado continuam a operar, mas os fatores sociocognitivos que atuam numa determinada sincronia fazem emergir novos sentidos cristalizando formas já existentes. Souza (2003b) trata ainda da relação que o *onde* estabelece com outros elementos no discurso, como item fórico, proporcionada por fatores de ordem cognitiva e comunicativa. Ao se observarem os referentes do *onde*, esses podem ser identificados à esquerda – *onde* anafórico – e à direita – *onde* catafórico. Como elementos da gramática que codificam relações espaciais, podem-se destacar SNs, SPs, dêiticos adverbiais espaciais, locuções adverbiais, locuções prepositivas, assim como orações e também referentes situacionais não explícitos no contexto.

Por fim, Manfili (2003), partindo de uma visão sociocognitivista da linguagem buscou retratar o emprego das construções *onde* segundo pressupostos da Linguística Cognitiva. Apresentando uma análise parcial das construções *onde* no texto escrito culto

(textos técnico/científicos e jornalísticos), situando-as em uma rede polissêmica, a partir da noção central de espaço físico [+ concreto] até concepções metafóricas mais abstratas de espaço nocional, de espaço textual, de espaço como entidade/atividade social e de espaço temporal, a autora apresenta a hipótese de que o uso das construções *onde* atuam em uma rede polissêmica, sinalizando um processo de gramaticalização. Em busca de um escopo teórico cognitivista, a autora elege como fundamentação principal a Teoria da Metáfora (Lakoff & Johnson (2001)), *apud* Manfili (2003) e as categorias de Polissemia de Martins (1999) e Redes Categoriais de Salomão (1996). Para a lingüística cognitiva, o que está ocorrendo nessas sentenças seria uma *variação polissêmica*: uma palavra deixa de ser concebida nos moldes de uma categoria clássica internamente “composta” de certas propriedades necessárias e suficientes (traços de significado) e passa a ser vista como uma categoria que relaciona diferentes modelos cognitivos, os quais configuram maneiras distintas de compreender um certo domínio conceitual (Martins (1999:87), *apud* Manfili (2003)).

As hipóteses que guiaram as análises foram:

- Hipótese 1: as construções com *onde* têm uma *estrutura radial* que se expande, *motivando* uma rede polissêmica metafórica;
- Hipótese 2: a construção central dessa rede conceptualiza o *espaço físico concreto* e motiva uma rede conceptual de *espaços* mais abstratos;
- Hipótese 3: a metáfora básica estruturante dessa rede polissêmica seria “*a metáfora do container*”.

Com base em Salomão (1996) e na hipótese da radialidade (cf. hipótese 1 acima), podem-se enxergar *redes polissêmicas* na multiplicidade das acepções funcionais de classes lexicais, como os advérbios. Para que uma forma se gramaticalize,

ela deve ter participado de um processo de expansão polissêmica, que engloba os seguintes aspectos:

- a) As formas gramaticalizadas relacionam-se radialmente com as construções básicas de que precedem;
- b) A irradiação produzida é figurativa por natureza e, por essa razão, cognitivamente motivada;
- c) A extensão figurativa de que se trata projeta a estrutura imagética do domínio-fonte no domínio-alvo, sendo preservada a integridade conceptual desse último (Princípio da Invariância);
- d) As formas gramaticalizadas correspondem à recategorização e reanálise formal das respectivas formas motivadoras, tornando, por conseqüência, opacificada a relação de irradiação.

Nos termos de sua hipótese, o uso de *onde* se enquadra na categoria central – *espaço físico* - da rede polissêmica, que motivará as demais acepções de *espaço*. Puderam ser observadas outras ocorrências, nas quais o *onde* pode ser diferentemente empregado para se referir a outros antecedentes, que não os indicadores do “espaço físico”. Sua hipótese é de que a rede de sentidos em questão é sustentada pela metáfora do “container”: através dessa metáfora, pode-se conceber *o mundo, a mente, as organizações sociais, a nós mesmos e a muitas outras coisas* como *recipientes* com propriedades tais como *dentro/fora/em cima/embaixo*. “Tal forma de concepção motivaria a rede polissêmica de uso do *onde* e explicaria a múltipla direção de seu caminho, motivado nos termos de uma 'herança' [latina], mas o caminho dessa rede não é algorítmico e, portanto, não totalmente previsível” (Manfili, 2003: 31). A autora

limita-se a apontar os exemplos desses usos encontrados no *corpus*, estabelecendo para tais usos a seguinte tipologia:

a) *Espaço físico* (uso canônico)⁸;

b) *Espaço nocional*, em que se conceptualizam as idéias como objetos que saem/entram na mente, sendo esta entendida como um recipiente com idéias, teorias, crenças, problemas, emoções, sentimentos etc.;

c) *Espaço discursivo*, em que o texto também é entendido como um recipiente, um espaço. É quando se passa a representar o *fluxo discursivo* em termos de categorias *espaciais*. Esse *onde* se manifesta como um espaço dentro do texto, não se referindo ao conteúdo, mas apontando para os elementos constitutivos do texto propriamente dito (parágrafos, sentenças, citações, exemplos, capítulos);

d) *Espaço como entidade social*, em que o *onde* se comporta como que retomando e referindo-se a entidades, instituições, grupos e atividades sociais concebidos como *recipiente* com *dentro* e *fora*, com *limites* ou *fronteiras* que delimitam seus membros e não-membros; e

e) *Espaço temporal*, em que o que se percebe é o uso do *onde* como uma ampliação metafórica recorrente e correspondente a uma metáfora estruturada “tempo como espaço”, fortemente manifesta em expressões lingüísticas do português e de outras línguas.

Não há como estabelecer para o *onde* uma rede *unidirecional* capaz de explicar, de modo linear, uma cadeia de usos gerados uns dos outros. As construções do *onde* seguem uma estrutura de irradiação que se expande, motivando uma rede polissêmica metafórica, conceptualizando o espaço físico [+concreto] e motivando uma rede

⁸ Neste caso o que se deve entender como uso “canônico” do *onde* é o que prediz a tradição gramatical, mas como se viu até agora, desde o latim esse item possui um valor polissêmico (cf. Bonfim (1993)).

conceptual de espaços com maior grau de abstração [+abstrato]. A autora conclui que as construções *onde* se comportam de maneira diferente, expandindo seu uso através de uma rede polissêmica de base metafórica. Baseando-se em uma visão funcionalista do fenômeno chegou-se a uma visão sociocognitivista que lhe permitiu formular postulações acerca da expansão semântico-pragmática das construções *onde* (dentre as quais, que não há como estabelecer, para essas construções, uma rede unidirecional capaz de explicar uma cadeia de usos gerados uns dos outros; que o *onde* é polissêmico e deve ter um tratamento coerente com seu *status*); as construções *onde* seguem uma estrutura de irradiação que se expande, motivando essa rede polissêmica; a metáfora estruturante dessa rede é a *metáfora do container*, que estrutura metáforas ontológicas que permitem conceber pessoas, objetos, atividades, ações, estados etc. como recipientes; essa rede polissêmica percorre um caminho de caráter não-algorítmico, não totalmente previsível; os dados coletados evidenciam o uso das construções *onde* com referência a espaço *físico, nocional, discursivo, atividade social e temporal*; e outras expansões conceituais também são possíveis, como é o caso do *onde* se referindo a pessoa, registrado em sua análise como própria de uma variante lingüística menos formal. Curiosamente, apesar de constar formas correlatas de *onde* em seu *corpus*, a autora não cita a existência de variação entre as formas.

O que se pode concluir após essa breve resenha acima é que os estudos recentes deram um claro passo à frente em relação às gramáticas normativas no que diz respeito ao *onde* e seus correlatos. Esses estudos registraram formas e usos geralmente não considerados pelas gramáticas tradicionais em relação ao *onde* e correlatos.

Dentre as contribuições que os estudos recentes sobre o *onde* e correlatos apresentam, podem-se salientar:

a) ênfase em sua função como *elemento de coesão*, papel que os itens em questão parecem estar cada vez mais exercendo;

b) identificação do *sistema de referência* de que o *onde* e correlatos participam (exofórico, anafórico, catafórico, sem foricidade);

c) inclusão da *natureza do antecedente* na discussão sobre o uso dos itens em estudo, especificando-se sua ocorrência (presente ou ausente), sua natureza morfossintática (nome, pronome, advérbio, etc.) e sua natureza semântica (lugar físico ou abstrato, tempo, evento [fato ou situação], estado, noção abstrata/idéia, etc.);

d) estabelecimento de uma tipologia semântica para classificar os valores do *onde* e correlatos: espacial ou locativo (“lugar em que”, “lugar a que”, “lugar para que”, “lugar de que”, etc.), temporal, discursivo, possessivo, nocional, etc.

Apesar das grandes contribuições das obras resenhadas, nem todos os avanços poderão ser retomados no presente trabalho, uma vez que o objetivo fundamental deste estudo é verificar se há variação no sistema formado pelo *onde* e correlatos com valor locativo.

CAPÍTULO 2

MÉTODO DE PESQUISA

Este capítulo destina-se a apresentar o método utilizado na presente pesquisa. Para explicitar o método adotado, convém apresentar o referencial teórico e discutir a composição do *corpus* e os fatores intra- e extralingüísticos analisados.

2.1. Referencial teórico

Neste trabalho o modelo usado na descrição dos dados será baseado na Teoria da Regência e Ligação, tal como postulado em Cambraia (1996). Também adotar-se-ão os pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística.

No modelo descritivo adotado, postula-se que a forma *onde* e seus correlatos constituem um *constituente Q* de natureza adverbial (Cambraia (1996:51)). Segundo Raposo (1992:122), *apud* Cambraia (1996), *constituíntes Q* podem aparecer, no português, em estruturas dos tipos: orações interrogativas diretas, orações interrogativas indiretas e orações relativas (as orações relativas têm a função de modificar um núcleo nominal, são chamadas, nas gramáticas tradicionais, de *orações adjetivas*). Dentro das orações relativas têm-se as relativas restritivas, as relativas apositivas (orações adjetivas explicativas) e as relativas livres (sem antecedente).

O modelo de análise adotado foi a teoria sociolingüística. A teoria da sociolingüística se constituiu num grande marco para a lingüística do século XX, ao estabelecer um conjunto de pressupostos teóricos que romperam com os princípios em

voga na época, como a correlação entre homogeneidade/estrutura e estrutura/sincronia, e incluir a mudança como parte do funcionamento da língua, tal como apresentado em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), e conceber a língua como um sistema heterogêneo, regulado por um conjunto de regras, do qual a variação é inerente (Labov (1972:223)). A variação, vista por Labov como parte integrante da estrutura lingüística, passou a ser objeto da análise lingüística. O objeto central da sociolingüística é a diversidade lingüística; os sociolingüistas, portanto, visam ao estudo das “variantes lingüísticas”, ou seja, as diferentes maneiras de se dizer uma mesma coisa em um mesmo contexto e com um mesmo valor de verdade (Labov (1972:188)). A variação é entendida como um fenômeno estruturado e regular, vista pelos lingüistas como natural e inerente a todas as línguas, uma vez que as comunidades de fala não são lingüisticamente homogêneas. Dessa forma, o que às vezes pode ser interpretado como um “caos” lingüístico deve ser interpretado como um sistema em variação, cuja heterogeneidade é natural e passível de sistematização. Isso porque os usos da língua estão ligados a fatores estruturais (internos à língua) e sociais (externos à língua) que agem conjuntamente favorecendo e até mesmo suprimindo o uso de certas variantes. Chamam-se de fatores estruturais as variáveis internas, de caráter lingüístico, que atuam no nível sintático, fonológico, morfológico, semântico, discursivo e lexical; e os fatores chamados sociais compreendem o gênero do informante, a faixa etária, a escolaridade, o estilo, o nível sócio-econômico, a localidade entre outros.

A sociolingüística surge com uma nova proposta metodológica. Emprega um método específico de coleta de dados em situações reais de uso e de análise desses dados, procurando correlacionar fatores externos e internos. O método adotado segue, em geral, àquele proposto por Labov (1972) em seu estudo na ilha de Martha's

Vineyard: observação da comunidade, do fenômeno e hipóteses de trabalho; seleção dos informantes; coleta dos dados; análise dos dados e interpretação dos resultados.

Aos estudos sociolingüísticos interessa, basicamente, a fala espontânea, o vernáculo, portanto alguns cuidados devem ser tomados para que os seus objetivos sejam plenamente alcançados, a começar pela escolha da comunidade de fala, da seleção dos informantes e dos procedimentos adotados durante as entrevistas, uma vez que se sabe que os meios empregados na coleta dos dados às vezes podem interferir nos mesmos. A entrevista deve ser planejada de acordo com os interesses de cada pesquisador, podendo optar por um estilo mais ou menos formal estando a escolha subordinada aos interesses de cada objetivo. A análise dos dados requer certos procedimentos, como a definição da variável em estudo, a denominada variável dependente; a determinação dos contextos de ocorrência; as variáveis independentes. O estabelecimento das variáveis independentes pressupõe para cada caso a constituição de um grupo de fatores. Tanto os fatores internos como os externos atuam de maneira probabilística na variação. “É observando os fatores tanto internos quanto externos que se pode perceber as maneiras pelas quais os falantes lançam mão de recursos lingüísticos para certas funções comunicativas, visto que toda comunicação verbal acontece em um ambiente físico, situa-se em um contexto verbal próprio e trata de um assunto específico que depende das intenções e atitudes e dos traços sociais dos participantes na conversa” (Kersch (1996:26)). A análise de cada um desses fatores assim como a interação entre eles possibilita a compreensão dos fenômenos lingüísticos, uma vez que se torna possível depreender que fatores estão condicionando os fenômenos em processo em uma determinada língua.

Segundo Heye (1986), *apud* Kersch (1996), as comunidades de fala são, em sua maioria, compostas por variedades de fala ligadas à comunidade como um todo por um conjunto de normas sociais comuns, refletindo divergências históricas determinadas por diferenças sociais. Assim sendo, qualquer língua falada por uma comunidade qualquer apresenta variações. Quando o falante faz uso de uma forma em detrimento de outra, assume-se que exista um conjunto de regras que esteja por trás de tal escolha. Tais regras funcionam para favorecer ou desfavorecer o uso de uma ou de outra forma. O problema central da teoria é exatamente isolar e medir, separadamente, o efeito de cada fator quando estes não se apresentam isoladamente.

Segundo postularam Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]), os fenômenos de mudança lingüística devem ser analisados considerando-se os cinco problemas relacionados ao processo da mudança lingüística:

1. O problema dos fatores condicionantes: determinar o conjunto de mudanças e condições possíveis para a mudança a partir de um estudo minucioso de mudanças em progresso, as restrições universais em relação à mudança seriam independentes, conforme a comunidade lingüística analisada;
2. O problema da transição: trata-se de como e por quais caminhos passa um determinado processo de mudança lingüística. O problema da transição refere-se à questão da transmissão de traços lingüísticos de um falante a outro, que segundo os autores, parece ocorrer entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes;
3. O problema do encaixamento: procura responder de que modo uma mudança lingüística se encaixa na estrutura lingüística e na estrutura social;

4. O problema da avaliação: procura responder de que modo os falantes de uma determinada comunidade avaliam mudança lingüística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante na avaliação, pois pode ser capaz de determinar o sentido da mudança; e
5. O problema da implementação: investiga a relação de um fenômeno em mudança com outras mudanças que estejam ocorrendo no sistema, procurando evidenciar o porquê, o espaço de tempo e o local da ocorrência de uma determinada mudança lingüística.

O que a sociolingüística (sobretudo a variacionista) busca é mostrar que as variações não são aleatórias, mas ocorrem de forma sistemática e podem ser apreendidas a partir de um controle rigoroso de regras.

2.2. Corpus

O método adotado na presente pesquisa foi composto por dados de fala coletados através de entrevista com trinta e seis informantes divididos entre dezoito informantes masculinos e dezoito femininos. Cada entrevista teve duração de aproximadamente uma hora (60 minutos), totalizando 37h24min de gravação. A transcrição dos dados foi baseada na transcrição realizada no projeto NURC (Preti *et al.* (1986)), e a codificação de cada informante foi feita de maneira direta e objetiva. No caso da codificação dos informantes seguiu-se a seguinte ordem: 01 = número do informante; BEMO = sigla das iniciais do nome do informante; 01M.a = dado transcrito. Portanto, no caso do dado 01M.a entende-se que esse é o primeiro dado

transcrito do informante 01 masculino; 01F.a entende-se que seja o primeiro dado transcrito de uma informante feminina, e assim por diante.

O *corpus* compõe-se de entrevista individual gravada, do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), tendo-se naturalmente solicitado o preenchimento de uma ficha com os dados referentes a cada informante necessários à análise sociolinguística feita neste trabalho. Na entrevista do tipo DID, optou-se por deixar o entrevistado falar à vontade sobre o tema proposto e o entrevistador só intervindo quando necessário, com o intuito de estimular o entrevistado a utilizar estruturas linguísticas em que os itens em estudo poderiam ocorrer. O tema central da entrevista foi o tópico *viagem*, para propiciar um número maior de ocorrências de locativos. No entanto, ao se perceber a reação e o desempenho pouco produtivos do falante em relação ao tema, o mesmo seria adaptado a fim de propiciar ao entrevistado maior liberdade durante a entrevista.

A composição do *corpus* foi feita de maneira controlada, definindo-se previamente as variáveis extralinguísticas. As variáveis previamente selecionadas foram a *escolaridade*, a *faixa etária* e o *gênero*. A fim de controlar o fator *classe social*, o mesmo foi fixado: a seleção dos informantes foi feita levando-se em conta a sua classe social, selecionando informantes de apenas um grupo social. Considerou-se, portanto, (a) que todos os informantes deveriam pertencer ao mesmo grupo social, avaliado em termos de condição de vida dos informantes; e (b) todos os entrevistados deveriam residir na região Norte de Belo Horizonte por, pelo menos, quinze anos.

Labov (1972) afirma que em narrativas de experiências pessoais o informante se envolve mais com o assunto deixando de lado a formalidade. A estratégia usada por esse autor era uma gradação de temas em que se partia de temas mais simples e, aos

poucos, se iam usando estratégias para que o falante se esquecesse do ambiente mais formal de entrevista - o ápice era quando chegava ao tópico “risco de vida”, em que se percebia que o falante estava completamente envolvido na narrativa. Nas entrevistas realizadas na presente pesquisa, relacionada ao tema *viagens*, deu-se preferência a narrativas em que o entrevistado tivesse envolvimento pessoal, para que assim o informante se sentisse mais à vontade diante do gravador se envolvendo com a narrativa. Mas, como já se disse acima, as entrevistas não se restringiram apenas a esse assunto: percebendo que o informante não se adaptava ao tema, esse passava a ser livre, de acordo com o que lhe era mais confortável, para manter o bom andamento da pesquisa.

Para a composição das células⁹, foi coletado um *corpus* baseado na fala de Belo Horizonte, fixando três faixas etárias (15-29a = faixa etária 01; 30-45a = faixa etária 02; e 45-70a = faixa etária 03), contrastadas com os fatores condicionadores gênero e escolaridade, constituindo uma célula; cada célula contém, portanto um grupo de três informantes, o que totaliza, assim, trinta e seis informantes. A intenção em delimitar a escolaridade dos informantes era a de se verificar se a escola influencia ou não na fala dos indivíduos. Visto que nas escolas se usam gramáticas normativas é de se esperar que os falantes tenham consciência a respeito do uso dos locativos. A idade foi estabelecida com base em Tarallo (1999:28), e é importante para verificar o movimento das mudanças, se se trata de alguma mudança em progresso ou já estabelecida, ou mesmo se as variantes sempre concorreram entre si na fala dos indivíduos.

Na composição do *corpus* foram coletados dados de fala masculina e feminina; a opção em separar as células e os informantes segundo a variável *sexo* seguiu o seguinte

⁹ Segue logo abaixo um quadro exemplificando a composição das células e a distribuição dos falantes por célula.

critério: estudos como Labov (1972), Madureira (1987), Chambers (1995) e Gordon (1997) afirmam que a fala feminina difere da fala masculina, portanto, fez-se necessário analisar a variável *sexo* para certificar-se se essa variável seria atuante em relação à variação existente.

Muitas pesquisas em sociolinguística têm apontado que a implementação de uma variável linguística “obedece” a padrões estatisticamente mensuráveis, padrões socialmente determinados tais como a *idade*, a *classe social*, a *escolaridade*, o *gênero* e outros fatores de ordem social. Conclui-se, portanto, que é importante controlar as variáveis a fim de controlar a influência de tais fatores na implementação das formas.

Todas as entrevistas foram feitas com o consentimento dos informantes. Foi realizado um contato prévio marcando dia e horário propícios à entrevista. Em nenhum momento foi dito ao informante de que se tratava de um estudo sociolinguístico - ao contrário, foi dito que se tratava de uma pesquisa que buscava registrar narrativas orais relacionadas a *viagens*, como foi explicitado anteriormente. Desta forma, acreditava-se que o falante desviaria a sua atenção para a narrativa. Foi informado a cada um que a utilização dos dados seria exclusivamente para fins de pesquisa e que seus dados pessoais seriam mantidos em sigilo. Também lhes foi informado que poderiam retirar o seu consentimento a qualquer momento sem prejuízo algum.

Observe-se agora o quadro 2 com a composição das células e a distribuição dos falantes por célula.

Quadro 2 – Composição e distribuição dos falantes por célula

CLASSE SOCIAL	MÉDIA BAIXA											
GÊNERO	MASCULINO						FEMININO					
ESCOLARIDADE	BAIXA			ALTA			BAIXA			ALTA		
FAIXA ETÁRIA	01	02	03	01	02	03	01	02	03	01	02	03
INFORMANTES POR CÉLULA	ARS	EdnBF	WAM	BEMO	JCLB	AFC	CAGM	GEG	SMG	KGM	AHGP	ASAC
	LFFC	EdsBF	LRC	WRS	RFD	GFA	DSSB	RGS	FaCaS	FCS	WAR	SRFF
	ACF	CMO	RAS	EGCJ	RMLA	SCMS	KCS	DO	ADSS	IDS	MFP	SMS

No quadro acima tem-se a distribuição dos informantes por célula. Observa-se que cada célula contém um número de três informantes, que se considera o mínimo ideal para sua constituição, uma vez que se podem detectar idiosincrasias de um informante específico confrontando seus resultados com outros informantes da mesma célula.

O fator *classe social* foi mantido invariável e, para que se saiba com que classe se trabalhou nesta pesquisa, convém descrever brevemente a região a que pertencem os informantes, a região Norte de Belo Horizonte.

2.3. Região de Venda Nova (região Norte de Belo Horizonte)

Não se trabalhou, na presente pesquisa, com diferentes *classes sociais*: foi fixada a comunidade a fim de se manter uma homogeneidade em relação ao fator sócio-econômico. Apenas informantes oriundos da região Norte de Belo Horizonte - no caso, residentes na grande região de Venda Nova - foram entrevistados. A hipótese aventada na presente pesquisa é a de que nessa região exista uma homogeneidade em relação à classe social: acredita-se que essa região seja composta por habitantes de classe média baixa e classe baixa, conforme assinala Silva (2000). Os informantes entrevistados são moradores dos bairros Céu Azul, Santa Amélia, Santa Mônica e Venda Nova. Todos esses bairros situam-se na região Norte de Belo Horizonte, correspondendo à grande região de Venda Nova.

De acordo com Silva (2000), Belo Horizonte alastrou suas fronteiras e, nesse ínterim, provocou a mudança de hábitos sociais e culturais dos espaços incorporados a

ela, dentre esses, Venda Nova. Essa região conta com um movimento comunitário muito atuante.

Venda Nova era um povoado que pertencia, inicialmente, à Sabará. É uma das regiões mais velhas de Belo Horizonte - antes mesmo de ser criada a capital, o distrito já existia. No início do século XX, a região ainda era apenas um arraial e não havia sofrido nenhuma mudança profunda. Venda Nova aos poucos vai conquistando pequenos investimentos para a melhoria da condição de vida de sua comunidade. Hoje a região é uma das maiores de Belo Horizonte, composta dos bairros: Campo Alegre, Candelária, Céu Azul, Comerciários, Etelvina Carneiro, Felicidade, Floramar, Jardim Europa, Jardim Guanabara, Juliana, Lagoa, Lagoinha, Letícia, Mantiqueira, Maria Helena, Parque São Pedro, Piratininga, Planalto, Rio Branco, Santa Amélia, Santa Branca, Santa Fé, Santa Mônica, Tony, Venda Nova, Vila Clóris, Vila do Índio, Vila Mariquinhas e Vila Satélite¹⁰.

Em 1927 funda-se o “Diretório Político Pró-Desenvolvimento de Venda Nova” que em 1933 se transforma em um diretório regional do Partido Progressista, o PPVN (Partido Progressista de Venda Nova), e que, a partir de suas atuações, consegue a criação do grupo escolar, a eletrificação da área central do povoado e alguns empreendimentos.

Em dezembro de 1948 Venda nova passa a ser definitivamente anexada como Distrito de Belo Horizonte, e cresceu de forma desordenada, por ser afastada do centro da Metrópole, tanto no que diz respeito aos investimentos quanto à distância e por isso se transformou em uma “cidade dormitório”. O perfil da região começa a se modificar com a ocupação acelerada e desordenada, ocupação essa realizada por pessoas de baixa

¹⁰ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bairros_de_Belo_Horizonte.

renda e sem outra opção de residência na capital. A região hoje possui um comércio bastante ativo, tendo aí a sua principal fonte de renda.

Portanto conclui-se que, desde a sua formação, a região de Venda Nova se caracteriza como uma região de classe média baixa, pois, como se demonstrou acima, com um breve esboço da constituição da região, os habitantes que aqui se instalaram eram em sua maioria oriundos das classes menos favorecidas, e que não tinham condições de se instalar na capital, o que parece permanecer ainda hoje.

2.4. Fatores

Fatores externos e internos foram considerados no presente estudo. Segundo Labov (1994:01), a separação dos fatores externos e internos pode não parecer prática para aqueles que vêem a língua como um todo ou para aqueles que acreditam que todo traço lingüístico esteja diretamente ligado a fatores sociais. Mas parece, para Labov (1994:03), que se um fator intralingüístico deixa de ser atuante ou sofre mudanças, essas mudanças se refletem em outros fatores internos, mas os fatores extralingüísticos continuam inalterados; mas se ocorre alguma mudança ou algum fator externo deixa de atuar, outros fatores externos podem sofrer mudanças, mas os fatores intralingüísticos continuarão inalterados. O autor ainda acrescenta que os fatores intralingüísticos são geralmente independentes uns dos outros, mas os fatores extralingüísticos, por sua vez, são fortemente interativos. Ambos os fatores foram levados em consideração na presente pesquisa.

2.4.1. Fatores extralingüísticos

Variáveis extralingüísticas como o *gênero*, a *faixa etária* e a *escolaridade* têm sido consideradas, desde muito, em estudos sociolingüísticos, como fatores importantes na seleção, na avaliação e na implementação de formas em competição (cf., p. ex., Labov (1972, 2002)).

Estudos sociolingüísticos utilizam-se de amostras aleatórias na composição do seu *corpus*, esse procedimento é importante para garantir que se faça uma análise que garanta a representatividade imparcial de todos os indivíduos de uma comunidade, no entanto, é importante ressaltar que, se os informantes são selecionados aleatoriamente, os recortes e a escolha dos fatores extralingüísticos não o são. Tais fatores são controlados. A variável lingüística, no caso a variável extralingüística, é entendida como um elemento variável interno ao sistema e controlada por uma única regra. Geralmente são selecionados informantes dos sexos masculino e feminino, são selecionados também segundo a sua escolaridade (de acordo com os objetivos de cada pesquisa), segundo a sua classe social e a sua idade (a fim de observar o movimento da mudança entre as gerações).

Os fatores extralingüísticos presentes na pesquisa compreendem a faixa etária, o gênero e a escolaridade. Esses fatores são necessários à pesquisa, pois se pretende verificar atuação dos mesmos na seleção e variação das formas.

Os fatores extralingüísticos não considerados na pesquisa foram cuidadosamente controlados a fim de não enviesar a análise. Tais fatores foram o *grupo social*, todos os informantes pertenciam a um mesmo grupo social (este fator foi avaliado em termos de poder aquisitivo dos informantes e local de residência), e a *região* todos os informantes

deveriam residir por pelo menos quinze anos na região Norte de Belo Horizonte, aqui faz-se necessário uma explicação, por ser Belo Horizonte, e, por conseguinte a região norte, uma cidade recente, seria difícil encontrar informantes nascidos e criados nesta região, principalmente informantes da faixa etária mais velha. Portanto, optou-se por este limite: informantes que residiam há pelo menos quinze anos na região.

2.4.2. Fatores intralingüísticos

Os fatores intralingüísticos são importantes na análise para se poder avaliar qual seria o seu impacto na variação ou mudança de determinadas formas. Como fatores intralingüísticos (ou estruturais) consideraram-se o contexto sintático, a natureza do antecedente, presença de clivagem e o valor semântico. A seleção dos fatores intralingüísticos é importante para se definir que contextos são relevantes, que formas ocorrem em determinados contextos e que contextos podem favorecer ou bloquear uma mudança.

2.5. Quantificação dos dados

É comum na sociolingüística a utilização de programas computacionais no auxílio à quantificação dos dados. A quantificação fornece elementos estatísticos que proporcionam maior segurança para afirmações sobre o uso do item lingüístico em análise. A aplicação do pacote de programas GOLDVARB 2001 (Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001)) não se mostrou adequada ao presente estudo devido ao número de ocorrências dos locativos com que se trabalhou aqui – os dados não foram suficientes

para se testar a significância estatística das diferenças detectadas. Foi constituído um inventário composto de 307 dados, para os quais se fez uma análise fundamentalmente *qualitativa*, com o objetivo de identificar padrões que poderão ser investigados futuramente em termos de sua significância estatística. Em pesquisa anterior (Araújo (2004a)), se trabalhou com 108 dados, mas na presente pesquisa o *corpus* foi ampliado em quase três vezes em uma tentativa de permitir a adoção de métodos mais eficazes de análise estatística. Uma vez que não se estava trabalhando com variáveis fonológicas (mais recorrentes e, por isso, de coleta com nível menor de dificuldade em termos de tamanho de entrevistas) e sim com variáveis morfossintáticas, acreditou-se que o número atual de dados seria adequado a uma análise quantitativa. O trabalho com os dados demonstrou que o número de dados coletados é ainda insuficiente para uma análise em que se pretenda aplicar modelos estatísticos, indicando que em pesquisas futuras, em que se pretenda ir além de uma análise qualitativa, será necessário incrementar ainda mais o *corpus* a fim de confirmar as tendências detectadas na presente pesquisa.

2.6. Dados não-locativos

Conforme consta na resenha acima, existem usos do *onde* geralmente não previstos pelas gramáticas tradicionais: além de uso com valor locativo, far-se-ia uso dessas formas com sentido temporal e discursivo. Os estudos resenhados propõem que o item *onde* está passando por um processo de gramaticalização, expandindo seu valor estritamente locativo a outros valores mais abstratos, podendo até mesmo estar caminhado para o uso como relativizador geral. É interessante notar que alguns desses

valores já vêm desde o português arcaico (e mesmo desde o latim), conforme pontuaram alguns estudos (cf., p.ex., Bonfim, (1993)): não parecem ser propriamente fruto de gramaticalização recente, pois a polissemia geral já ocorria há tempos. Observaram-se e registram-se, no decorrer das entrevistas deste estudo, algumas dessas formas com valor não-locativo. No entanto, como o número de ocorrências foi extremamente baixo (20 ocs.), deve-se avaliar futuramente em estudos sobre a gramaticalização do *onde* e correlatos se se trata efetivamente de processo em andamento ou de um uso pouco freqüente, mas constante ao longo dos tempos. Optou-se por não se analisarem as ocorrências de *onde* e correlatos com valores não-locativos por ultrapassarem o foco da presente pesquisa. Os dados apresentados abaixo são aqueles que não fizeram parte da análise:

Valor Temporal:

ENTREVISTADOR: “(...) mas aí depois cê/cê foi pra São Paulo?”

ENTREVISTADO: “é, aí que eu fui/ que eu fui convive nove anos lá... foi **ond'**é que eu fui pra pra:ia... conheci (Bertioga) (...)” (Informante 03M – WAM, dado 03M.c)

ENTREVISTADO: “(...) eu dei sorte e azar ao mesmo tempo porque na hora dos intervalos, dos meus intervalos, é quando acontecia essas coisas. Por exemplo, na hora do meu intervalo o Tchakabum tava saindo do palco, em compensação foi **onde** mais ferveu de mulher na barraca, eu num tava lá (...)” (Informante 11M – RFD, dado 11M.f)

ENTREVISTADO: “(...) amanhã seus colegas tudo formado e você f..., vê os cara tudo de carro, apartame::nto, uma vida bo::a, trabalhando e você rala::ndo ... e tem aqueles que:: só é seu amigo quando você tá por cima, quando você tá por baixo num é seu amigo. É **aonde** você descobre as verdadeiras amizades né? (...)” (Informante 13M – RAS, dado 13M.a)

ENTREVISTADO: “(...) nós tocamos lá em três lugares, um foi num buteco de bambu (...) aí foi numa churrascaria (...) e outro foi no clube que o::... foi **aonde** a Lango engravidou do cara (...)” (Informante 15M – RMLA, dado 15M.k)

ENTREVISTADA: “(...) aí eu fiquei aINda:: acho que un::s DOis meses trabalhando assim... aí foi **aonde** que eu fui trabalhar na receita federAL... fiquei lá::... trabalhei lá quatro anos e sete meses... foi aonde que ele me mandou pra lá (...)” (17:35) (Informante 01F – GEG, dado 01F.b)

ENTREVISTADA: “(...) aí eu fiquei aINda:: acho que un::s DOis meses trabalhando assim... aí foi aonde que eu fui trabalhar na receita federAL... fiquei lá::... trabalhei lá quatro anos e sete meses... foi **aonde** que ele me mandou pra lá (...)” (17:35) (Informante 01F – GEG, dado 01F.c)

ENTREVISTADA: “(...) aí a gente começou a conversAR... aí:: ele perguntou onde que eu morava (...) aí foi **aonde** que a gente foi/que eu fiquei conhecendo ele, porque eu fui trabalhar no lugá onde que ele trabalhava, no prédio que ele trabalhava (...)” (24:25) (Informante 01F – GEG, dado 01F.f)

ENTREVISTADA: “(...) ‘C. faz um coque no cabelo’ (...) ‘ah não, amanhã pode... pode ser amanhã?’ Aí no outro dia eu vinha... atÉ:: **onde** eu pudesse eu ficava enrolando (...)” (69:20) (Informante 08F – CAGM, dado 08F.k)

ENTREVISTADA: “(...) aí passado uns anos a prefeitura, num lembro o nome do prefeito na época, ele nos deu casa e desmanchou que ia precisar aquilo ali. Foi **aonde** que foi construído aqueles prédio, onde foi construído a igreja de/de/de São Cristóvão, ali tudo era ca::sa (...)” (0:45) (Informante 18F – ADSS, dado 18F.c)

ENTREVISTADA: “(...) aí passado uns anos a prefeitura, num lembro o nome do prefeito na época, ele nos deu casa e desmanchou que ia precisar aquilo ali. Foi aonde que foi construído aqueles prédio, **onde** foi construído a igreja de/de/de São Cristóvão, ali tudo era ca::sa (...)” (0:45) (Informante 18F – ADSS, dado 18F.d)

Valor Discursivo:

ENTREVISTADO: “(...) o Jobe [Joubert] tava lá assim, e nós ‘tão do lado de cá assim, vai, ‘o Jobe tá pegando muito! Toda hora ele tá lumiano perto da mão dele.’ E ele lumiano o mato assi::m... era **aonde** os peixe, assim, segundo ele né?segundo ele, o peixe mordida ele e ele jogava os peixe pra trás ((risos)) (...)” (Informante 04M – EdnBF, dado 04M.h)

ENTREVISTADA: “(...)a gente arrecadava coisa assi::m... roupa, alimento... essas coisa pra distribuir pras pessoas que a gente (inint.) aí era **onde** que a gente pa/entrAVa (...)” (29:30) (Informante 01F – GEG, dado 01F.h)

ENTREVISTADA: “(...) aí eu fui e fiquei nessa ca::sa, eles me deram comi::da, conversaram comi::go, eu tomei á::gua, esquentaram, né?, almoço e me de::ram (...) então assim, foi **aonde** eu consegui me reabilita::r novame::nte e tal (...)” (23:45) (Informante 03F – AHGP, dado 03F.a)

ENTREVISTADA: “(...) é o seguinte... você tá optando por uma carrêra, né? Por uma amplitu::de... social e tudo, ma::s devemos avaliar o grau de risco! Entendeu? Avaliar o grau de risco! Até **o::nde** os meios/os mecanismos a qual a gente vai tá utiliza::no, pra tá subi::no, em que de repente... isso tudo pode desaparecer de um momento pro outro (...)” (51:01) (Informante 03F – AHGP, dado 03F.h)

ENTREVISTADA “(...) então assim, é um trabalho que:: não-tem-preço, não-tem-valor... e é **onde** você se sente... útil (...)” (71:52) (Informante 03F – AHGP, dado 3F.j)

ENTREVISTADA: “(...) o quê que acontecia, eles... olhava pra mim e eu falava ‘*ah, eu tô precisano de uma blusa.*’ Eles num me perguntava o número não, olhava pra mim e falava ‘*a C. veste ‘eme’ [tamanho médio].*’ **Onde** é Léo? Eu visto ‘gegê’ pra lá (...)” (15:30) (Informante 08F – CAGM, dado 08F.h)

ENTREVISTADA: “(...) outro que me tentou muito, mais aí nós num pudemos por questões econômicas, foi o:: Ariaú, é aquele que o Bill Gates, que todos os famosos ficam, que é uma palafita de super hiper luxo, uma coisa de louco! Aí nós fechamos um pacote, **onde** a gente saía do hotel Tropical lá em Manaus e passava pelo Ariaú (...)” (28:57) (Informante 16F – SRFF, dado 16F.c)

ENTREVISTADA: “(...) aí, né? a gente comprava ba::la, então era bom demais, você precisa de ver que beleza! Aí, **aonde** que tem um negócio que a gente fazia assim ‘*Naná... não saiu do zero!*’ Porque nós anotava, né? eu ‘panhava minhas pimenta e tinha a minha sacolinha (...)’ (18:47) (Informante 17F – SMS, dado 17F.f)

ENTREVISTADA: “(...) e pai, com esse Augusto mesmo, que chamou pai falou assim ‘*ah, eu num vô mexer com lavra mais não. Eu já sofri dema::is com gari::mpo. Eu vô arranjar um lugar/eu queria arranjar um lugar de plantAR*’ foi **aonde** ele falou ‘*ah, tem o Riacho [cidade de Santana do Riacho] lá também, né?*’ (...)” (46:45) (Informante 17F – SMS, dado 17F.m)

ENTREVISTADA: “(...) ele [o padre da paróquia] tava procura::no, Léo, e encontrou ((risos)) procê vê, Santa Mônica já tava mais movimentado, né? Santa Mônica tinha umas senhoras assim mais alegres, né? (...) mais assanhadinhas, né? e elas gostava da coisa, né? e ele aproveitou o ensejo e ela também, foi **aonde** que foi a queda dele (...)” (12:28) (Informante 18F – ADSS, dado 18F.h)

Valor incerto

ENTREVISTADA: “(...) ele é maldo::so (...) e o V. bate nele, o V. chama a atenção, fala assim ‘*you é o irmãozin dela mais velho, tem que ajudar a olhá*’ Mas ele é maldo::so menino, num sei **aonde** que ele **tá puxano** (...)” (41:08) (Informante 7F - WAR, dado 7F.e)

Expressões Cristalizadas

ENTREVISTADO: “(...) o próprio Seo H. falava ‘*se você nasceu pra mandar cê vai mandar, se você nasceu pra ser mandado vai receber ordem e fazer **por onde** um dia mandar também*’(...)” (Informante 13M – RAS, dado 13M.d)

Frase truncada (anacoluto)

ENTREVISTADA: “(...) aí ele fica preocupado, com medo, né? porque esse bibelô aqui cê já viu como é que é, né? ((risos)) aí eu falo ‘*não, pode ficar despreocupado que eu vô tranqüila levanta: no*’ ‘*tudo bem!*’ mais, pra mim, **aonde** que ele me chamar pra **i::r**... igual eu falei com ele a última vez ‘*óh, agora eu quero passιά, eu quero acampá, mais em lugares que eu num cunheço*’ certo? (...)” (Informante 11F – FaCas, dado 11F.b)

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo destina-se à descrição e à discussão dos dados arrolados a partir das entrevistas coletadas, analisando as variáveis intra- e extralingüísticas.

Em estudos sociolingüísticos, tais como Labov (1972), Chambers (1995), Paiva & Duarte (2003) entre outros, as variáveis sociais (extralingüísticas) tanto quanto as variáveis estruturais (intringüísticas) são freqüentemente correlacionadas, visto que não agem isoladamente, mas atuam em um complexo conjunto de inter-relações, inibindo ou favorecendo o emprego de certas formas e estruturas. Observa-se que muitos estudos correlacionam as variáveis gênero, idade, escolaridade, dentre outras a fenômenos de uso na fala e na escrita. A fim de confirmar, ou não, os padrões já encontrados em estudos anteriores, tratar-se-ão aqui do inventário (as formas dos locativos); dos fatores extralingüísticos (faixa etária, gênero e escolaridade); e dos fatores intralingüísticos (contexto sintático e o valor semântico) utilizados na análise da presente pesquisa.

3.1. Inventário

A seguir apresentar-se-á o inventário composto com as formas registradas nas entrevistas e o número de dados coletados. No inventário abaixo será apresentado uma tabela geral com todas as formas dos locativos registradas nas entrevistas. Em seguida far-se-á uma separação das formas precedidas de palavras terminadas em *-a* das formas não-precedidas desse *-a*.

A tabela 1 abaixo apresenta uma visão geral das ocorrências registradas na presente pesquisa:

Tabela 1 - Total de formas de *onde* e correlatos

FORMA	FREQÜÊNCIA
ONDE	175 (57%)
AONDE	87 (28,3%)
(A)ONDE	15 (4,9%)
NAONDE	06 (2%)
P(A)RA (A)ONDE	15 (4,9%)
POR ONDE	02 (0,6%)
DE ONDE	06 (2%)
DAONDE	01 (0,3%)
Total	307 (100%)

Na tabela acima se tem uma visão geral do número de dados com o qual nesta pesquisa se trabalha. Inicialmente pode-se perceber que o número de ocorrências da forma *onde* é bastante superior (mais que o dobro, 57% das ocorrências) às demais conjuntamente; o segundo percentual mais significativo é da forma *aonde*, em que se registram 28,3% do total de ocorrências dos locativos; para as formas *(a)onde* e *p(a)ra (a)onde* (que serão detalhadamente comentadas abaixo) registraram-se freqüências idênticas (4,9%); também registraram-se freqüências idênticas para as formas *naonde* e

de onde (2% do total); e para as demais formas, *por onde* e *daonde*, registraram-se frequências aproximadas, 0,6% e 0,3%, respectivamente.

Verificou-se, no decorrer da resenha apresentada anteriormente, que os itens *naonde* e *daonde* não são mencionados por nenhum autor, ou seja, o uso dessas formas parece ser ignorado ou as mesmas são consideradas inexistentes: no entanto, constataram-se 6 ocorrências do item *naonde* (mais que o dobro do número de ocorrências de *por onde*, p. ex., que é registrado em gramáticas) e 1 ocorrência do item *daonde*, confirmando a existência dessas formas no português vernacular. A combinação presente no item *naonde* é curiosa, pois deriva da preposição *em* mais a forma *aonde* e não é inventariada em nenhuma das gramáticas tradicionais consultadas. Sua origem deve estar relacionada ao surgimento do alomorfe *ni* da preposição *em*, o qual, segundo Cunha (1960), seria fruto de um processo analógico: o grupo assimétrico *em/nolna* tenderia a se assemelhar ao grupo simétrico *de/dolda*, tornando-se assim *ni/nolna*. O item *daonde*, por sua vez, resultaria da combinação da preposição *de* à forma *aonde*.

O procedimento adotado para se caracterizar esse locativo levou em conta o verbo da oração subordinada. Em orações como a explicitada abaixo foi considerada a forma *aonde*, visto que a preposição *de* não era subcategorizada pelo verbo da oração subordinada e sim pelo advérbio *perto*:

“(...) tinha um tobogã, tipo um mármore... ele foi até o primeiro a descer, chegou e falou assim ‘*Eu não desço nesse trem mais não!*’ ((risos)) (...) ele chegou lá perto **daonde** a gente **tinha feito** o acampamento, sentou e falou assim ‘*Ôh! Eu num desço nesse trem mais não!*’ ((mais risos)) (...)” (Informante 04M – dado 04M.a)

Houve, no presente *corpus*, cinco ocorrências como a explicitada acima e em todos os casos foi catalogada a forma como *aonde* (ao invés de *daonde*). Tais dados foram: 4M.a, 4M.f, 4M.i e 9M.c, para os dados masculinos e 17F.k para os dados femininos.

A partir da análise dos dados acima, é possível perceber do ponto de vista morfológico que existe uma simetria entre os locativos em estudo. Como se pode perceber, tanto a forma *onde* quanto a forma *aonde* ocorrem precedidas da preposição *de*; entretanto, percebe-se que não há uma simetria completa, visto que o item *aonde*, não ocorre precedido de *por* (ao contrário de *onde*) e o item *onde* não ocorre precedido da preposição *em*¹¹.

É importante que se tenha em mente que a tabela acima não permite que se constate que os locativos estão em concorrência, portanto não se pode falar ainda em variação: a apresentação da tabela 1 permite apenas comparar as frequências de cada item, o que é importante, pois permite constatar quais itens se apresentam com mais e menos frequência na fala. Não há, em princípio, dados que permitam afirmar se há ou não algum tipo de variação em curso.

A seguir, far-se-ão duas tabelas com o inventário das formas: uma, em que os itens em estudo não eram precedidos de palavra terminada em *-a*; e outra, em que eram precedidos de palavra terminada em *-a*. Este procedimento foi adotado porque, em alguns casos quando há seqüências, na cadeia da fala, compostas de palavra terminada em /a/ átono seguida do locativo em estudo, parecia ser impossível determinar se a

¹¹ A ausência de *onde* combinado com *em* (~ *ni*) pode ter duas origens: (a) limitação do *corpus* (o que poderá futuramente ser sanado com uma ampliação desta pesquisa) ou (b) diferenças dialetais, pois, nos dados coletados por Careno (1997:141) em comunidades negras do Vale do Ribeira (SP), há registro desse tipo de combinação: “(...) aí vim cu Antonhu Pedru mais anti dessu LÁ:: *n’ondi* tem aquela casa primeira qui::... vocês passaru lá (...)” (informante masculino, 76 anos, município: Eldorado Paulista / bairro: Abobral, data: 28/07/1988; grifo nosso).

forma do locativo era *onde* ou *aonde*. Essa impossibilidade decorre do fato de existir, na língua portuguesa, o fenômeno de *elisão*, ou seja, o fenômeno de supressão de uma vogal átona quando esta ocorre em posição final de palavra e seguida de palavra começada por vogal átona ou tônica: p. ex., *casa amarela* > *cas[ɐ]marela*; *camisa usada* > *camis[ɨ]sada*.

Segundo Bisol (1992) a elisão consiste em “uma regra em que elide a vogal baixa átona *a*, diante de outra vogal. Aplica-se de modo geral, com tendência à regra categórica, quando a vogal seguinte for posterior”. Como não se trata de um fenômeno categórico, mas sim variável, em seqüências como *p(a)r(a)onde* não parece ser possível determinar se se trata de combinação com elisão (ou seja, *p(a)r’aonde*) ou sem elisão (ou seja, *p(a)ra onde*) - caso fosse categórica, *p(a)r(a)onde* equivaleria necessariamente a *p(a)r’aonde*, pois a seqüência com elisão para a combinação *p(a)ra + onde* seria *p(a)r’aonde*. A ambigüidade estrutural desse tipo de combinação é certamente relevante, pois há de propiciar o favorecimento de variação entre os locativos, já que em certos ambientes a diferença entre eles se neutralizaria.

Observe-se que Bisol (1992) não afirma ser categórica a regra em questão - portanto, a partir da afirmação acima, se optou por não se analisarem as seqüências *[a]onde* e *p(a)ra[a]onde* devido à dificuldade de se classificarem tais seqüências. Parece mais adequado, por ora, dar-lhes um tratamento diferenciado, optando apenas por apresentar as suas ocorrências e excluí-las da análise geral. É importante não negligenciar tal fato, pois se não houvesse o devido cuidado em separar as formas consideradas ambíguas (formas as quais não se sabe se é *onde* ou *aonde*), esse descuido poderia resultar no enviesamento dos dados, visto que se poderia atribuir a uma forma o valor de outra e vice-versa. É importante deixar claro aqui que esses dados não foram

negligenciados, recebendo um tratamento diferenciado dos demais. Observe-se, também, que a ambigüidade em questão é relevante, pois propicia um contexto opaco que pode ser propício à variação.

A seguir apresentar-se-ão as tabelas separadamente com as formas não-precedidas de *-a* e as formas precedidas de *-a*.

Observem-se as tabelas abaixo:

Tabela 2a: *Onde* e correlatos não-precedidos de *-a*

FORMA	FREQÜÊNCIA
ONDE	175 (63,2%)
AONDE	87 (31,4%)
NAONDE	06 (2,2%)
POR ONDE	02 (0,7%)
DE ONDE	06 (2,2%)
DAONDE	01 (0,4%)
Total	277 (100%)

A apresentação do inventário mostra a grande freqüência do item *onde* (63,2% das ocorrências, uma freqüência bastante superior às demais), seguido pelo item *aonde* (31,4% das ocorrências) e os demais itens apresentando uma baixa freqüência - como se pode notar, os itens *naonde* e *de onde* compreendem ambos 2,2% do total de ocorrências, a forma *por onde* 0,7% das ocorrências e a forma *daonde* 0,4%.

Veja-se a seguir a tabela 2b, de ocorrências de locativos precedidos de palavras terminadas em *-a*:

Tabela 2b: *Onde* e correlatos precedidos de *-a*

FORMA	FREQÜÊNCIA
(A)ONDE	15 (50%)
P(A)RA (A)ONDE	15 (50%)
Total	30 (100%)

Como se pode perceber, das 30 ocorrências registradas, as formas *(a)onde*, ou seja, aquelas ocorrências com os locativos *onde* ou *aonde* (não se sabe ao certo) e *p(a)ra (a)onde*, registraram frequências idênticas, com 50% cada. Observe-se que, em relação a esses casos, não há como saber qual a forma utilizada pelo falante – *onde* ou *aonde* – em função de processo variável de elisão.

3.2. Fatores extralingüísticos

Os fatores extralingüísticos adotados na presente pesquisa foram a *faixa etária*, o *gênero* e a *escolaridade*, como mencionado antes. Esses fatores são necessários à pesquisa, pois se pretende verificar atuação dos mesmos na seleção e variação das formas.

Os fatores extralingüísticos não considerados na pesquisa foram cuidadosamente controlados a fim de não enviesar a análise. Tais fatores foram: a) *o grupo social*, todos os informantes pertenciam a um mesmo grupo social (este fator foi avaliado em termos de local de residência e poder aquisitivo), e b) *a região*, todos os informantes deveriam residir por pelo menos 15 anos na região Norte de Belo Horizonte.

3.2.1. Gênero

Em que limite e de que forma fenômenos lingüísticos variáveis podem estar correlacionados ao gênero do falante? Estudos mostram que a variável gênero pode funcionar como um vetor de propulsão ou retenção de processos que implementam uma nova variante no sistema lingüístico de qualquer comunidade. A questão que se coloca

para o pesquisador é a de explicar os padrões apreendidos em diferentes pesquisas e a natureza das possíveis diferenças lingüísticas entre homens e mulheres. Muitas pesquisas sociolingüísticas afirmam serem esses padrões regulares, no sentido de que as mulheres estão à frente nos processos de mudança quando se trata de formas de prestígio. Labov (2002:07) afirma que “estudos mais detalhados das características sociais dos líderes da mudança lingüística mostram que eles são membros do sexo feminino do grupo local de maior prestígio, ascendente, com densas redes de conexão na vizinhança, mas com variedades de contatos ainda mais amplas além da área local” (tradução nossa).

O fato de as mulheres se revelarem mais sensíveis lingüisticamente para variantes de prestígio em algumas comunidades de fala pode ser resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica da mobilidade social, em que se observa que na maioria das vezes é delegado à mulher o cuidado com os filhos e a casa, e ao homem o sustento do lar. O homem, nesse caso, estaria muito mais exposto às diferentes formas lingüísticas por estar em contato com um número maior de indivíduos da sua comunidade, enquanto que a mulher, estando na maior parte do tempo em casa, manteria um padrão mais restrito. Percebe-se, portanto, que a diferença entre homens e mulheres, em relação ao papel social desempenhado por cada um em cada sociedade, é bem acentuada. Também se observa que as mulheres podem ser mais atentas ao padrão de prestígio talvez por estarem sempre atentas aos padrões da moda. Como afirma Labov (2002:07), mudanças e difusão de uma tendência da moda parecem estar mais perto de mudança e difusão lingüística do que qualquer outra forma de comportamento. A intenção de se entrevistarem falantes de ambos os sexos tem por objetivo testar os padrões já estabelecidos por pesquisadores que afirmam

que a fala feminina difere da fala masculina. Já é bastante conhecida a afirmativa de Labov (1972:243) que em uma fala mais cuidadosa, as mulheres tenderiam a usar uma fala menos estigmatizada que os homens e seriam, portanto, mais sensíveis ao padrão de prestígio do que eles. Lieberson (2001), *apud* Labov (2002), argumenta que as tendências são produto de um fator estrutural, o “princípio da engrenagem” (quando um traço é reconhecido como “novo” as formas que seguem essa tendência serão preferidas, consideradas como “dentro da moda”, e as formas antigas serão rejeitadas, consideradas como “fora de moda”) que opera independentemente de outras mudanças na vida social. Também em Labov (1994:202) se conclui, após apresentar resultados de pesquisas anteriores que corroboram sua hipótese, que existe um padrão de diferenciação de gênero que não é baseado em nenhuma diferença fonética ou fisiológica entre homens e mulheres. Segundo o autor, em processos de mudança lingüística que ocorrem abaixo do nível de consciência do falante (*from below*) as mulheres usam mais altas freqüências de formas inovadoras que os homens. Ainda em Labov (1994:293): “as mulheres se adaptam mais do que os homens às normas sociolingüísticas que são explicitamente prescritas, mas se adaptam menos do que os homens quando elas [as regras] não o são” (tradução nossa).

Segundo Paiva (2004) a análise da dimensão social da variação e da mudança lingüística não pode ignorar que a maior ou menor ocorrência de certas variantes esteja associada ao gênero do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino.

Madureira (1987), estudando a vocalização da lateral palatal em português, concluiu que fatores externos como “grupo socioeconômico” e “gênero masculino” favoreceriam o fenômeno em estudo, apontando a tendência geral dos homens ao uso de

variantes estigmatizadas, diferenciando-se do comportamento das mulheres, equivalente, segundo a autora, à tendência descrita por Labov (1976), segundo a qual as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio.

Também Gordon (1997) inicia seu artigo afirmando que:

“nas sociedades em que a estratificação social é refletida na fala, as mulheres tendem a usar mais as normas de prestígio que os homens. Pesquisas em diferentes tipos de sociedades, usando metodologias diferentes, revelam isso como um padrão comum: em situações formais as mulheres mudam o estilo mais perceptivelmente que os homens” (tradução nossa).

Chambers (1995) também confirma esse padrão:

“em todos os estudos sociolinguísticos que incluem uma amostra de homens e mulheres, existe uma evidência para esta conclusão sobre seu comportamento linguístico: as mulheres usam muito menos as variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens do mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias” (tradução nossa).

Chambers (1995) também faz um resumo de estudos de outros autores que abordam a mesma questão como Wolfram (1969:76), *apud* Chambers (1995), que afirma que “as mulheres mostram uma sensibilidade maior aos traços avaliativos sociais do que os homens” (tradução nossa). Romaine (1978:156), *apud* Chambers (1995), afirma que “as mulheres são claramente mais concordantes com as pressões exercidas pelas normas locais dentro da estrutura social” (tradução nossa). Trudgill (1983a:161), *apud* Chambers (1995), também afirma que “as mulheres, permitindo por outras variáveis tais como idade, escolaridade e classe social, produzem uma forma linguística média que irá se aproximar mais daquelas da língua padrão ou ter mais alto prestígio do que aquelas produzidas pelos homens” (tradução nossa).

Essas diferenças, segundo alguns autores, podem se refletir em estilos interacionais distintos. A análise de conversas espontâneas tem permitido mostrar

diferenças significativas na forma como homens e mulheres conduzem a interação verbal. Enquanto homens tendem a manifestar um estilo mais independente e uma postura que garanta seu prestígio, as mulheres orientam sua conversação de uma forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor.

Baseado nos padrões estabelecidos a respeito do gênero, ou seja, de que as mulheres são mais sensíveis à norma, espera-se que também no caso do presente estudo as frequências possam confirmar esta tendência. No entanto, qualquer explicação acerca da variável gênero requer cautela, visto que nem sempre se observam todas as peculiaridades internas às formas como se organizam socialmente cada comunidade: nem sempre os estudos são sistematicamente simétricos, buscando uma análise mais acurada. É importante lembrar que tanto homens quanto mulheres não assumem os mesmos papéis nas diversas sociedades devido a costumes, religiões e até mesmo política. Observa-se que nem sempre essas peculiaridades internas às formas como se organizam socialmente cada comunidade são levadas em conta totalmente. Faz-se necessário separar o inventário entre os gêneros masculino e feminino para se ter uma visão geral dos inventários. A tabela 3a a seguir, mostra as ocorrências registradas nas falas masculina e feminina:

Tabela 3a: Onde e correlatos não-precedidos de -a por gênero

	Masculino	Feminino
ONDE	82 (60,3%)	93 (54,5%)
AONDE	39 (28,7%)	48 (28,1%)
NAONDE	02 (1,5%)	04 (2,3%)
POR ONDE	01 (0,7%)	01 (0,6%)
DE ONDE	01 (0,7%)	05 (2,9%)
DAONDE	-	01 (0,6%)
Total	125 (100%)	152 (100%)

É possível notar que a frequência de ocorrência de dados de *onde* produzidos pelos informantes masculinos foi bastante alto, com 60,3% do total de dados na fala masculina e 54,5% foi o número de ocorrências de *onde* (um pouco inferior) coletados na fala feminina, tal como nos dados gerais, o número de ocorrências de *onde* foi bastante superior às demais em ambos os casos. A forma *aonde*, também seguindo a tendência dos dados gerais, vem logo em seguida (foram registradas 28,7% das ocorrências para os dados de fala masculina e 28,1% das ocorrências para os dados de fala feminina). Apresentando uma baixa frequência em ambos os casos, registraram-se, para o item *naonde*, 1,5% de ocorrências no caso de fala masculina e 2,3% no caso de fala feminina. Em relação ao item *por onde* registrou-se 0,7% do total de ocorrências na fala masculina e 0,6% no caso de fala feminina, uma frequência bastante semelhante. O item *de onde* apresentou uma frequência muito baixa nos dados de fala masculina, com de 0,7% do total de ocorrências, já em relação aos dados de fala feminina essa frequência se acentua um pouco, foram registrados 2,9% do total de dados. Observe-se que a forma *daonde* não foi registrada na fala masculina, já para os dados femininos, registrou-se percentual de 0,6% das ocorrências.

A tabela acima apresenta os dados em uma perspectiva por gênero (ou seja, quantos e quais dados foram produzidos pelos informantes masculinos e femininos), mas é possível extrair mais conclusões partindo de uma visão geral do número de dados apresentados. Como se pode perceber, o número de ocorrências da forma *onde* é bastante superior ao uso da forma *aonde*, tanto na fala masculina quanto na fala feminina, quando não-preposicionados: em uma análise horizontal da tabela acima se percebe que de um total de 175 ocorrências de *onde* (82 dados masc. e 93 dados fem.) 46,9% ocorrem na fala masculina e 53,1% na fala feminina. No que se refere à forma

aonde observa-se que de um total de 87 dados se registrou, para os dados masculinos, 44,8% e 55,2% para os dados femininos. Esta análise permite contrastar a recorrência de cada item em ambas as falas. Observe-se agora que tais formas, quando preposicionadas, apresentam frequências díspares: a forma *naonde* parece ser mais recorrente na fala feminina, que registrou 66,7% dos dados, bem acima dos 33,3% registrados na fala masculina. Registrou-se, em ambas as falas, um percentual idêntico da forma *por onde*, 50%. As formas *de onde* e *daonde* se mostraram mais recorrentes na fala feminina, 83,3% para *de onde* e 100% para *daonde*. Uma observação importante neste caso é que nas mulheres se registrou maior uso das formas inovadoras *naonde* e *daonde*, o que sugere que as mulheres estão à frente no processo de inovação lingüística. Uma vez que ambas as formas não são mencionadas em nenhuma gramática tradicional ou relatadas nos estudos descritivos pesquisados, infere-se que sejam formas marginais, não prestigiadas, o que a sugere que as mulheres não estariam seguindo os padrões (admite-se, no entanto, que não se possa falar em prestígio sem antes realizar testes de percepção para se poder afirmar com maior segurança, mas é possível indicar tendências contrárias ao que dizem alguns estudos consultados).

É possível perceber que em ambos os casos o número de ocorrências das demais formas foi bastante inferior a *onde* e *aonde*. Observa-se também que tanto nos dados masculinos quanto nos dados femininos registraram-se frequências aproximadas das formas, a frequência de ocorrência é semelhante em ambos os sexos (excetuando-se os casos de formas inovadoras e da forma preposicionada *de onde*, como se pôde perceber). Aqui se pode perceber que, como no inventário inicial, em ambos os gêneros observam-se tendências semelhantes. Também é importante salientar que com os dados ambíguos não há como definir se as formas são *onde* ou *aonde*, como já foi dito mais

acima, portanto tais dados receberão tratamento diferenciado, o que significa que na presente pesquisa serão apresentados apenas para fins de esclarecimento.

Agora tem-se a tabela 3b com a apresentação das ocorrências das formas precedidas de *-a*:

Tabela 3b: *Onde* e correlatos precedidos de *-a* por gênero

	Masculino	Feminino
(A)ONDE	03 (27,3%)	12 (63,2%)
P(A)RA (A)ONDE	08 (72,7%)	07 (36,8%)
Total	11 (100%)	19 (100%)

Para o *(a)onde*, registraram-se 27,3% das ocorrências no caso dos dados de fala masculina e 63,2% no caso de fala feminina. 72,7% de ocorrências foram registradas, no caso do item *p(a)ra (a)onde*, nos dados de fala masculina e 36,8% nos dados de fala feminina. Percebem-se padrões inversos no caso das formas ambíguas: registra-se maior uso da forma *(a)onde* na fala feminina enquanto a forma preposicionada *p(a)ra (a)onde* parece ser preferida na fala masculina.

3.2.2. Faixa etária

Está claro para todo pesquisador que inicia um estudo sociolinguístico que a língua muda com o tempo. Uma maneira fácil de se constatar tal afirmativa seria comparar o português do séc. XX com o português do séc. XVI, por exemplo. Tal comparação pode causar um estranhamento inicial e levar o pesquisador a pensar que as mudanças são abruptas, mas essas mudanças não o são, elas se processam de maneira gradual em vários níveis. No entanto, seria possível apreender uma mudança no seu curso de implementação? A variável *faixa etária* torna-se de grande importância em estudos sociolinguísticos, pois a partir de uma análise em tempo aparente seria possível

detectar indícios de mudança em tempo real. Um dos princípios mais claros da Teoria da Variação é o de que as línguas naturais estão em constante variação. Assim, a sociolinguística postula que as mudanças possam ser apreendidas no seu curso de implementação através do que se denominou *análise em tempo aparente*. Vários estudos sociolinguísticos levam em conta essa análise, visto que, como sugerem muitos pesquisadores “o estudo da mudança em tempo aparente está baseado no pressuposto de que diferenças lingüísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes.” (Paiva & Duarte (2003:14)).

A hipótese clássica postula que o comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas. O fator *faixa etária*, portanto, é necessário para se poder analisar como a idade influencia ou não no uso dos locativos.

Foram delimitadas, na presente pesquisa, três faixas etárias, a saber: faixa 01 (15-29 anos), faixa 02 (30-45 anos) e faixa 03 (45-70 anos). A questão dos limites entre as faixas etárias é um tema ainda polêmico, visto que, não se fixou um parâmetro entre os estudos realizados.

A tabela seguinte lista as ocorrências dos locativos de acordo com as faixas etárias estabelecidas na presente pesquisa.

Tabela 4a: Onde e correlatos não-precedidos de -a por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	72 (72%)	51 (58%)	52 (58,4%)
AONDE	22 (22%)	31 (35,2%)	34 (38,2%)
NAONDE	01 (1%)	04 (4,5%)	01 (1,1%)
POR ONDE	01 (1%)	-	01 (1,1%)
DE ONDE	03 (3%)	02 (2,3%)	01 (1,1%)
DAONDE	01 (1%)	-	-
Total	100 (100%)	88 (100%)	89 (100%)

Os padrões depreendidos da tabela acima seguem a tendência dos dados gerais. Observa-se que em todas as faixas etárias o item *onde* é mais recorrente, seguido pelo item *aonde*. Convém apresentar os dados a partir da faixa 03 para que se possa ter uma clara noção da recorrência das formas em tempo aparente. É possível perceber que na faixa 03 a recorrência de *onde* é bastante superior às demais (58,4%), e 38,2% foi o número de ocorrências da forma *aonde*. Também se registra, na faixa 03, a forma inovadora *naonde*, com 1,1% das ocorrências, frequência semelhante às demais formas registradas (*por onde* e *de onde*). Na faixa intermediária, a faixa 02, se observa uma acentuação na diferença entre as formas *onde*, com 58%, e *aonde*, que apresenta percentual de 35,2%. É também na faixa intermediária que se observa acentuação no uso da forma inovadora *naonde*, que representou 4,5% do total de ocorrências neste grupo etário. A forma *de onde* representa 2,3% dos dados e as formas *por onde* e *daonde* não foram registradas nessa faixa etária. Na faixa 01, por sua vez, observa-se que a forma *onde* apresenta frequência bastante superior às demais (72%) e a frequência de ocorrência da forma *aonde* (22%) cai sensivelmente; observa-se que essa faixa foi a que fez mais uso da forma *de onde* (3% dos dados) e as demais (*naonde*, *por onde* e *daonde*) apresentaram frequências idênticas (1%). Observe-se que foi na faixa 01 que se registrou o uso da forma inovadora *daonde*. A análise da tabela acima sugere que, em relação às formas inovadoras, pode-se depreender que no que se refere à forma *naonde* a inovação tenha começado no grupo etário mais alto, sendo aceito no grupo intermediário e estaria se firmando ou sendo rejeitado no grupo mais jovem (os dados não permitem afirmar com precisão), já em relação à forma *daonde* os dados sugerem que esta seria uma forma mais recente, mas qualquer afirmação a esse respeito requer cautela, visto o baixo número de ocorrências no *corpus*.

Se se observar a tabela em uma perspectiva por formas (horizontalmente) percebe-se que em relação ao item *onde*, há, sem dúvida, um uso mais freqüente na faixa 01, com 41,1% (72 ocs. em 175 dados de *onde*); nas demais registraram-se freqüências semelhantes. Registrou-se, por sua vez, maior ocorrência para o item *aonde* na faixa 03, com 39,1%, uma freqüência bem aproximada à faixa 02, que registrou 35,6%. É possível perceber que na faixa 02, a faixa intermediária, registrou-se maior ocorrência do item *naonde*, com 66,7% das ocorrências, já o item *por onde* registrou freqüência semelhante nas faixas 01 e 03, com 50% cada. Registrou-se maior freqüência do item *de onde* na faixa 01, 50% e o item *daonde* só foi registrado na faixa 01. É importante lembrar que esta análise horizontal não está explícita na tabela, para se chegar aos resultados apresentados acima é necessário somar o número de dados coletados por formas e fazer o cálculo de porcentagem.

A seguir tem-se a apresentação da tabela 4b com o número de ocorrências de *onde* e correlatos precedidos de *-a*:

Tabela 4b: Onde e correlatos precedidos de -a por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
(A)ONDE	05 (33,3%)	05 (71,4%)	05 (62,5%)
P(A)RA (A)ONDE	10 (66,7%)	02 (28,6%)	03 (37,5%)
Total	15 (100%)	07 (100%)	08 (100%)

Aqui se percebe que houve registro das duas formas em todas as faixas estabelecidas, no entanto, não há como analisar o impacto do uso dessas formas sobre o fator faixa etária, uma vez que esses itens estão sendo apresentados apenas por motivos didáticos.

3.2.3. Escolaridade

Tem-se agora o fator escolaridade, este fator foi necessário para se analisar como se dá a influência da escola na fala dos indivíduos: é importante saber se as normas gramaticais estabelecidas estão sendo seguidas ou não no seu uso cotidiano, testando o grau de reflexão lingüística do falante e confrontando com o que prediz a norma culta. O fator escolaridade tem sido amplamente testado para se verificar o seu grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma de prestígio. A escola tem o papel de gerar mudanças na fala e na escrita das pessoas, adequando-as ao padrão culto, atuando como preservadora de formas de prestígio face a tendências de mudanças em curso no sistema. No entanto, observa-se que existem fenômenos que são objeto do ensino escolar (os mais salientes) e aqueles que não têm muito destaque pelas regras normativas. O nível de escolaridade desempenha, portanto, um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes.

Segundo Almeida (1955:262), o item *onde* indica a idéia de “estada/permanência”; enquanto que *aonde* indica “movimento”. No presente caso, verificar-se-ão se falantes com escolaridade mais alta são mais sensíveis às normas em relação aos locativos.

A escolaridade foi delimitada entre baixa escolaridade (até cinco anos de estudo) e alta escolaridade¹² (acima de onze anos de estudo). Este recorte foi feito a fim de se ter uma clara noção da influência da escola na fala dos indivíduos. Aqui vale ressaltar dois pontos, o primeiro é que não foram encontrados informantes analfabetos, o que é

¹² A nomenclatura utilizada (*baixa x alta escolaridade*) tem apenas o intuito de opor pessoas com ensino fundamental a pessoas com ensino médio ou mais anos de escolarização.

bastante positivo se se levar em conta o estado precário das escolas brasileiras. Outro ponto positivo é que se verificou um maior número de informantes classificados com alta escolaridade que tinham ingressado em algum curso superior, o que aponta para um aumento de pessoas das classes baixa e média baixa no ensino superior.

No presente caso, verificar-se-á se falantes com escolaridade mais alta são mais sensíveis às normas em relação aos locativos. Cabe lembrar que o que se chama aqui de norma é o que é definido pelas gramáticas normativas, ou seja, que o item *onde* só se refere a lugar físico e indica permanência, os itens *aonde*, *para onde* e *por onde* indicam destino e o item *de onde* procedência. Qualquer uso fora dessa norma será considerado, aqui, como “não-padrão”. A intenção não é meramente reproduzir o que predizem as gramáticas normativas, mas sim identificar um padrão e possíveis variantes; sabe-se, no entanto, que para se identificar uma forma de prestígio seria necessário realizar testes de avaliação com os falantes, mas no presente estudo serão consideradas como padrão as formas preconizadas pela gramática normativa.

A escolaridade, como já se disse acima, foi delimitada entre baixa escolaridade (até cinco anos de estudo) e alta escolaridade (acima de onze anos de estudo):

Tabela 5a: *Onde* e correlatos não-precedidos de -a por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	66 (51,2%)	109 (73,6%)
AONDE	58 (45%)	29 (19,6%)
NAONDE	02 (1,6%)	04 (2,7%)
POR ONDE	-	02 (1,4%)
DE ONDE	02 (1,6%)	04 (2,7%)
DAONDE	01 (0,7%)	-
Total	129 (100%)	148 (100%)

A apresentação da tabela 5a dá ao leitor uma noção da atuação do fator escolaridade no uso das formas em destaque. Entre os informantes com baixa

escolaridade percebe-se que os usos de *onde* e *aonde* são aproximados (51,2% para *onde* e 45% para *aonde*), também se registram usos das formas inovadoras *naonde* (1,6%) e *daonde* (0,7%) na fala dos informantes pouco escolarizados (o que era de se esperar), além da forma preposicionada *de onde* (1,6%). Em relação aos informantes com alta escolaridade percebe-se um uso muito mais recorrente da forma *onde* (73,6%) em relação à forma *aonde* (19,6%) (cabe salientar aqui que ainda não se pode falar em competição entre as formas, visto que não se sabe quais valores semânticos são atribuídos a cada uma delas). Um fato curioso, notado a partir da análise da tabela, é o uso mais recorrente da forma inovadora *naonde* (2,7%) superior às formas registradas em gramáticas, como a forma *por onde* (1,4%), por exemplo, e registrando uso equivalente à forma *de onde*.

Aqui também se faz pertinente observar os dados em uma perspectiva horizontal. Através de uma análise horizontal dos dados pode-se perceber a disparidade das ocorrências. Percebe-se que o item *onde* foi mais freqüente na fala de indivíduos escolarizados, com 62,3%, e o item *aonde* foi mais freqüente na fala de indivíduos pouco-escolarizados, com 66,7%. Em relação às formas inovadoras percebe-se que para a forma preposicionada *naonde* registrou-se maior ocorrência na fala de indivíduos com alta escolaridade, com 66,7% das ocorrências e que se registrou ocorrência da forma *daonde* apenas na fala de indivíduos com baixa escolaridade. Registraram-se ocorrências da forma *por onde* apenas na fala dos indivíduos com alta escolaridade. No caso da forma *de onde* registrou-se ocorrência semelhante à forma *naonde* (66,7%), com os informantes mais escolarizados fazendo maior uso. Os dados também parecem não confirmar a norma estabelecida, pois se observou que formas “marginais”, como *naonde*, foram registradas em maior número na fala de informantes com alta

escolaridade. Se se assumir que a inovação começa de baixo para cima (inicia na fala dos não escolarizados e depois na fala dos escolarizados) pode-se inferir que a forma *naonde* seria mais antiga (corroborando a hipótese afirmada na apresentação dos dados por faixa etária) por já estar presente na fala dos indivíduos com alta escolaridade e a forma *daonde* seria mais recente, visto que não há ainda registros na fala de informantes escolarizados.

A seguir tem-se a tabela 5b com o número de ocorrências dos locativos precedidos de *-a*:

Tabela 5b: Onde e correlatos precedidos de *-a* por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
(A)ONDE	09 (52,9%)	06 (46,2%)
P(A)RA (A)ONDE	08 (47,1%)	07 (53,8%)
Total	17 (100%)	13 (100%)

A tabela 5b também é apresentada apenas com o intuito de ilustrar a atuação do fenômeno em relação à variável escolaridade. Como já se disse anteriormente, os dados ambíguos receberão destaque diferenciado na presente pesquisa.

3.3. Fatores intralingüísticos

Os fatores intralingüísticos compreendem o contexto sintático, a natureza do antecedente, a clivagem e o valor semântico dos locativos. Tais fatores serão apresentados logo a seguir.

3.3.1. Contexto sintático

Nesta seção, serão mostrados os contextos sintáticos em que ocorreram os locativos em estudo, segundo a tipologia empregada em Cambraia (1996 e 2002): serão apresentadas duas tabelas para que se possa analisar o uso dos locativos. As siglas abaixo correspondem ao tipo de oração em que se encontram, a saber:

- ORR: oração relativa restritiva
- ORA: oração relativa apositiva
- ORL: oração relativa livre
- OII: oração interrogativa indireta
- OID: oração interrogativa direta

Para um maior esclarecimento, faz-se necessária uma exemplificação dos contextos sintáticos citados (negrito nosso):

- **oração relativa restritiva:** “ (...) ela chegou e falou ‘*esse ponto **aonde** vocês estão aí que é o lugar bom, daí da pra pegar curimba.*’ (...)” (Informante 04M-EdnBF, dado 4M. g)
- **oração relativa apositiva:** “(...)então você tendo condições você pode ir pr’um (inint.) igual por exemplo tem lá no/no Planalto **onde** o A. **morAva** (...)” (Informante 08F-CAGM, dado 8F. m)
- **oração relativa livre:** “(...) você conhece Pedro Leopoldo? A parte baixa é **aonde** que é a: igreja lá em baixo, que tem a fábrica. E a parte alta é a parte no::va que eles fizeram lá em cima lá (...)” (Informante 13M- RAS, dado 13M.f)
- **oração interrogativa indireta:** “(...) ele foi e falou assim, o Ricardo ‘*vocês vão onde?*’ perguntando **onde** a gente **ia**, né?” (Informante 14M-EGCJ, dado 14M. c)
- **oração interrogativa direta:** “(...) **vai buscar** o cara **aonde?** (...)” (Informante 01M- BEMO, dado 1M. c)

Em seguida, tem-se a tabela 6a, em que se lista a relação do contexto sintático em que se registraram ocorrências de *onde* e seus correlatos analisados na presente pesquisa:

Tabela 6a: Onde e correlatos não-precedidos de -a por contexto sintático

	ORR	ORL	ORA	OII	OID
ONDE	55 (75,3%)	27 (58,6%)	11 (91,7%)	47 (63,5%)	35 (48,6%)
AONDE	15 (20,5%)	17 (37%)	01 (8,3%)	22 (29,7%)	32 (44,4%)
NAONDE	03 (4,1%)	01 (2,2%)	-	01 (1,4%)	01 (1,4%)
POR ONDE	-	-	-	02 (2,7%)	-
DE ONDE	-	01 (2,2%)	-	01 (1,4%)	04 (5,6%)
DAONDE	-	-	-	01 (1,4%)	-
Total	73 (100%)	46 (100%)	12 (100%)	74 (100%)	72 (100%)

Observa-se que nas relativas o contexto que mais favorece o uso de *onde* é em relativas apositivas, em que se registram 91,7% de ocorrências e apenas 8,3% de *aonde*. Observe-se que o contexto em questão não favorece o uso de nenhuma outra forma. O segundo contexto mais freqüente de *onde* é em relativas restritivas: percebe-se um uso recorrente de *onde* (75,3%) e um aumento no uso de *aonde* (20,5%), além de se registrar neste contexto a forma inovadora *naonde* (4,1%). Por fim observa-se que em orações relativas livres as freqüências entre *onde* e *aonde* se aproximam, 58,6% e 37% respectivamente. Este contexto também é favorável à variante inovadora *naonde* (2,2%) e também favorece o uso de *de onde* (2,2%).

Em relação às interrogativas, também se observam padrões de comportamento semelhantes: *onde* é sempre mais recorrente na fala, *aonde* é a segunda forma mais usada. Percebe-se que o *onde* é mais freqüente em interrogativas indiretas, em que se registraram 63,5% das ocorrências e 29,7% de *aonde*. É também nas interrogativas indiretas que se verifica a ocorrência de todas as formas inventariadas na presente pesquisa: foi o único contexto em que se registrou a forma *por onde* (2,7%) e a forma inovadora *daonde* (1,4%) e registrou, para as demais formas, freqüências idênticas (1,4%). Nas interrogativas diretas já se pôde observar uma equivalência nos usos de *onde* (48,6%) e *aonde* (44,4%), registrando freqüências bem equilibradas. A forma *de*

onde parece ser bastante freqüente nesse contexto (5,6%) e também se registrou ocorrência da forma inovadora *naonde* (1,4%).

Analisando a tabela em uma perspectiva horizontal é bem visível a recorrência de *onde* e *aonde*, observa-se que todos os contextos são favoráveis a ambas as formas, no que se refere às suas ocorrências, visto que há registro das formas em toda a cadeia sintática. No entanto é possível notar que as demais formas parecem se restringir a certos contextos, uma vez que não se registraram os seus usos em todos os contextos. Cabe ressaltar o fato notado de que o contexto OII parece ser favorável, foi o único contexto em que se registraram todas as formas dos locativos.

Observe-se agora a tabela 6b a seguir:

Tabela 6b: *Onde* e correlatos precedidos de -a por contexto sintático

	ORR	ORL	ORA	OII	OID
(A)ONDE	04 (100%)	04 (80%)	01 (100%)	04 (30,8%)	02 (28,6%)
P(A)RA (A)ONDE	-	01 (20%)	-	09 (69,2%)	05 (71,4%)
Total	04 (100%)	05 (100%)	01 (100%)	13 (100%)	07 (100%)

Na tabela 6b pode-se perceber que a forma *(a)onde*, tal como as formas *onde* e *aonde*, é registrada em toda a cadeia sintática, sendo mais favorecida nas relativas. A forma *p(a)ra (a)onde*, por sua vez parece ser mais favorecida nas interrogativas (observa-se a sua alta freqüência nas interrogativas diretas e indiretas), sua freqüência foi baixa em relativas livres (20%) (observaram-se que nos contextos ORR e ORA a forma *(a)onde* foi absoluta).

3.3.2. Natureza do antecedente

Estudos recentes analisados assumem que o *onde* pode ter como antecedentes um SN, um SAdv., um pronome ou pode vir sem antecedente na frase (cf. p.ex. Andrade (1994)). No presente *corpus*, tal afirmativa se confirma. Foram observados os tipos de antecedente admitidos pelo *onde* e correlatos a fim de se saber qual seria o seu impacto na frase. Do total de 307 dados, observou-se que os tipos de antecedente admitidos pelo *onde* e correlatos foram:

Zero - “(...) mais aí eu fui no rumo (inint.) que eu sou muito de rumo ‘**aonde** que é?’ então me dá tal rumo, eu vô ino (...)” (Informante 8F – CAGM, dado 08F.g)

SN - “(...) eu trabalhava de/eu tava cobrindo férias... **no prédio aonde** que ele era motorista particulá (...)” (Informante 01F – GEG, dado 1F.d)

SAdv - “(...) passou uns vinte, trinta minuto... a mulher chega ‘*oh!bateu a boa aqui!*’ aí na hora que chegou na berada, cadê o (puçá)? Ela esqueceu o (puçá) **lá naonde** a gente tava acampado... Devia ser uns sessenta ou setenta metro daonde a gente tava pescando (...)” (Informante 04M – EdnBF, dado 04M.h)

Pronome - “(...) acho que não, é::... **aquele ond’**é que tem o Palomar, como é que chama? (...)” (Informante 15M – RMLA, dado 15M.f)

Para se ter uma noção do número de dados convém apresentar a tabela abaixo:

Tabela 7a – Natureza do antecedente admitido por *onde* e correlatos não-precedidos de –a.

	NATUREZA DO ANTECEDENTE			
	ZERO	SN	SADV	PRONOME
ONDE	109 (56,8%)	42 (79,2%)	23 (74,2%)	01 (100%)
AONDE	71 (37%)	11 (20,8%)	05 (16,1%)	-
NAONDE	03 (1,6%)	-	03 (9,7%)	-
POR ONDE	02 (1%)	-	-	-
DE ONDE	06 (3,1%)	-	-	-
DAONDE	01 (0,5%)	-	-	-
Total	192 (100%)	53 (100%)	31 (100%)	01 (100%)

Observa-se que todas as formas podem vir sem antecedente na oração, no entanto nem todas admitem todos os antecedentes preditos. Observe-se que só as formas *onde* e *aonde* ocorrem precedidas de um sintagma nominal, e que parece ocorrer mais casos com a forma *onde* (79,2%) do que a forma *aonde* (20,8%). Dentre as formas que podem vir precedidas de um sintagma adverbial, observa-se que só foram registrados casos das formas *onde* (74,2%), *aonde* (16,1%) e *naonde* (9,7%), e dentre essas formas o *onde* parece ser mais usado nesses contextos. Com um antecedente de natureza pronominal, observa-se que só a forma *onde* admite essa possibilidade, e sua ocorrência no *corpus* foi extremamente restrita (01 caso em 307). Portanto, admite-se que a forma *onde* possa vir antecedida de SN's, SAdv's e pronomes, como postulam estudos recentes, mas pelo fato de tais estudos tratarem do uso apenas de *onde*, ou tratarem todas como uma só forma (nesse caso, a forma *onde*, sem discriminá-las), o leitor pode se enganar em inferir que todos os locativos podem ocorrer com tais antecedentes na frase. Observa-se que as formas *por onde*, *de onde* e *daonde* só ocorrem sem antecedente. É interessante observar tal fato, pois observa-se que cada forma parece ter comportamento próprio, o que demanda maior aprofundamento do estudo. Esses casos, por não serem o objeto central da pesquisa, não serão tratados exaustivamente e são apresentados com o objetivo de futuramente serem investigados com maior rigor.

Abaixo apresenta-se a tabela com as formas precedidas de *-a*:

Tabela 7b – Natureza do antecedente admitido por *onde* e correlatos precedidos de *-a*.

	NATUREZA DO ANTECEDENTE			
	ZERO	SN	SADV	PRONOME
(A)ONDE	10 (40%)	03 (100%)	02 (100%)	-
P(A)RA (A)ONDE	15 (60%)	-	-	-
Total	25 (100%)	03 (100%)	02 (100%)	-

Aqui se observa que no caso das formas ambíguas o comportamento é bastante parecido com o das formas *onde* e *aonde*, uma vez que admitem SN's e SAdv's como antecedentes. Já a forma *p(a)ra (a)onde* só ocorre sem antecedente no presente *corpus*.

3.3.3. Clivagem

Segundo Kato & Ribeiro (2004) as sentenças clivadas fazem parte das sentenças marcadas. São geralmente vistas como um tipo relacionado com focalização, em que um elemento “X” seria o foco nas estruturas do tipo “é/ foi X que...” ou “X é/ foi que...”. As autoras observam cinco tipos básicos de realização focal no português brasileiro atual, incluindo aí a sentença neutra, a saber¹³:

a ¹ .	(Maria (encontrou { <i>João</i> }))	Sentença neutra / não marcada
a ² .	(Maria (comprou { <i>esse CD</i> }))	Sentença neutra / não marcada ¹⁴
b ¹ .	Foi o JOÃO que Maria encontrou	Clivada (It-cleft)
b ² .	Foi ESSE CD que Maria comprou	
c ¹ .	O JOÃO é que Maria encontrou.	Clivada invertida
c ² .	ESSE CD é que Maria comprou	
d ¹ .	Quem Maria encontrou foi JOÃO	Pseudo-clivada (Wh-cleft)
d ² .	O que João quer comprar é ESSE CD.	
e ¹ .	JOÃO foi quem Maria encontrou	Pseudo-clivada invertida
e ² .	ESSE CD é o que o João comprou.	

Segundo as autoras, o constituinte em itálico nos exemplos em (a) acima marca o foco *informacional*, sobre o qual recai o acento nuclear. O foco pode ser apenas o objeto, o verbo + o objeto ou a sentença toda; isto porque tal foco, segundo Cinque (1990), *apud* Kato & Ribeiro (2004), tem a propriedade de se propagar da direita para a

¹³ Os exemplos foram tirados de Kato *et al.* (1996), *apud* Kato & Ribeiro (2004).

¹⁴ Esse exemplo a2 não consta no trabalho de Kato & Ribeiro (2004), mas foi colocado aqui para se ter o contraste completo entre sentenças com objeto animado (as de índice 1) e com objeto não animado (as de índice 2).

esquerda. O foco informacional responde a perguntas-Q cujo escopo pode ser o último elemento da sentença não-marcada ou qualquer constituinte que o contenha. Por outro lado, os constituintes em caixa alta, nos exemplos acima, indicam a posição do acento sobre o foco *quantificacional*, responsável por relacionar as leituras semânticas de contraste, exclusividade e exaustividade. Desse modo, o constituinte em caixa alta identifica o valor de uma variável X, a partir de um subconjunto exaustivo de elementos, contextualmente definido. Assumem as autoras que de uma sentença original apresentativa, um constituinte é destacado para se tornar foco, podendo essa propriedade aparecer em uma das posições na qual pode receber o acento focal: na periferia à esquerda ou na posição medial. Um outro estudo realizado por Kato *et al.* (2002) realiza um levantamento de construções clivadas nos dados do NURC-SP. Segundo as autoras, as gramáticas normativas do português não analisam o fenômeno da clivagem, algumas apresentam exemplos de sentenças pseudo-clivadas invertidas, referindo-se à possibilidade de a conjunção *que* ou a locução *é que* poderem ser apenas uma partícula expletiva, ou de realce, ou de ênfase (Kato *et al.* (1996:329), *apud* Kato & Ribeiro (2004)). Uma análise inicial permitiu constatar que os dados do NURC-SP apresentam três tipos de clivagem, a saber: as sentenças clivadas, as pseudo-clivadas e as clivadas invertidas. Tais sentenças ocorrem nos três tipos de discurso analisados no NURC (elocuições formais (EF), diálogos entre dois informantes (D2) e diálogo entre informante e documentador (DID)) e em ambos os sexos. Segundo as autoras, apenas as sentenças clivadas deixam de ocorrer em determinadas faixas etárias, principalmente nas EF, o que pode ser devido ao tipo de discurso. As autoras observam que as construções clivadas são pouco frequentes em qualquer um dos casos. Segundo elas, predominam, nas EF's e nos D2's, as pseudo-clivadas e as clivadas invertidas. Nos

DID's predomina o tipo de sentença denominada clivada invertida. O que propõem as autoras é que as sentenças clivadas e as clivadas invertidas cumprem os mesmos papéis sintáticos e discursivos, mas o número de ocorrência de clivadas invertidas é bem superior ao número de ocorrência de sentenças clivadas e são o recurso mais utilizado pelos falantes para a focalização de sujeitos e adjuntos. Para o estudo em questão, não se pretende aprofundar em uma análise que busque ater-se ao fenômeno da clivagem, mas é interessante notar que o número de ocorrência de clivadas invertidas com construções *onde* foi bastante significativa tanto na fala de homens quanto de mulheres na presente pesquisa.

Um levantamento inicial de construções clivadas na presente pesquisa permitiu observar que o fenômeno da clivagem favorece principalmente o item *onde*, o que pode estar fortemente ligado a fatores prosódicos, tal como afirmam Kato & Ribeiro (2004: 04):

(...) Assim, a depender do contexto, as línguas podem apresentar variação em relação ao tipo de estratégia possível para indicar o foco contrastivo: (i) mudança da estrutura prosódica em inglês, em alemão e em PB (SV em lugar de SV); (ii) inversão da ordem canônica entre sujeito e predicado (VXS em lugar de SVX, em italiano); (iii) *it*-cleft, opcional em inglês, em italiano e em PB, mas obrigatório em francês.

Observem-se os itens em destaque nas orações abaixo:

“(...) teve um fato que eu não me esqueço também, que eu estava viajando uma vê::z **foi aonde?**... Ah! Foi no::... foi na região de Irecê (...)” (Informante 18M – SCMS, dado 18M.f)

De acordo com análise feita em Kato & Ribeiro (2004), a oração em destaque acima pode ser classificada como uma *clivada (it-cleft)* e registrou-se apenas uma ocorrência desse tipo no *corpus*.

Agora observe-se a sentença abaixo:

“(...) quem vê faz o mesmo... antes de vim esse processo de::, vamos dizer, salvar o mundo (...) porque tem lugar mesmo **ond’ê que** tem festa... gente!, quem tá ni festa, tá bebendo (...)” (Informante 03M – WAM, dado 3M.e)

De acordo com a análise realizada por Kato & Ribeiro (2004), o tipo de sentença acima seria classificado como *clivada invertida*. Logo a seguir serão apresentadas duas tabelas com as frequências das ocorrências de cada tipo de sentença clivada encontrada no *corpus*. Além dos tipos básicos apresentados acima, Kato & Ribeiro (2004) apresentam outras possibilidades de clivagem que são atestadas no PB (que são listadas logo abaixo), como as apresentadas nos estudos de Modesto (2001)¹⁵ e Kato & Ribeiro (2004):

f.	É A SUZANITA quem quer casar	Pseudo-clivada extraposta
g.	Quero é que VOCÊ VÁ PRA CASA	Pseudo-clivada reduzida
h.	MARIA que chegou	Clivada sem cópula

Dos exemplos extraídos de Kato & Ribeiro (2004) acima se pôde perceber que houve, no presente *corpus*, um número bastante significativo de sentenças clivadas sem cópula, conforme exemplo abaixo:

“(...) o ponto de encontro que existe na regiã::o, **onde que** os meninos vão pra ver as menini::nhas, as meninas vão pra ver os meni::nos e ta::l (...)” (Informante 01M – BEMO, dado 1M.b)

O número de ocorrência de sentenças clivadas no *corpus* foi bastante significativo. Faz-se necessário, portanto, apresentar uma tabela registrando o número de ocorrências de cada uma no *corpus* a fim de propiciar melhor visualização do problema. Primeiramente, serão apresentadas as tabelas em que se contrastam as

¹⁵ Modesto (2001) trata casos de inversão dos tipos acima como casos de pseudo-clivadas, mas em seu estudo Kato & Ribeiro (2004) consideram que a análise dessas estruturas é distinta.

ocorrências de sentenças clivadas e não-clivadas, e logo em seguida as tabelas em que se contrastam o número de ocorrências e os tipos de sentenças clivadas:

Tabela 8a – Onde e correlatos não-precedidos de -a: frequência de sentenças clivadas e não-clivadas

	SENTENÇAS NÃO-CLIVADAS	SENTENÇAS CLIVADAS	Total
ONDE	72 (41,1%)	103 (58,9%)	175 (100%)
AONDE	55 (63,2%)	32 (36,8%)	87 (100%)
NAONDE	04 (66,7%)	02 (33,3%)	06 (100%)
POR ONDE	02 (100%)	-	02 (100%)
DE ONDE	05 (83,3%)	01 (16,7%)	06 (100%)
DAONDE	01 (100%)	-	01 (100%)

Como se pode perceber pela tabela acima alguns itens do presente *corpus* parecem não ser favorecidos pela clivagem. Observa-se que o item mais favorecido pela clivagem é o *onde*, das 175 ocorrências dessa forma, as sentenças não-clivadas somaram 41,1% do total (72 ocorrências) e 103 ocorrências, ou seja, 58,9% dos dados são de sentenças clivadas, um padrão diferente daquele encontrado nas demais formas. Observa-se que as demais formas parecem não ser tão favorecidas pelo fenômeno da clivagem quanto o *onde*: em relação à forma *aonde* se pode observar que do total de ocorrências, registrou-se um percentual de 63,2% de sentenças não-clivadas e 36,8% de clivadas. Em relação ao item *naonde*, pode-se observar que do total de ocorrências dessa forma, ou seja, 06 ocorrências, 66,7% são de sentenças não-clivadas e 33,3% de sentenças clivadas. No que se refere à forma *de onde*, no conjunto total de ocorrências observa-se que 83,3% dos casos foram de sentenças não-clivadas e 16,7% de sentenças clivadas. Observa-se que o fenômeno da clivagem parece não ser favorável no caso da forma *por onde* e da forma *daonde*, visto que só foram registradas ocorrências de ambas em sentenças não-clivadas.

Agora observe-se a tabela 8b abaixo:

Tabela 8b – Onde e correlatos precedidos de –a: frequência de sentenças clivadas e não-clivadas

	SENTENÇAS NÃO-CLIVADAS	SENTENÇAS CLIVADAS	Total
(A)ONDE	05 (33,3%)	10 (66,6%)	15 (100%)
P(A)RA ONDE	06 (40%)	09 (60%)	15 (100%)

Observa-se que em relação à forma *(a)onde*, foram registrados 33,3% de ocorrências dessa forma em sentenças não-clivadas e 66,7% em sentenças clivadas. Também registram-se, para a forma *p(a)ra (a)onde*, frequências semelhantes: 40% em sentenças não-clivadas e 60% em sentenças clivadas.

Tendo apresentado a separação entre as formas, seria interessante agora apresentar os casos específicos de clivagem tal como adotado em Kato e Ribeiro (2004).

Por motivos de espaço, será necessário usar abreviaturas para representar os tipos de sentenças, tem-se, portanto, CL para as sentenças clivadas (*clivada-it*), CLI para as sentenças clivadas invertidas, PCL para as pseudo clivadas, PCI para as pseudo clivadas invertidas, PCE_x para as pseudo clivadas extrapostas, PCRe para as pseudo clivadas reduzidas e CLS para as clivadas sem cópula.

Observem-se as tabelas abaixo:

Tabela 8c – Onde e correlatos não-precedidos de –a: frequência de sentenças clivadas

	TIPOS DE SENTENÇAS CLIVADAS						Total	
	CL	CLI	PCL	PCI	PCE _x	PCRe		CLS
ONDE	-	43 (41,7%)	-	-	-	-	60 (58,3%)	103 (100%)
AONDE	01 (3,1%)	01 (3,1%)	-	-	-	-	30 (93,8%)	32 (100%)
NAONDE	-	-	-	-	-	-	02 (100%)	02 (100%)
POR ONDE	-	-	-	-	-	-	-	-
DE ONDE	-	-	-	-	-	-	01 (100%)	01 (100%)
DAONDE	-	-	-	-	-	-	-	-

Observa-se, inicialmente, que o fenômeno da clivagem não atingiu todos os itens do presente *corpus* e nem todos os casos de clivagem foram registrados, no que se refere aos locativos, como se pode perceber pela tabela acima. Observa-se que das ocorrências

da forma *onde*, as sentenças clivadas somaram um total de 103 ocorrências, sendo desse total 41,7% CLI e 58,3% CLS. É interessante observar a grande frequência de CLS no *corpus*, um contexto bastante favorecedor. Em relação à forma *aonde* se pode observar que do total de ocorrências da forma em questão, as CLS registraram frequência quase absoluta, observa-se que são 30 ocorrências de CLS, ou seja, 93,8% do total, em comparação às demais ocorrências, 3,1% de CL (único caso de clivada-it em todo o *corpus*) e 3,1% de CLI. Em relação aos itens *naonde* e *de onde* pode-se observar que dentro do conjunto de sentenças clivadas só se registraram ocorrências de CLS. As formas *por onde* e *daonde* parecem não ser favorecidas pelo fenômeno da clivagem. Realizando uma leitura vertical da tabela 8c observa-se que a forma *onde* permite construções do tipo *X é que* muito mais que a forma *aonde*: se se observar o número de dados de ambas as formas em sentenças clivadas do tipo CLI é possível perceber que, das 44 ocorrências arroladas, a forma *onde* apresenta uma frequência quase absoluta (97,7%) contrastada com uma baixa frequência de *aonde* (2,3%), o que teve forte impacto no registro das formas em questão. No caso das ocorrências em sentenças clivadas do tipo CLS, no entanto, observa-se que das 93 ocorrências registradas, 64,5% são com a forma *onde*, 33,2% com a forma *aonde*, 2,2% com *naonde* e 1,1% com *de onde*. Observe-se, portanto, que o contexto de sentenças clivadas parece favorecer mais a forma *onde* do que qualquer outra forma registrada no *corpus*.

Agora tem-se a tabela 8d, com a apresentação das formas precedidas de *-a*:

Tabela 8d – *Onde* e correlatos precedidos de *-a*: frequência de sentenças clivadas

	SENTENÇAS CLIVADAS							Total
	CL	CLI	PCL	PCI	PCEx	PCRe	CLS	
(A)ONDE	-	-	-	-	-	-	10 (100%)	10 (100%)
P(A)RA ONDE	-	01 (11,1%)	-	-	-	-	08 (88,9%)	09 (100%)

Na tabela 8d percebe-se que o tipo de clivagem majoritariamente favorecedor no caso dos itens precedidos de *-a* é a CLS. Percebe-se que as ocorrências de *(a)onde* em sentenças clivadas foram absolutas em sentenças CLS e as ocorrências de *p(a)ra* *(a)onde* foram em sentenças CLI (11,1%) e também CLS (88,9%).

Em relação ao fenômeno da clivagem brevemente citado acima, tal fato foi apresentado para se tentar explicar a grande ocorrência do item *onde* em relação aos demais. Por não ser o objetivo principal desta pesquisa a análise de sentenças clivadas, ater-se-á apenas à frequência de ocorrência dos locativos, motivados por esses fatores já citados.

Para que se possa confirmar se há variação entre os locativos em estudo, faz-se necessária uma análise semântica dos itens em questão, assim se poderá saber que valores são atribuídos aos locativos e se poderá confirmar se existe mais de um valor de verdade atribuído a cada um deles.

3.3.4. Valor semântico

Para nomear os valores semânticos dos locativos foram usadas as expressões “lugar em que”, para expressar permanência; “lugar a que”, “lugar para que” e “lugar por que” para indicar direção; e “lugar de que”, para expressar procedência.

No caso de “lugar a que” e “lugar para que” fazem-se necessários alguns comentários mais, uma vez que apresentam valores semânticos bem próximos. Embora se considere que “lugar por que” também indique direção, a ênfase está no trajeto, e não no destino, como no caso dos dois anteriores.

Os verbos usados para detectar o valor semântico dos locativos foram classificados como expressando *permanência*, *direção* ou *procedência*. Dentro da categoria *permanência* tem-se uma categoria de verbos ambíguos denominados *verbos de ação sem deslocamento no espaço*. Os verbos considerados ambíguos não denotavam claramente um dos três sentidos listados acima: eram, na verdade, verbos que, apesar de expressarem algum tipo de ação, não denotavam explicitamente deslocamento, como, p. ex., o verbo *começar*. Essa ambigüidade possivelmente é relevante, pois poderia propiciar ambiente favorável à variação. No presente caso, o valor semântico adotado para caracterizar o locativo foi “lugar em que” (= *permanência*). É interessante notar também que os gramáticos prescrevem o uso do locativo *onde*, p. ex., com verbos que encerram “quietação”, mas que forma o falante poderia usar diante de verbos que não expressam tal noção, como p. ex. o verbo *conviver*? Sabe-se, obviamente, que o ideal, segundo as gramáticas, seria desmembrar o relativo em “no lugar em que”, mas a dinâmica da língua permite perfeitamente o uso do locativo, gerando um ambiente favorável à variação não permitindo estratégias de fixação de uma forma a ser usada. Certamente essa ambigüidade pode ser uma explicação para a confusão gerada pelo falante ao empregar os locativos em situações em que se usam verbos como esses. A fim de tornar mais clara a análise apresentar-se-ão, na seção *Apêndices*, quatro tabelas com os valores semânticos adotados na presente pesquisa. Para ilustrar melhor tais valores, têm-se as orações a seguir e os respectivos valores assumidos pelos locativos (observe-se que, o que atribui valor ao locativo é o verbo da oração subordinada; por isso serão destacados o locativo e o verbo da subordinada):

1. Permanência:

- **lugar em que:** “(...) ‘*por obséquio aonde ficam os festejos desta comarca?*’ (...)” (Informante 01M-BEMO, dado 1M.a)

2. Direção:

- **lugar a que:** “(...) ‘xô vê aqui::, **aonde** mais eu fui... ah! no Vilarinho [quadras do Vilarinho] ((risos))... aquele tempo era bom (...)” (Informante 02M- JCLB, dado 2M.a)
- **lugar para que:** “(...) entrei dentro do ônibus, paguei e falei ‘*gente! o quê que eu tô fazendo? que loucura!*’ mas não voltava atrás (...) e no caminho todo eu pensando o que eu ia fazer, **pra onde** que eu **ia** (...)” (Informante 05M- ARS, dado 5M.c)
- **lugar por que:** “(...) fica naquela parte de salgado, naquela entrada ali. Ali também é! na entrada, **aonde** os ônibus **passa** ali, lá é muito melhor que aqui embaixo (...)” (Informante 09M- LRC, dado 9M.b)

3. Procedência:

- **lugar de que:** “(...) Pois é, **de onde** nós **vamos tirar** dinheiro? (...)” (Informante 12M- WRS, dado 12M.i)

Cabe salientar aqui que existe uma nuance semântica entre “lugar a que” e “lugar para que”: é possível perceber que o primeiro valor indica um *destino não-durativo*, enquanto o segundo representa *destino durativo*. Observe que, no dado 2M.a acima, “Vilarinho” é um local em que ocorrem eventos, ou seja, o informante não tem a intenção de permanecer lá por um longo tempo, ele freqüentava o local. Já no dado 5M.c acima, o informante buscava um local para se fixar, ou seja, ele tinha a intenção de se estabelecer em um local e lá se fixar.

Em Pontes (1992:23) pode-se encontrar uma breve explicação entre o valor semântico de *a* com sentido de espaço/direção. No exemplo *vou à cidade*, apresentado pela autora, a preposição *a* indica “direção para um lugar” e implica que o sujeito chega

ao seu destino, mas que não tem a intenção de permanecer nesse local e afirma que “para indicar a locação permanente ou habitual e em casos limítrofes, é usada a preposição *para*”. Logo em seguida, a autora conclui que, apesar da prescrição gramatical, os falantes adotam outras estratégias de uso, usando a preposição *em* como também usam *para* regendo verbos de movimento (com uso restrito para indicar [-permanência]), o mesmo sentido, portanto (esta hipótese pode ser corroborada com um dado aqui coletado, um caso de *naonde* indicando direção, como será demonstrado logo abaixo, na tabela 9a). No entanto, a pesquisa conclui que nas expressões de [-permanência] *em*, *a* e *para* estão em concorrência. Para as expressões de [+permanência] só se usa a preposição *para*. Em Cunha & Cintra (1985:549-559) também se pode encontrar uma breve diferenciação entre as formas, enquanto *a* significaria direção a um limite, *para* indicaria tendência para um limite, finalidade, distinguindo-se de *a* por comportar um traço significativo que implicaria maior destaque do ponto de partida com predominância da idéia de direção sobre a do termino do movimento.

Nos dados coletados para a presente pesquisa, registraram-se 15 ocorrências da forma *p(a)ra (a)onde* e em nenhum caso a preposição *para* indicava uma ida temporária. Ao que parece, os informantes utilizavam a forma *p(a)ra (a)onde* quando o destino era incerto (talvez fosse definitivo) ou quando não sabiam a duração da ida. O que indica que, pelo menos nos dados aqui coletados, a preposição *para* teria um sentido de permanência implícita.

A partir dessa breve explicação, tem-se a apresentação da tabela 9a com os valores semânticos atribuídos aos locativos e o número de ocorrências obtidas.

Tabela 9a: Onde e correlatos não-precedidos de -a por valor semântico

	PERMANÊNCIA	DIREÇÃO			PROCEDÊNCIA
	Lugar em que	Lugar a que	Lugar para que	Lugar por que	Lugar de que
ONDE	141 (63,8%)	25 (65,8%)	-	08 (72,7%)	01 (14,3%)
AONDE	74 (33,5%)	12 (31,6%)	-	01 (9,1%)	-
NAONDE	05 (2,3%)	01 (2,6%)	-	-	-
POR ONDE	-	-	-	02 (18,2%)	-
DE ONDE	01 (0,4%)	-	-	-	05 (71,4%)
DAONDE	-	-	-	-	01 (14,3%)
Total	221 (100%)	38 (100%)	-	11 (100%)	07 (100%)

A partir da análise da tabela apresentada acima, é possível perceber que existe um uso diversificado nos valores de alguns locativos: pode-se perceber o uso de *onde* e *aonde* expressando os valores semânticos: permanência e direção. Observa-se que com valor de “lugar em que” a ocorrência de *onde* (63,8%) é quase duas vezes mais a ocorrência de *aonde* (33,5%), observa-se também que a forma inovadora *naonde* apresenta essa mesma acepção (correspondendo a 2,3% dos dados equivalentes a “lugar em que”) e um fato curioso é a forma *de onde* em concorrência com as demais, registrando 0,4% do total. Este fato é interessante se se observar que a forma *de onde* está realizando um caminho contrário ao que percorreu a forma *onde* do latim ao português.

Com sentido de direção percebe-se que há também concorrência entre *onde* e *aonde*. Com valor de “lugar a que” observa-se que a forma *onde* (65,8%) é bastante superior à forma *aonde* (31,6%), padrões semelhantes aos encontrados em ambas as formas expressando valor de “lugar em que”, observa-se também o uso da variante inovadora *naonde* com este valor, compreendendo 2,6% das ocorrências. Diferentemente do quadro configurado para o sentido de permanência, não se observa usos da forma preposicionada *de que* com esse sentido (observe-se que o fato de haver a preposição *de* não impede que se interprete a forma *de onde* com sentido de

permanência, mas o mesmo fato parece impedir que se interprete essa forma com sentido de direção). Também se registra a concorrência entre as formas com valor de “lugar por que”: observa-se que *onde* é mais recorrente (72,7%), seguido pela forma *por onde* (18,2%) e pela forma *aonde* (9,1%).

Com sentido de procedência também se registra concorrência entre as formas. Percebe-se um uso muito mais recorrente da forma *de onde* (71,4%) seguida pelas formas *onde* e *daonde* compreendendo 14,3% cada.

A apresentação da tabela acima mostra um fato interessante: sugere que alguns itens em questão não se restringem a um só valor, como postulam as gramáticas, e vêm corroborar os estudos descritivos consultados. Observa-se um uso bastante polissêmico de *onde* que apresenta os sentidos de permanência, direção e procedência. O item *aonde* ocorre com os sentidos de permanência e direção. *De onde* apresenta os sentidos de permanência e procedência. A forma inovadora *naonde* ocorre com os sentidos de permanência e direção “lugar a que”. Já as formas *por onde* e *daonde* se mostram bastante cristalizadas em um só sentido: observa-se o uso de *por onde* apenas com sentido de direção “lugar por que” e a forma inovadora *daonde* aparece apenas com sentido de procedência (curioso é o fato de que, como se demonstrou acima, essa forma parece ter um uso mais restrito do que a forma canônica *de onde*).

Ao que parece, alguns valores semânticos também podem barrar o uso de uma ou outra forma, por exemplo, observa-se que com o sentido de direção “lugar para que” nenhum dos itens acima apresenta ocorrências.

Em seguida tem-se a tabela 9b, em que se apresentam os valores semânticos dos itens em estudo arrolados em contextos que foram precedidos de palavras terminadas em *-a*:

Tabela 9b: Onde e correlatos precedidos de -a por valor semântico

	PERMANÊNCIA	DIREÇÃO			PROCEDÊNCIA
	Lugar em que	Lugar a que	Lugar para que	Lugar por que	Lugar de que
(A)ONDE	13 (100%)	01(100%)	-	01(100%)	-
P(A)RA (A)ONDE	-	-	15 (100%)	-	-
Total	13 (100%)	01(100%)	15 (100%)	01(100%)	-

Aqui faz-se necessário apresentar os dados apenas para ilustração, pois, como já se disse anteriormente, esses dados receberão tratamento diferenciado. No entanto é possível observar que a forma *(a)onde* parece apresentar os mesmos valores que as formas *onde* e *aonde* visto que se registraram para aquele item os valores de permanência e direção. Já a forma *p(a)ra (a)onde* mostra-se bastante rígida: registrou-se para ela apenas o sentido de direção “lugar para que”.

3.3.5. Contexto sintático *versus* valor semântico

De acordo com Labov (1972:188), duas formas estão em variação quando ocorrem em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Por *valor de verdade*, entende-se aqui o valor semântico atribuído, pelos falantes, aos locativos. Por um *mesmo contexto*, entende-se aqui a estrutura lingüística em que ocorrem as formas em estudo. Embora se possa na análise da estrutura lingüística levar em conta todos os aspectos considerados nas seções anteriores (ou seja, contexto sintático, antecedente e clivagem), na presente seção só se tomará por base o contexto sintático: primeiramente, porque a análise simultânea dos três fatores internos acima citados dificultaria a percepção de padrões em função do número de dados com que se está trabalhando e em função da não utilização do já mencionado *software* Goldvarb 2001; além disso, e sobretudo, a ênfase no contexto sintático permitirá uma análise em que os dados desta

pesquisa possam ser comparados futuramente com os dos estudos anteriores sobre essa questão, pois foi justamente no contraste entre contexto sintático e valor semântico que se basearam os estudos apresentados em Cambraia (1996, 2002).

Assim sendo, para avaliar a existência de variação no sistema de locativos composto por *onde* e correlatos será feita uma análise das formas em um mesmo contexto (ou seja, no mesmo contexto sintático) e com um mesmo valor de verdade (ou seja, com o mesmo valor semântico).

Por motivos de espaço, foi necessário abreviar os valores semânticos atribuídos aos locativos, a saber:

- E: lugar em que
- A: lugar a que
- P: lugar para que
- PO: lugar por que
- D: lugar de que

Os sentidos também foram abreviados por motivos de espaço:

- PERM: permanência
- DIR: direção
- PRO: procedência

Em seguida têm-se as tabelas 10a e 10b, em que se contrastaram a estrutura sintática e o valor semântico em que ocorreram os locativos, a fim de saber se se encontram em variação.

Observem-se as tabelas a seguir:

Tabela 10a: Onde e correlatos não-precedidos de -a por estrutura sintática e valor semântico

		ORR					ORL					ORA					OII					OID				
		PERM		DIR			PRO	PERM		DIR			PRO	PERM		DIR			PRO	PERM		DIR			PRO	
		E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D
ONDE	N %	47 73,4	04 100	-	04 80,0	-	15 45,5	09 90,0	-	03 100	-	09 90,0	01 100	-	01 100	-	43 68,3	03 50,0	-	-	01 33,3	27 52,9	08 47,1	-	-	-
AONDE	N %	14 21,9	-	-	01 20,0	-	17 51,5	-	-	-	-	01 10,0	-	-	-	-	19 30,2	03 50,0	-	-	-	23 45,1	09 52,9	-	-	-
NAONDE	N %	03 4,7	-	-	-	-	-	01 10,0	-	-	-	-	-	-	-	-	01 1,6	-	-	-	-	01 2,0	-	-	-	-
POR ONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	02 100	-	-	-	-	-	-	-
DE ONDE	N %	-	-	-	-	-	01 3,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 33,3	-	-	-	-	04 100
DAONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 33,3	-	-	-	-	-
Total	N %	64 100	04 100	-	05 100	-	33 100	10 100	-	03 100	-	10 100	01 100	-	01 100	-	63 100	06 100	-	02 100	03 100	51 100	17 100	-	-	04 100

Como se pode perceber, algumas formas estão em variação, pois ocorrem em um mesmo contexto sintático e com um mesmo valor de verdade. Esses casos serão chamados aqui de “locus de variação” e seus contextos são: (I) ORR/E; (II) ORR/PO; (III) ORL/E; (IV) ORL/A; (V) ORA/E; (VI) OII/E; (VII) OII/A; (VIII) OII/D; (IX) OID/E e (X) OID/A.

Em seguida tem-se a tabela 10b, em que são apresentadas as ocorrências precedidas de palavras terminadas com -a.

Tabela 10b: Onde e correlatos precedidos de -a por estrutura sintática e valor semântico

		ORR					ORL					ORA					OII					OID				
		PERM		DIR			PRO	PERM		DIR			PRO	PERM		DIR			PRO	PERM		DIR			PRO	
		E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D	E	A	P	PO	D
(A)ONDE	N %	03 100	-	-	01 100	-	04 100	-	-	-	-	01 100	-	-	-	-	04 100	-	-	-	-	01 100	01 100	-	-	-
P(A)RA (A)ONDE	N %	-	-	-	-	-	-	01 100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	09 100	-	-	-	-	-	05 100	-	-
Total	N %	03 100	-	-	01 100	-	04 100	-	01 100	-	-	01 100	-	-	-	-	04 100	-	09 100	-	-	01 100	01 100	05 100	-	-

Como já se disse, os dados ambíguos não serão destaque no presente estudo, no entanto é possível perceber que pelo fato de a forma *p(a)ra (a)onde* demonstrar um valor semântico muito restrito não há concorrência entre as formas em questão.

A apresentação das tabelas acima permite observar que formas são recorrentes na língua com mais de um valor de verdade, possibilitando afirmar que se encontram em variação. Será necessário realizar um cruzamento dos fatores intra- e extralingüísticos para se poder observar que fatores são atuantes e que fatores não o são. Com a sistematização dos fatores realizada acima e o cruzamento entre eles se poderá esboçar um padrão de atuação entre as formas que se encontram em variação, o que será feito na próxima seção, na apresentação dos *loci* de variação.

3.4. *Loci* de variação

No presente capítulo serão apresentados os *loci* de variação obtidos através do cruzamento de dois fatores intralingüísticos (contexto sintático e valor semântico). Esses *loci* serão cruzados com os fatores extralingüísticos levados em consideração na presente pesquisa para se poder ter uma noção de quais fatores externos poderiam estar atuando na seleção das formas em competição. Na apresentação de cada *locus* se poderá ver de que forma interagem os fatores intra- e extralingüísticos selecionados.

A apresentação dos *loci* se dará da seguinte forma: serão apresentados primeiramente os *loci* de variação com valor de “lugar em que”, compreendendo os *loci* (I) ORR/E; (III) ORL/E; (V) ORA/E; (VI) OII/E e (IX) OID/E. Logo após serão apresentados os *loci* de variação com valor de “lugar a que”, e são eles: (IV) ORL/A; (VII) OII/A e (X) OID/A. Em seguida será apresentado o *locus* (II) ORR/PO com valor

de “lugar por que” e por fim o *locus* (VIII) OII/D, com valor de “lugar de que”. O cruzamento dos fatores se dará primeiramente por gênero, depois por faixa etária e em seguida por escolaridade, podendo-se assim concluir que fatores são mais importantes em cada *locus*. Por último serão apresentadas tabelas sumarizando os fatores mais atuantes nos *loci* a partir do cruzamento desses fatores.

3.4.1. *Loci* de variação “lugar em que”

Nesta seção serão apresentados os *loci* de variação com valor de “lugar em que”.

Esses *loci* são: (I) ORR/E; (III) ORL/E; (V) ORA/E; (VI) OII/E e (IX) OID/E.

3.4.1.1. *Locus* I: ORR/E

Apresentar-se-ão aqui as tabelas cruzando os fatores intra- e extralingüísticos. O primeiro fator a ser testado será o *gênero*. Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 11a: *Onde* e correlatos em ORR/E por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	19 (70,4%)	28 (75,7%)
AONDE	06 (22,2%)	08 (21,6%)
NAONDE	02 (7,4%)	01 (2,7%)
Total	27 (100%)	37 (100%)

A partir da análise da tabela acima se pode perceber que a forma *onde* é mais recorrente para expressar o valor “lugar em que” em ambos os sexos. Observa-se uma leve tendência de as mulheres usarem mais a forma prescrita pelas gramáticas que os homens (75,7% de *onde* contra 70,4%, respectivamente). É na fala dos homens que se

registra maior uso da forma inovadora *naonde*, com 7,4% dos dados. Aqui, ao que parece, os homens seriam os introdutores da forma inovadora em questão.

A fim de refinar ainda mais presente análise, faz-se necessária a apresentação de uma tabela em que se leve em conta o fator *faixa etária*. Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 11b: Onde e correlatos em ORR/E por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	10 (90,9%)	20 (74,1%)	17 (65,4%)
AONDE	01 (9,1%)	04 (14,8%)	09 (34,6%)
NAONDE	-	03 (11,1%)	-
Total	11 (100%)	27 (100%)	26 (100%)

Tal como foi feito na tabela 4a, convém analisar os dados a partir da faixa 03 para que se possa observá-los em uma perspectiva em tempo aparente. Observe-se que na faixa 03 só se registram as formas *onde* e *aonde*, com a primeira predominando (65,4%) sobre a segunda (34,6%). A faixa 02 apresenta um percentual bastante superior de *onde* (74,1%) em relação à forma *aonde* (14,8%). É também na faixa 02 que se registram ocorrências da forma inovadora *naonde*, com 11,1% de ocorrências. Já a faixa mais jovem, a faixa 01, apresenta um uso bastante significativo, quase absoluto, de *onde* (90,9%) em detrimento de *aonde* (9,1%).

Para buscar uma resposta a esse comportamento das formas em concorrência observe-se agora a tabela 11c, com a disposição dos itens em questão segundo o fator *escolaridade*:

Tabela 11c: Onde e correlatos em ORR/E por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	20 (64,5%)	27 (81,8%)
AONDE	10 (32,2%)	04 (12,1%)
NAONDE	01 (3,2%)	02 (6,1%)
Total	31 (100%)	33 (100%)

O cruzamento dos dados segundo a escolaridade mostra que, na fala dos informantes com alta escolaridade, o uso de *onde* é bastante superior (81,8%) à forma *aonde* (12,1%), o que seria um indício de que os informantes com mais escolaridade tenderiam a seguir mais os padrões impostos pela norma gramatical. No entanto observa-se um uso significativo da forma inovadora *naonde*, que constitui 6,1% do total de ocorrências. A tabela acima indica que o fator escolaridade parece ser relevante no uso dos locativos na fala dos indivíduos no que se refere ao valor semântico “lugar em que”; no entanto; a escola parece não ser capaz de barrar o uso de formas inovadoras como *naonde*. Entre os informantes com baixa escolaridade percebe-se que a diferença entre *onde* e *aonde* diminui: observa-se 64,5% de ocorrências de *onde* contra 32,2% de *aonde*. Curiosamente observa-se um uso menos freqüente de *naonde* do que se registrou na fala de informantes mais escolarizados.

A seguir, far-se-á, na tabela 11d, um cruzamento dos dados até aqui registrados no *locus* em questão. Este cruzamento permite uma melhor visualização e um maior refinamento da análise.

Tabela 11d: *Onde* e correlatos em ORR/E por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	03 75,0	05 55,6	01 33,3	02 100	05 83,3	03 100	05 100	01 50,0	05 62,5	-	09 90,0	08 66,7
AONDE	N %	01 25,0	03 33,3	02 66,7	-	-	-	-	01 50,0	03 37,5	-	-	04 33,3
NAONDE	N %	-	01 11,1	-	-	01 16,7	-	-	-	-	-	01 10,0	-
Total	N %	04 100	09 100	03 100	02 100	06 100	03 100	05 100	02 100	08 100	-	10 100	12 100

Observe-se na tabela acima que há os casos em que ainda se constata a variação, ou seja, em que os fatores externos não determinam de forma categórica o uso de uma ou outra forma.

Observa-se que, em relação aos informantes masculinos, a variação foi registrada entre os informantes com baixa escolaridade (em todas as faixas etárias) e na faixa 02 entre informantes com alta escolaridade. No caso das informantes femininas, observa-se que a variação aparece nas faixas mais altas (02 e 03) entre informantes com baixa e alta escolaridade. Entre os informantes masculinos com baixa escolaridade, observa-se que são os informantes da faixa 01 os que mais seguem a norma: observa-se um uso de 75% de *onde* contra 25% de *aonde*. Os informantes da faixa 02 fazem uso da forma inovadora *naonde* e são os informantes da faixa 03 que fazem maior uso de *aonde* com valor de “lugar em que”.

Entre as informantes femininas observam-se padrões um pouco diferentes. Entre as informantes com baixa escolaridade se observa que são aquelas pertencentes à faixa 03 que mais seguem a norma, visto que apresentaram 62,5% de *onde* contra 37,5% de *aonde*. Entre as informantes com alta escolaridade percebe-se que as pertencentes à faixa 02 fazem maior uso de *onde*; no entanto é nessa faixa, tal como nos dados masculinos, que se registra o uso da forma inovadora *naonde*.

Ao que tudo indica, a faixa 02 parece ser a responsável pelo uso da forma *naonde* no português de Belo Horizonte, seja na fala masculina seja na fala feminina.

3.4.1.2. Locus III: ORL/E

Na tabela abaixo far-se-á o cruzamento dos fatores intralingüísticos já analisados na tabela 10a com o fator extralingüístico *gênero*:

Tabela 12a: Onde e correlatos em ORL/E por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	09 (52,9%)	06 (37,5%)
AONDE	08 (47,1%)	09 (56,3%)
DE ONDE	-	01 (6,2%)
Total	17 (100%)	16 (100%)

A tabela acima mostra que na fala masculina a forma *onde* é preferida no contexto em questão e observa-se um uso um pouco mais acentuado de *onde* (52,9%) em detrimento de *aonde* (47,1%). Já nos dados femininos esse padrão se inverte: observa-se um uso levemente mais recorrente de *aonde* (56,3%) em detrimento de *onde* (37,5%). É também na fala feminina que se registra o uso da forma *de onde* com valor semântico “lugar em que”.

Agora observe-se o cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator *faixa etária*:

Tabela 12b: Onde e correlatos em ORL/E por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	03 (42,9%)	02 (22,2%)	10 (58,8%)
AONDE	03 (42,9%)	07 (77,8%)	07 (41,2%)
DE ONDE	01 (14,3%)	-	-
Total	07 (100%)	09 (100%)	17 (100%)

A análise da tabela acima indica que, na faixa 03, a forma preferida pelos informantes é a forma *onde*, com 58,8% das ocorrências. Na faixa 02 esse padrão se inverte, observa-se um uso mais recorrente da forma *aonde* (77,8%) em relação à forma *onde* (22,2%). Já na faixa 01 se observam frequências semelhantes entre as formas em questão (42,9% cada) além de ser a faixa em que se registra o uso da forma *de onde* com valor semântico “lugar em que”. É interessante observar o uso da forma *de onde* com um valor de permanência: parece ter tomado justamente o mesmo caminho por que a forma *onde* passou do latim (em que indicava procedência) ao português (em que indica permanência).

Observa-se que a variação pode ser verificada na fala de informantes masculinos com baixa escolaridade pertencentes à faixa 03 e informantes com alta escolaridade da faixa 02. Observa-se que na faixa 03, em que se evidencia a variação, os informantes masculinos fazem mais uso de *onde* (60%) em detrimento de *aonde* (40%). Já entre os informantes escolarizados observa-se um comportamento diferente, ambas as formas apresentam frequências idênticas (50% cada), o que permite dizer que o fator escolaridade não é atuante na seleção das formas em variação.

Entre as informantes femininas a variação pode ser observada nas faixas 01 e 03 entre informantes com baixa escolaridade e na faixa 03 entre informantes com alta escolaridade. Entre as informantes femininas observa-se que, dentre as com baixa escolaridade, aquelas pertencentes à faixa 03 apresentam maior uso de *aonde* (75%) em detrimento de *onde* (25%). Na faixa 01 pode-se perceber maior concorrência entre as formas, apresentando frequências idênticas (50% cada). Entre as informantes com alta escolaridade observa-se que são aquelas pertencentes à faixa 03 que apresentaram maior uso de *aonde* (66,7%) em detrimento de *onde* (33,3%) e é na faixa 01 que se constata a variação entre *onde* (66,7% das ocorrências) e *de onde* (33,3%).

3.4.1.3. Locus V: ORA/E

Na tabela 13a abaixo cruzam-se os fatores internos com o fator externo *gênero*:

Tabela 13a: Onde e correlatos em ORA/E por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	03 (100%)	06 (85,7%)
AONDE	-	01 (14,3%)
Total	03 (100%)	07 (100%)

Observa-se que, com relação ao fator gênero, os informantes masculinos parecem usar apenas a forma *onde* no contexto em destaque. Já em relação aos dados femininos observa-se que as mulheres preferem o uso da forma *onde* (85,7%) em detrimento da forma *aonde* (14,3%).

Agora observe-se o cruzamento dos fatores internos com o fator externo *faixa etária*:

Tabela 13b: *Onde* e correlatos em ORA/E por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	05 (100%)	02 (100%)	02 (66,7%)
AONDE	-	-	01 (33,3%)
Total	(100%)	(100%)	03 (100%)

Observe-se que em relativas positivas a concorrência entre *onde* e *aonde* só é constatada na fala de informantes pertencentes à faixa 03.

Na tabela 13c se fará o cruzamento dos fatores internos com o fator externo *escolaridade*:

Tabela 13c: *Onde* e correlatos em ORA/E por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	07 (100%)	02 (66,7%)
AONDE	-	01 (33,3%)
Total	07 (100%)	03 (100%)

Curiosamente os dados refletem um uso mais variado na fala de pessoas com alta escolaridade, contrariando a idéia de que a escola seria eficiente para normatizar um uso lingüístico.

O cruzamento de todos os fatores permitirá observar com maior clareza as tendências sugeridas acima:

Tabela 13d: Onde e correlatos em ORA/E por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	01 100	-	01 100	-	01 100	-	04 100	-	01 100	-	01 100	-
AONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 100
Total	N %	01 100		01 100		01 100		04 100		01 100		01 100	01 100

Observa-se que, para o contexto ORA/E, não se pode falar propriamente em variação, pois para cada célula há praticamente apenas uma ocorrência de locativo - exceto no caso de informantes femininos com baixa escolaridade na faixa 01, caso em que as 4 ocorrências foram de *onde* (como preconiza a gramática).

3.4.1.4. Locus VI: OII/E

Seguindo o mesmo padrão de análise, apresentar-se-ão aqui as tabelas cruzando os fatores intra- e extralingüísticos. O primeiro fator testado é o *gênero*. Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 14a: Onde e correlatos em OII/E por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	16 (69,6%)	27 (67,5%)
AONDE	07 (30,4%)	12 (30%)
NAONDE	-	01 (2,5%)
Total	23 (100%)	40 (100%)

Observa-se que em ambos os gêneros as formas *onde* e *aonde* apresentam tendências semelhantes (com predomínio da primeira). Entretanto, apenas para o gênero feminino se registra a ocorrência da forma inovadora *naonde*.

Convém agora realizar o cruzamento com outros fatores extralingüísticos a fim de se ter uma visão mais geral. Veja-se abaixo a tabela relativa à *faixa etária*:

Tabela 14b: *Onde* e correlatos em OII/E por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	21 (87,5%)	12 (54,5%)	10 (58,8%)
AONDE	02 (8,3%)	10 (45,5%)	07 (41,2%)
NAONDE	01 (4,2%)	-	-
Total	24 (100%)	22 (100%)	17 (100%)

Na tabela acima se observa um padrão incomum. Observa-se que na faixa 03 a frequência de ocorrência entre *onde* (58,8%) e *aonde* (41,2%) é próxima, mas o item *onde* é mais recorrente. Na fala de indivíduos pertencentes à faixa etária 02, observa-se que as frequências se aproximam: *onde* apresenta 54,5% do ocorrências contra 45,5% de *aonde*. Já no caso da faixa 01, é possível observar uma mudança nos padrões: percebe-se um aumento significativo da frequência de *onde* (87,5%), enquanto o item *aonde* apresenta 8,3%. Também se percebe que é na faixa 01 que se registra ocorrência da forma inovadora *naonde* (só registrada então na fala de indivíduos mais jovens neste contexto).

Agora se passa ao cruzamento dos fatores intralingüísticos segundo a *escolaridade*:

Tabela 14c: *Onde* e correlatos em OII/E por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	11 (47,8%)	32 (80%)
AONDE	12 (52,2%)	07 (17,5%)
NAONDE	-	01 (2,5%)
Total	23 (100%)	40 (100%)

Observa-se que o fator escolaridade parece atuar na seleção das formas *onde* e *aonde*. Entre os informantes com alta escolaridade observa-se que há uma preferência no uso de *onde* (80%) em detrimento de *aonde* (17,5%); no entanto, como já se constatou em outros contextos, o fator escolaridade não parece ser atuante a ponto de barrar o uso da forma inovadora *naonde*, para a qual se registraram 2,5% de ocorrências no *corpus*. Entre os informantes com baixa escolaridade observa-se um uso maior de *aonde* (52,2%) em detrimento de *onde* (47,8%). Em síntese, observa-se que o cruzamento dos dados por fator *escolaridade* mostra que, em relação ao *onde*, a escola pode estar atuando, visto que quanto maior o grau de escolarização maior é o uso dessa forma segundo a gramática normativa. Aqui ocorre o mesmo fenômeno observado no contexto ORR/E (cf. comentário à tabela 11c): a escola pode ser um fator influenciador, mas não é capaz de barrar o uso de formas marginais como *naonde*.

Abaixo será realizado, na tabela 14d, o cruzamento de todos os fatores em questão:

Tabela 14d: Onde e correlatos em OII/E por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	-	01 33,3	02 100	06 100	05 62,5	02 66,7	05 100	03 42,9	-	10 83,3	03 75,0	06 85,7
AONDE	N %	01 100	02 66,7	-	-	03 37,5	01 33,3	-	04 57,1	05 100	01 8,3	01 25,0	01 14,3
NAONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 8,3	-	-
Total	N %	01 100	03 100	02 100	06 100	08 100	03 100	05 100	07 100	05 100	12 100	04 100	07 100

Observa-se que em relação aos informantes masculinos o cruzamento dos fatores evidencia a variação na fala dos informantes com baixa escolaridade e pertencentes à faixa 02 e na fala dos informantes com alta escolaridade pertencentes às faixas 02 e 03. Observa-se que os informantes masculinos da faixa 02 com baixa escolaridade fazem mais uso de *aonde* (66,7%) em relação a *onde* (33,3%). Na fala dos informantes com alta escolaridade observa-se um uso preferível da forma *onde* (ambas as faixas apresentam comportamentos semelhantes).

Entre as informantes femininas evidencia-se variação na fala de informantes da faixa 02 com baixa escolaridade e entre informantes com alta escolaridade e nas três faixas. Dentre as informantes femininas observa-se que aquelas pertencentes à faixa 02 com baixa escolaridade fazem maior uso de *aonde* (57,1%) em detrimento de *onde* (42,9%) e, entre as informantes mais escolarizadas, evidenciou-se variação em todas as faixas etárias, que apresentaram comportamento semelhante: todas preferem a forma *onde* em detrimento de *aonde*. É na fala de informantes escolarizadas da faixa 01 que se observa também o uso da forma inovadora *naonde* (8,3%).

3.4.1.5. Locus IX: OID/E

Na apresentação da tabela abaixo realizar-se-á o cruzamento dos fatores internos com a variável externa *gênero*. Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 15a: Onde e correlatos em OID/E por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	13 (54,2%)	14 (51,9%)
AONDE	11 (45,8%)	12 (44,4%)
NAONDE	-	01 (3,7%)
Total	24 (100%)	27 (100%)

Na tabela 15a percebe-se que os homens fazem maior uso de *onde* (54,2%) em detrimento de *aonde* (45,8%). Dentre as informantes femininas percebe-se que estas se adaptam menos ao padrão gramatical do que os homens, uma vez que se registra para elas frequência mais baixa de *onde* (51,9%), além de se registrar novamente o uso da forma inovadora *naonde* (3,7%).

Observe-se agora o cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator *faixa etária*:

Tabela 15b: *Onde* e correlatos em OID/E por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	15 (53,6%)	07 (50%)	05 (55,6%)
AONDE	13 (46,4%)	06 (42,9%)	04 (44,4%)
NAONDE	-	01 (7,1%)	-
Total	28 (100%)	14 (100%)	09 (100%)

Observa-se aqui, um padrão semelhante em todas as faixas etárias (excetuando-se para o uso da forma inovadora *naonde* na faixa 02). O comportamento de *onde* e *aonde* é semelhante em todas as faixas apresentadas: *onde* é predominante. A diferença que se vê é que a faixa 02 é a única que apresenta, no contexto em questão, a forma inovadora *naonde*.

Agora o cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator extralingüístico *escolaridade*:

Tabela 15c: *Onde* e correlatos em OID/E por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	11 (39,3%)	16 (69,6%)
AONDE	17 (60,7%)	06 (26,1%)
NAONDE	-	01 (4,3%)
Total	28 (100%)	23 (100%)

Observa-se que indivíduos com baixa escolaridade preferem o uso da forma *aonde* (60,7%) em detrimento de *onde* (39,3%). Em relação ao uso dos locativos na fala

de informantes com maior grau de escolaridade, observa-se que estes preferem *onde* (69,6%) em relação à *aonde* (26,1%), mas, tal como nos casos mostrados acima, a forma *naonde* ocorre na fala de informantes com maior grau de escolarização.

Um cruzamento de todos os fatores analisados permitirá melhor visualização do fenômeno:

Tabela 15d: Onde e correlatos em OID/E por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N	07	-	01	01	01	03	01	01	01	06	05	-
	%	58,3	-	33,3	50,0	33,3	100	12,5	33,3	100	100	71,4	-
AONDE	N	05	01	02	01	02	-	07	02	-	-	01	02
	%	41,7	100	66,7	50,0	66,7	-	87,5	66,7	-	-	14,3	100
NAONDE	N	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-
	%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,3	-
Total	N	12	01	03	02	03	03	08	03	01	06	07	02
	%	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Percebe-se que a variação nesse contexto se evidencia em muitos casos.

Na fala de informantes masculinos com baixa escolaridade pertencentes às faixas 01 e 03, e com alta escolaridade nas faixas 01 e 02. Dentre os informantes masculinos com baixa escolaridade, são os da faixa 03 que apresentam maior uso de *aonde* (66,7%) em detrimento de *onde* (33,3%). Na fala dos informantes masculinos com alta escolaridade observa-se que são os informantes da faixa 02 que fazem maior uso do item *aonde* (66,7%) em detrimento de *onde* (33,3%), mas na faixa 01 se observam frequências equivalentes (50% de cada).

Dentre as informantes femininas é possível perceber que nas com baixa escolaridade se verifica variação nas faixas 01 e 02 e, entre as informantes com alta escolaridade, a variação se evidencia na faixa 02. Dentre as informantes femininas com baixa escolaridade, observa-se que as faixas 01 e 02 apresentam maior recorrência de

uso de *aonde* em detrimento de *onde*, e é na faixa 01 que a frequência do primeiro é mais acentuada (87,5% para *aonde* contra 12,5% para *onde*). Já na fala de informantes femininos com alta escolaridade, observa-se que é na faixa 02 que se evidencia variação, com a concorrência entre as formas *onde* (71,4%), *aonde* (14,3%) e *naonde* (14,3%), sugerindo que a escolarização pode atuar na preferência pela forma *onde*, mas não impede as ocorrências das concorrentes *aonde* e *naonde*.

3.4.2. *Loci* de variação “lugar a que”

Agora apresentar-se-ão os *loci* de variação com o valor semântico “lugar a que”, que compreendem os *loci*: (IV) ORL/A; (VII) OII/A e (X) OID/A.

3.4.2.1. *Locus* IV: ORL/A

Aqui, tal como se fizeram nas análises anteriores, realizar-se-ão os cruzamentos dos fatores intra- e extralingüísticos para se poder observar melhor a atuação de cada fator sobre o fenômeno. Veja-se a tabela que se segue:

Tabela 16a: *Onde* e correlatos em ORL/A por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	08 (100%)	01 (50%)
NAONDE	-	01 (50%)
Total	08 (100%)	02 (100%)

Observa-se que no contexto em estudo os homens apresentam maior uso da forma *onde*, contrariando o que normatiza a gramática. Em relação às informantes femininas, observa-se que se registram menos ocorrências de forma geral, mas não há nenhum caso de *aonde*, que é a forma prescrita pela norma. Em relação às informantes

femininas, se registra o uso de *naonde*, uma forma considerada inovadora por não constar até o presente momento de nenhum registro nos estudos consultados. As mulheres, além de não usarem a forma prescrita, ainda fazem uso da forma inovadora em contextos como o descrito acima.

Agora observe-se o cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator extralingüístico *faixa etária*.

Tabela 16b: Onde e correlatos em ORL/A por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	06 (100%)	02 (100%)	01 (50%)
NAONDE	-	-	01 (50%)
Total	06 (100%)	02 (100%)	02 (100%)

A disposição dos fatores internos distribuídos segundo o fator *faixa etária* sugere um perfil de mudança (mais especificamente, perda de uma forma), pois apenas os mais velhos (faixa 03) usam a forma *naonde*. Entretanto, como a ausência dessa forma nos estudos consultados sugere que seja uma forma inovadora, há um conflito: seriam os mais velhos que usariam a forma inovadora.

Observe-se agora a distribuição das formas segundo a escolaridade:

Tabela 16c: Onde e correlatos em ORL/A por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	04 (80%)	05 (100%)
NAONDE	01 (20%)	-
Total	05 (100%)	05 (100%)

A distribuição dos fatores permite afirmar que, em relação ao item *onde*, a escola não parece ser um fator atuante na inibição do seu uso (não-normativo) com sentido de direção, visto que foi na fala de informantes com maior grau de escolaridade que se registrou o percentual mais alto (100%). Em relação à forma *naonde*, observa-se que

esta foi registrada na fala de informantes pouco escolarizados, o que pode ser um indício de que a escola estaria inibindo esse uso.

Agora apresentar-se-á o cruzamento de todos os fatores analisados acima:

Tabela 16d: Onde e correlatos em ORL/A por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	01 100	01 100	01 100	04 100	01 100	-	01 100	-	-	-	-	-
NAONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	01 100	-	-	-
Total	N %	01 100	01 100	01 100	04 100	01 100	-	01 100	-	01 100	-	-	-

Mais uma vez (tal como no *locus* V: ORA/E – cf. tabela 13d), observa-se que não se pode falar propriamente em variação, pois para cada célula há praticamente apenas uma ocorrência de locativo - exceto no caso de informantes masculinos com alta escolaridade na faixa 01, caso em que as 4 ocorrências foram de *onde* (ao contrário do que preconiza a gramática). Nenhuma das formas adotadas (*onde* e *naonde*) é a preconizada pela gramática para o valor de “lugar a que”.

3.4.2.2. *Locus* VII: OII/A

Na tabela abaixo se cruzam os fatores intralingüísticos com o fator externo *gênero*.

Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 17a: Onde e correlatos em OII/A por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	03 (75%)	-
AONDE	01 (25%)	02 (100%)
Total	04 (100%)	02 (100%)

Observa-se que, em relação ao gênero, no contexto OII/A são as mulheres que estão seguindo mais a norma, pois há uso apenas da forma *aonde*. Observa-se que há uma preferência pela forma *onde* na fala masculina (75%) em relação à forma *aonde* (25%).

O cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator extralingüístico *faixa etária* permite refinar a análise:

Tabela 17b: Onde e correlatos em OII/A por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	02 (66,7%)	01 (33,3%)	-
AONDE	01 (33,3%)	02 (66,7%)	-
Total	03 (100%)	03 (100%)	-

Aqui se podem observar indícios de um processo de mudança em curso. Em relação à forma *onde*, observa-se que foi mais recorrente na faixa 01 (66,7%) e a forma *aonde* mais recorrente na faixa 02 (66,7%). Pode-se aqui inferir que esteja havendo um caso de mudança em curso (mesmo sem dados da faixa 03 para se estabelecer uma comparação mais eficaz), com os informantes mais jovens fazendo maior uso de *onde* e os informantes adultos fazendo maior uso de *aonde* no contexto em que se indica direção.

Observe-se agora a tabela 17c abaixo:

Tabela 17c: Onde e correlatos em OII/A por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	02 (66,7%)	01 (33,3%)
AONDE	01 (33,3%)	02 (66,7%)
Total	03 (100%)	03 (100%)

Observa-se que os informantes com menos escolaridade preferem o uso da forma *onde* (66,7%) em relação à forma *aonde* (33,3%), já os informantes com maior grau de escolaridade fazem um uso contrário: há uma preferência pela forma *aonde* (66,7%) em

detrimento de *onde* (33,3%). Esses padrões sugerem que a escola atuaria favorecendo a escolha de forma preconizada pela gramática (neste caso, a forma *aonde*).

Abaixo o cruzamento dos fatores intra- e extralingüísticos para o *locus* em questão:

Tabela 17d: Onde e correlatos em OII/A por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	01 100	01 50,0	-	01 100	-	-	-	-	-	-	-	-
AONDE	N %	-	01 50,0	-	-	-	-	-	-	-	01 100	01 100	-
Total	N %	01 100	02 100	-	01 100	-	-	-	-	-	01 100	01 100	-

Observa-se, a partir da análise da tabela acima, que só se pôde evidenciar variação na fala de informantes masculinos com baixa escolaridade pertencentes à faixa etária 02. Nas demais células observa-se ocorrência única: no caso dos homens, adota-se a forma não preconizada pela gramática para o valor de “lugar a que” (*onde*), no caso das mulheres, observa-se a forma preconizada (*aonde*).

3.4.2.3. Locus X: OII/A

Tal como nos contextos analisados acima, aqui também se faz necessário o cruzamento dos fatores intra- e extralingüísticos:

Tabela 18a: Onde e correlatos em OII/A por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	04 (44,4%)	04 (50%)
AONDE	05 (55,6%)	04 (50%)
Total	09 (100%)	08 (100%)

A distribuição dos locativos segundo o fator *gênero* no contexto em análise apresenta-se mais homogênea. Apresentam-se frequências semelhantes no caso das informantes femininas (50% de *onde* e de *aonde*). Já em relação aos informantes masculinos, observa-se que fazem mais uso da forma *aonde* (55,6%) em detrimento de *onde* (44,4%).

Observe-se abaixo o cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator *faixa etária*:

Tabela 18b: *Onde* e correlatos em OID/A por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	05 (71,4%)	01 (33,3%)	02 (28,6%)
AONDE	02 (28,6%)	02 (66,7%)	05 (71,4%)
Total	07 (100%)	03 (100%)	07 (100%)

A análise da tabela acima sugere que, em relação ao contexto em análise, haveria um processo de mudança em curso. Observa-se que na faixa 03 há uma preferência pela forma *aonde* (71,4%) em relação à forma *onde* (28,6%); na faixa 02 essa preferência cai e observa-se uma frequência de 66,7% de ocorrências para a forma *aonde* contra 33,3% para a forma *onde*; já na faixa 01, esse padrão se inverte, com os falantes fazendo mais uso da forma *onde* (71,4%) em detrimento da forma *aonde* (28,6%).

Observe-se agora a atuação do fator extralingüístico *escolaridade*:

Tabela 18c: *Onde* e correlatos em OID/A por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	02 (33,3%)	06 (54,5%)
AONDE	04 (66,7%)	05 (45,5%)
Total	06 (100%)	11 (100%)

Observa-se que quanto mais escolarizado, maior uso um falante faz da forma *onde* em um contexto que expresse sentido de direção (ao contrário do que preconiza a gramática normativa). É exatamente na fala de informantes menos escolarizados que se registram maiores percentuais de *aonde* (66,7%) em detrimento de *onde* (33,3%). Na fala de informantes escolarizados se registra maior uso de *onde* (54,5%) em detrimento de *aonde* (45,5%).

Cruzando os dados anteriores, chega-se à seguinte tabela:

Tabela 18d: Onde e correlatos em OID/A por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N	01	-	01	01	01	-	-	-	-	03	-	01
	%	50,0	-	100	50,0	33,3	-	-	-	-	100	-	33,3
AONDE	N	01	-	-	01	02	01	-	-	02	-	-	02
	%	50,0	-	-	50,0	66,7	100	-	-	100	-	-	66,7
Total	N	02	-	01	02	03	01	-	-	02	03	-	03
	%	100	-	100	100	100	100	-	-	100	100	-	100

Dentre os informantes masculinos, evidencia-se a variação na fala de informantes com baixa escolaridade pertencentes à faixa 01 e, entre os informantes com alta escolaridade, observa-se variação na fala dos pertencentes às faixas 01 e 02. Observa-se que informantes masculinos com baixa e alta escolaridade da faixa 01 usam quase que indiscriminadamente as formas *onde* e *aonde* (apresentando frequência semelhante). Dentre os informantes escolarizados, percebe-se que os da faixa 02 preferem o uso de *aonde* (66,7%) em detrimento de *onde* (33,3%), em consonância com o que preconiza a gramática normativa.

Dentre as informantes femininas, evidencia-se variação apenas na fala de informantes escolarizadas pertencentes à faixa 03, que usam preferencialmente *aonde* (66,7%) em detrimento de *onde* (33,3%), também em consonância com o que preconiza a gramática normativa.

3.4.3. *Locus* de variação “lugar por que” – *Locus* II: ORR/PO

Aqui, tal como se fizeram nas análises anteriores, realizar-se-á o cruzamento dos fatores intra- e extralingüísticos para se poder observar melhor a atuação de cada fator sobre o fenômeno.

Veja-se primeiramente a tabela que se segue:

Tabela 19a: *Onde* e correlatos em ORR/PO por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	02 (66,7%)	02 (100%)
AONDE	01 (33,3%)	-
Total	03 (100%)	02 (100%)

Observa-se, a partir da análise da tabela acima, que no contexto em questão, para as informantes femininas só se registra a forma *onde* e para os informantes masculinos se registram as formas *onde*, mais usada (com 66,7% de ocorrências), e *aonde* (com 33,3% das ocorrências).

Abaixo segue a tabela 19b, em que se apresentam os fatores intralingüísticos em contraste com o fator extralingüístico *faixa etária*:

Tabela 19b: *Onde* e correlatos em ORR/PO por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	02 (100%)	-	02 (33,3%)
AONDE	-	-	01 (66,7%)
Total	02 (100%)	-	03 (100%)

Observa-se uma preferência no uso da forma *aonde* (66,7%) na faixa 03 e, nos dados coletados na faixa 01, nota-se o uso preferencial da forma *onde*. Não foram registrados dados com nenhuma das formas para a faixa 02.

Agora faz-se necessário observar a atuação do fator *escolaridade* sobre o fenômeno em análise:

Tabela 19c: Onde e correlatos em ORR/PO por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	-	04 (100%)
AONDE	01 (100%)	-
Total	01 (100%)	04 (100%)

A tabela acima revela que, quanto mais escolarizado, mais o falante faz uso da forma *onde*. É interessante observar que a forma *aonde* só foi registrada na fala de informantes com baixa escolaridade.

Agora cruzam-se os dados de todos os fatores analisados acima:

Tabela 19d: Onde e correlatos em ORR/PO por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	-	-	-	01 100	-	01 100	-	-	-	01 100	-	01 100
AONDE	N %	-	-	01 100	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	N %	-	-	01 100	01 100	-	01 100	-	-	-	01 100	-	01 100

Pela terceira vez (tal como nos *loci* V (ORA/E) e IV (ORL/A) – cf. tabelas 13d e 16d, respectivamente), observa-se que não se pode falar propriamente em variação, pois para cada célula há apenas uma ocorrência de locativo. Nenhuma das formas adotadas (*onde* e *aonde*) são as preconizadas pela gramática para o valor de “lugar por que”.

3.4.4. Locus de variação “lugar de que” – Locus VIII: OII/D

Na tabela a seguir cruzam-se os fatores intralingüísticos com o fator externo *gênero*:

Tabela 20a: Onde e correlatos em OII/D por gênero

	MASCULINO	FEMININO
ONDE	-	01 (33,3%)
DE ONDE	-	01 (33,3%)
DAONDE	-	01 (33,3%)
Total	-	03 (100%)

Observa-se que, no contexto em questão, só se registraram ocorrências na fala dos informantes femininos e que há a concorrência entre três diferentes formas (*onde*, *de onde* e *daonde*), sendo uma delas inovadora (*daonde*).

Abaixo segue-se o cruzamento dos fatores intralingüísticos com o fator extralingüístico *faixa etária*:

Tabela 20b: Onde e correlatos em OII/D por faixa etária

	Faixa 01	Faixa 02	Faixa 03
ONDE	-	-	01 (50%)
DE ONDE	-	-	01 (50%)
DAONDE	01 (100%)	-	-
Total	01 (100%)	-	02 (100%)

A análise da tabela acima permite afirmar que a faixa que introduz a forma inovadora *daonde* é a faixa 01 e ainda que, na faixa 03, se observa a ocorrência de *onde* com sentido de “procedência” (tal como foi seu uso etimológico, pois, como já se disse, no latim *unde* expressava “lugar de que”)

A análise dos fatores intralingüísticos sob a perspectiva da *escolaridade* permitirá observar se a escola está exercendo atuação na seleção das formas em destaque:

Tabela 20c: Onde e correlatos em OII/D por escolaridade

	Baixa escolaridade	Alta escolaridade
ONDE	-	01 (100%)
DE ONDE	01 (50%)	-
DAONDE	01 (50%)	-
Total	02 (100%)	01 (100%)

Observa-se que entre os informantes com alta escolaridade foi registrada só a forma *onde*. A forma *de onde*, supostamente a forma canônica para indicar procedência, só foi registrada na fala de informantes com baixa escolaridade, assim como a forma inovadora *daonde*.

Observe-se agora o cruzamento de todos os fatores analisados:

Tabela 20d: Onde e correlatos em OII/D por gênero, escolaridade e faixa etária

		MASCULINO						FEMININO					
		BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE			BAIXA ESCOLARIDADE			ALTA ESCOLARIDADE		
		Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03	Fx. 01	Fx. 02	Fx. 03
ONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 100
DE ONDE	N %	-	-	-	-	-	-	-	-	01 100	-	-	-
DAONDE	N %	-	-	-	-	-	-	01 100	-	-	-	-	-
Total	N %	-	-	-	-	-	-	01 100	-	01 100	-	-	01 100

Pela quarta vez, observa-se que não se pode falar propriamente em variação, pois para cada célula há apenas uma ocorrência de locativo. Apenas o informante feminino com baixa escolaridade na faixa 03 faz uso da forma preconizada pela gramática (*de onde*) para o valor de “lugar de que”.

3.4.5. Síntese

Considerando a complexidade dos padrões identificados ao longo da seção dedicada apenas aos *loci* de variação, convém salientar de forma sintética os dados mais relevantes apurados.

A questão fundamental por trás da análise realizada nas seções anteriores é se *os fatores externos atuam na variação lingüística* existente no sistema formando pelo *onde* e correlatos. Para esclarecer essa questão, parece interessante apresentar os padrões verificados tomando como referência o comportamento lingüístico preconizado pelas gramáticas normativas para as formas em estudo.

Assim sendo, serão apresentados, a seguir, quadros indicando quais fatores favorecem o uso da forma prescrita pelas gramáticas para cada valor semântico em questão. Começar-se-á pelo uso da forma *onde* nos *loci* pertinentes:

Quadro 3 – Predominância de *onde* com valor de “lugar em que” nos *loci* de variação

	I (ORR/E)	III (ORL/E)	V (ORA/E)	VI (OII/E)	IX (OID/E)
Gênero	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Faixa etária	01	03	01 e 02	01	03
Escolaridade	Alta	Alta	Baixa	Alta	Alta

Observa-se, a partir da análise do quadro acima, que, em relação à forma *onde* com valor de “lugar em que”, são os homens que mais fazem uso segundo a norma gramatical, o que parece não condizer com o que predizem alguns estudos sociolingüísticos em relação ao gênero, que apontam para as mulheres como mais sensíveis à norma (cf., p. ex., Labov (1994:293))¹⁶. Em relação à faixa etária, o padrão

¹⁶ Na citação extraída de Labov (1994:293), apresentada na p. 88 do presente trabalho, fala-se que “as mulheres se adaptam mais do que os homens às normas sociolingüísticas que são *explicitamente prescritas*, mas se adaptam menos do que os homens quando elas não o são” (tradução e grifo nossos). Interpreta-se aqui que, ao dizer “explicitamente prescritas”, está-se referindo à norma estabelecida pelas gramáticas, ou seja, aquilo que é “prescrito” pela gramática.

predominante parece ser, em ordem decrescente, faixa 01 > faixa 03 > faixa 02, hierarquia que não parece indicar uma tendência de mudança, ou seja, não estaria havendo uma mudança em favor do que preconiza a gramática. No que se refere à *escolaridade*, observa-se que a alta escolaridade favorece o uso de *onde* com o valor em questão, indicando assim um papel da escola no comportamento lingüístico da forma em estudo em favor do que prescreve a gramática normativa.

Agora observe-se o quadro 4, em que se resumem os resultados obtidos para a forma *aonde*:

Quadro 4 – Predominância de *aonde* com valor de “lugar a que” nos loci de variação

	IV (ORL/A)	VII (OII/A)	X (OID/A)
Gênero	-	Feminino	Masculino
Faixa etária	-	02	03
Escolaridade	-	Alta	Baixa

No quadro acima não há informação para o *locus* IV porque não se registrou a forma *aonde* (apenas *onde* e *naonde*) nesse contexto. Comparando os dois outros *loci*, vê-se que não se pode postular uma tendência, já que os fatores que atuam em cada caso são distintos entre si.

Para a predominância de *por onde* com valor de “lugar por que” no único *locus* de variação detectado (*locus* II: ORR/PO), não há a necessidade de quadro, pois as duas formas em variação (*onde* e *aonde*) nesse *locus* não incluem a preconizada pela gramática normativa (*por onde*)

Para a predominância de *de onde* com valor de “lugar de que” no único *locus* de variação detectado (*locus* VIII: OII/D), também não há a necessidade de quadro, pois a forma em questão só ocorreu na fala de informante feminina, da faixa 03, com baixa escolaridade. Como não há dados para o informante do sexo masculino, não se pode dizer sobre a atuação dessa variável, mas no caso das variáveis *faixa etária* e

escolaridade, pode-se aventar a hipótese de que a forma *de onde* estaria perdendo espaço (pois só ocorre na faixa 03) e que a escola estaria contribuindo para essa perda (já que a forma só ocorre em falante de baixa escolaridade).

Os resultados aqui apresentados devem ser encarados como sinalizadores de *tendências* a serem pesquisadas de forma mais robusta do ponto de vista de volume de dados. Naturalmente não se devem considerá-los conclusivos em função de dois aspectos: primeiramente, pelo fato de o número de dados com que se trabalhou aqui não ter sido suficiente para que se preenchessem todas as células com, no mínimo, uma ocorrência (a existência de lacunas nas tabelas impediu que se avaliasse qual forma seria adotada por cada falante por gênero, escolaridade e faixa etária – cf. , p. ex., a tabela 20d, em que apresentam lacuna nove das doze células); em segundo lugar, pelo fato de a diferença nas porcentagens ser muitas vezes bastante sutil, o que exigiria a adoção de um modelo estatístico para avaliar sua significância.

CONCLUSÃO

No presente trabalho analisou-se o comportamento lingüístico do locativo *onde* e correlatos no português falado de Belo Horizonte. Com base na análise realizada pôde-se constatar que:

a) existe variação no uso dos locativos em questão, pois verificou-se seu uso no mesmo contexto com o mesmo valor de verdade (mais especificamente, nos contextos ORR/E; ORR/PO; ORL/E; ORL/A; ORA/E; OII/E; OII/A; OII/D; OID/E e OID/A);

b) a variação verificada não ocorre em qualquer contexto, pois identificaram-se situações em que apenas uma das formas dos locativos é empregada (ORR/A, ORL/PO, ORA/A, ORA/PO, OII/PO e OID/D);

c) os locativos estudados apresentam-se, em muito casos, como polissêmicos, ou seja, uma mesma forma é utilizada para expressar diferentes valores semânticos (p.ex., o *onde* aparece no *corpus* estudado com os valores de “lugar em que”, “lugar a que”, “lugar por que” e “lugar de que”, mas o *por onde* apresenta apenas o valor de “lugar por que”);

d) em alguns dos casos em que se constatou a existência de variação (chamados neste estudo de *loci* de variação), puderam-se verificar indícios de fatores extralingüísticos estarem atuando na distribuição das formas (p. ex., o uso de *onde* para expressar “lugar em que” é mais freqüente em falantes do gênero masculino, na faixa etária jovem e com alta escolaridade); e

e) existem formas inovadoras no sistema (*naonde* e *daonde*), que não têm sido tratadas pelas gramáticas tradicionais e que têm uma distribuição relativamente diversificada (*naonde* ocorre na fala de informantes do gênero masculino e do feminino,

aparece nas três faixas etárias estudadas e é verificado na fala de pessoas com baixa ou alta escolaridade. Já a forma *daonde* só foi registrada na fala de informante do gênero feminino, pertencente à faixa 01 e com baixa escolaridade).

Do ponto de vista metodológico, puderam-se também alcançar resultados interessantes:

a) a coleta de dados, feita de forma rigorosa e controlada, permitiu a formação de um *corpus* de dados (conjuntamente, cerca de 330 dados [23 não-locativos + 307 locativos]), que aparecem transcritos na seção *Apêndices* deste trabalho, ficando, assim, disponíveis para futuros estudos sobre o tema;

b) a análise dos dados demonstrou que a aplicação de modelos estatísticos em estudos dessa natureza exige um número maior do que por volta de 300 ocorrências, fato que aponta para a dificuldade de estudos de variação morfossintática, uma vez que variáveis desse tipo são mais difíceis de serem coletadas na fala (exigem entrevistas mais longas com os informantes);

c) a transcrição dos dados revelou que existem situações em que a identificação de formas lingüísticas a partir de língua falada não é segura: no presente estudo, constatou-se que em seqüências de palavra terminada por *-a* seguida por locativo não é possível, em muitos casos, determinar se sua forma seria o *onde* ou o *aonde* e que em nenhum dos casos de *para* seguido por locativo foi possível estabelecer se a forma do locativo era *onde* ou *aonde*;

d) a identificação dos valores semânticos expressos pelos locativos também não é um processo simples, pois há diversos verbos que exprimem movimento (p.ex., *trabalhar*, *pescar*, etc.), mas que não incluiriam necessariamente deslocamento total do corpo no espaço: essa fronteira tênue deve ser explorada futuramente, pois a imprecisão

pode estar atuando sobre a variação no sistema dos locativos (cf. lista dos verbos encontrados no *corpus* e sua análise na seção *Apêndices* deste estudo); e

e) a análise da estrutura sintática em que ocorrem os locativos também deverá ser ampliada em estudos futuros, pois o contato com os dados permitiu que se percebesse a possibilidade de pertinência de aspectos como: posição do locativo dentro da oração (início x final), posição da oração com o locativo dentro do período (antes x depois da principal) e presença ou ausência de anafórico cópia na oração (p. ex., “na pedra (...) **onde** que nós caímos **lá** (...)” (Informante 04M- EdnBF, dado 4M.c; grifo nosso).

Em síntese, o presente estudo apresenta uma modesta contribuição para o conhecimento do sistema de locativos composto pelo *onde* e seus correlatos no português vernacular de Belo Horizonte e abre perspectivas para novas pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS*

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1952.

ANDRADE, N. *Onde* observado na modalidade escrita de um dialeto. In: FERREIRA, C. et al. *Diversidade do português do Brasil*. 2. ed. rev. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 183-190. [1987]

ARAÚJO, L.E.S. *Locativos no português de Belo Horizonte: estudo sociolingüístico (dados de entrevistas)*. 2004. 60 p. Monografia (Bacharelado em Lingüística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. *Locativos no português de Minas Gerais: estudo sociolingüístico (dados de telejornais)*. 2004. 50 p. (Relatório de Iniciação Científica). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

BISOL, L. S. vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 83-101, 1992.

BONFIM, E. R. M. Variação e mudança no português arcaico: o caso de *u* e de *onde*. *Palavra*, Rio de Janeiro, n.1, p. 96-119, 1993.

BRANDÃO, C. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1963.

CAMBRAIA, C. N. *Um estudo sobre a história do aonde na língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). 1996. 126 p. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

* Entre colchetes, a data de primeira edição da obra citada.

_____. Sobre as origens do “aonde” na língua portuguesa. In: COHEN, M. A. A. M.; RAMOS, J. M. (Orgs). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 41-66.

_____. ; ARAUJO, L. E. S. Variação em Locativos no português de Belo Horizonte: estudo sociolingüístico. *Paralelo 20*, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p. 123-132, 2004.

CARDOSO, B. *Tratado da língua vernácula*. Rio de Janeiro: Livraria Editora. 1944. [1932]

CARENO, M. F. do. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.

CARNEIRO, N. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957. [1955]

CARREIRO, C. P. *Gramática da língua nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro Santos Editor, 1918. [1917]

CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 25-64. 1997.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática de língua portuguesa*. 30. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1995.

CINQUE, L. *Types of A' dependencies*. Cambridge: MIT Press. 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- CUNHA, C. Ni “em” = em casa de. *Ibérica*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 152-156, 1960.
- DINIZ, M. L. V. P. O curinga “onde” na produção do texto escrito. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 26, p. 482-488, 1997.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de. *Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1998.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1. ed. 10 reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].
- GONÇALVES, C. A. V. *Aférese e prótese: verso e reverso morfológico*. 1993. Dissertação. (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GORDON, E. Sex, speech, and stereotypes: why women use prestige forms more than men. *Language in Society*, Cambridge, v. 26, n. 1, p. 47-63, 1997.
- GOULART, A. T.; SILVA, O. V. *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1974.
- HADERMANN, P. *Étude morphosyntaxique du mot où*. Paris-Louvain-la-Neuve: Editions Duculot, 1993.
- HALLIDAY, M. A. C. *An introduction to a functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.
- HEYE, J. Sociolingüística. In: PAIS, C. T.; RECTOR, M. (Org.). *Manual de Lingüística*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994, v. 1, p. 132-179.
- INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

KATO, M. *et al.* As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado. Vol. VI: Desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. [1996]

_____. ; RIBEIRO, I. M. O. A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: ENCONTRO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 6. Salvador: UFBA, 2004.

KERSCH, D. F. *A palavra onde no português do Brasil*. 1996. 180 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KOCH, I.G. V. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. v. 1, Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. v. 2, Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Driving forces in linguistic change*. In: International Conference on Korean Linguistics. Seoul: Seoul National University, 02 agosto de 2002. Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/DFLC.htm>>. Acesso em 14 abr. 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas do dia-a-dia*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002. [1980]

LIEBERSON, S. *A matter of taste*. Cambridge : Harvard University Press, 2001.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. [1957]

MADUREIRA, E. D. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. 1987. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MAGNE, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: INL, 1950. v. I: A-AI.

MANFILI, K.C. *O processo de gramaticalização das construções “onde” – uma visão cognitivista*. 2003. 63 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

MARINHO, J. H. C. Relações discursivas do “onde” em textos acadêmicos. In: MENDES, E. A. M.; OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Org). *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001, p. 89-98.

_____. *O funcionamento discursivo do item onde: uma abordagem modular*. 2002. 305 p. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. A organização relacional do discurso. *Cadernos de Pesquisa* (NAPq/FALE/UFMG), Belo Horizonte, n. 41, p. 1-89, abr. 2003.

MARTINS, H. F. *Metáfora e polissemia no estudo das línguas do mundo: uma aproximação não representacionista*. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística e Filologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MELO, G. C. *Gramática fundamental de língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970. [1967]

MELO, J. N. *Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1968.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2001.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, M. H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, M. C.; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolingüística: contribuição do PEUL. *Delta*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 201-232, 1999.

_____.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. v. 1. 206 p.

_____. A variável gênero / sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PASCHOALIN, M. A. *Gramática: teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1996.

PEREIRA, E. C. *Grammatica histórica*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

PONTES, E. *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editora. 1992.

PRESTES, M. L. M. A inadequação do uso do *onde* em redações escolares. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 11, p. 41-47, jan.- jun. 1991.

PRETI, D. *et al.* *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.v. I.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992. (Coleção Universitária. Série Lingüística).

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GOLDVARB 2001*. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em 27 dez. 2006.

ROMAINE, S. Postvocalic /r/ in Scottish English: sound change in progress? In: TRUDGILL, P. *Sociolinguistic patterns in British English*. London: Edward Arnold, 1978.

ROULET, E. *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris: Didier, 1999.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

SALOMÃO, M. M. *Projeto integrado de pesquisa e a gramaticalização das representações espaço-temporais no português*. Rio de Janeiro/ Juiz de Fora. 1996.

SARTORI, A. T. O uso inadequado de *onde* e *mas* em textos de alunos. In: BERTUSSI, L. T. (Org). *Mestres em Letras*. Caxias do Sul: Ed. da UCS, 1998. p.159-173.

SILVA, A. M. *Lembranças... Venda Nova*. Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

SILVEIRA, S. *Lições de português*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

SOUZA, E. H. M. P. O ONDE, um item em processo de mudança. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 23-24, p. 67-76, 1999.

_____. Sobre prescrições e usos do ONDE e do OÙ no português e no francês. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, II, Fortaleza, 13-16 março 2001, *Anais...* Fortaleza: UFC-Abralin, 2002. Disponível em <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_ci055>. Acesso em 06 fev. 2003.

_____. *O onde em estruturas sintáticas e discursivas: o que dizem gramáticas prescritivas e dados da língua falada*. Salvador: Programa para a História da Língua Portuguesa, 2003a. Disponível em <<http://www.prohpor.ufba.br/onde.html>>. Acesso em 23 ago. 2005.

_____. *Observações diacrônicas sobre a gramaticalização do onde e suas evidências no português falado de Salvador*. Salvador: Programa para a História da Língua Portuguesa, 2003b. Disponível em <<http://www.prohpor.ufba/sonia.html>>. Acesso em 23 ago. 2005.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Dissertação (Ph. D.). University of Pennsylvania.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. 6. ed. rev. São Paulo: Ática, 1999.

TERRA, E.; NICOLA, J. *Gramática e literatura para o 2º grau*. São Paulo: Scipione, 1993.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. ed. rev. Harmondsworth: Penguin Books, 1983a.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno, Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco; Posfácio: Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bairros_de_Belo_Horizonte>. Acesso em 14 set. 2006.

WOLFRAM, W. *A sociolinguistic description of Detroit negro speech*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1969.

APÊNDICES

CLASSIFICAÇÃO VERBAL

Os verbos responsáveis por atribuir valor aos locativos foram os verbos da oração subordinada, quando não se tratava de locativos sem antecedente.

Segue abaixo o inventário dos verbos registrados nas entrevistas coletadas e a classificação dada na presente pesquisa.

Primeiramente apresentar-se-ão os verbos que expressam claramente a noção de permanência seguido pela caracterização dos verbos considerados ambíguos, depois os verbos que expressam a noção de direção e logo em seguida verbos que indicam procedência. Com relação aos casos ambíguos foram considerados como verbos de de ação sem deslocamento no espaço, ou seja, sem deslocamento do corpo no momento da ação ou em seguida a ela. É interessante notar que tais verbos, por não expressarem claramente uma noção, podem criar uma confusão na cabeça do falante, impedindo-o de fixar que forma utilizar com determinados advérbios locativos. Essa ambigüidade certamente não deve ser ignorada, pois a frequência de ocorrência com tais verbos foi significativamente relevante. Aqui, foram considerados os verbos principais, quando estavam em construções perifrásticas com auxiliares. Observe-se abaixo:

QUADRO 5 - VERBOS QUE INDICAM PERMANÊNCIA

VERBOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE DADOS
CHEGAR	01 ocorrência
DORMIR	03 ocorrências
ESTAR	50 ocorrências
FICAR	10 ocorrências
INSTALAR-SE	02 ocorrências
MORAR	22 ocorrências
PARAR	05 ocorrências
PASSAR (“pernoitar”)	01 ocorrência
SER (“ficar/estar”)	45 ocorrências
TER (“existir/ficar”)	19 ocorrências
Total	158 ocorrências

Observa-se que tais verbos expressam claramente a noção de permanência, o uso desses verbos está claramente ligado à idéia de permanência e não causam dúvidas no falante. Houve ainda 13 casos de locativos sem antecedente, mas que observando todo o período pôde-se captar o seu significado (no caso, *permanência*) e que não estão arrolados acima.

Dentro da categoria dos verbos que indicam *permanência* encontra-se uma categoria de verbos denominados *verbos de ação sem deslocamento*. São verbos que indicam ação, mas não têm nenhum sentido relacionado a movimento.

Com relação aos casos ambíguos, vale ressaltar a dificuldade em classificar tais verbos. É interessante notar que nem sempre os falantes usam um verbo com seu sentido literal, o que dificulta a análise, mas que não deixa de ter seu charme.

Uma análise mais aprofundada a respeito desse uso mais abstrato dos verbos aqui registrados ultrapassaria os objetivos da presente pesquisa, mas é inegável que a simples apresentação de tais itens contribui bastante para um entendimento mais aprofundado da questão e abre caminho para que novas frentes pesquisas sejam

realizadas com o intuito de oferecer uma contribuição mais substantiva para o entendimento dessa e de outras questões relacionadas.

Como se disse anteriormente, os casos de verbos que indicam ação sem deslocamento no espaço foram interpretados como verbos que indicariam *permanência*.

Observem-se abaixo os verbos que indicam ação sem deslocamento no espaço, os casos ambíguos:

QUADRO 6 - VERBOS DE AÇÃO SEM DESLOCAMENTO NO ESPAÇO

VERBOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE DADOS
ACAMPAR	05 ocorrências
ARQUIVAR	01 ocorrência
ARRANJAR/ARRUMAR (“conseguir”)	05 ocorrências
BATIZAR	01 ocorrência
CAIR	02 ocorrências
CHEGAR	01 ocorrência
COLOCAR	03 ocorrências
COMEÇAR (“iniciar”)	02 ocorrências
COMER	01 ocorrência
COMPRAR	01 ocorrência
CONVIVER	01 ocorrência
CONHECER	02 ocorrências
DAR	01 ocorrência
DEIXAR	01 ocorrência
ENCONTRAR	01 ocorrência
ESTUDAR	05 ocorrências
EXISTIR	01 ocorrência
FRITAR	01 ocorrência
LIGAR	02 ocorrências
PEGAR	01 ocorrência
PESCAR	01 ocorrência
PLANTAR	01 ocorrência
SER (“acontecer”)	04 ocorrências
SER (“existir”)	05 ocorrências
TER (“exercer”)	02 ocorrências
TRABALHAR (também verbo SER)	05 ocorrências
VENDER	01 ocorrência
Total	62 ocorrências

Como já se disse acima, tais verbos são considerados ambíguos; o que pode gerar dúvida na cabeça do falante quando este está formulando uma sentença. Esta ambigüidade certamente pode estar ligada à variação existente no uso dos locativos, uma vez que, se não há como fixar uma forma, o ambiente é propício ao uso de formas diferenciadas.

Seria interessante realizar um estudo mais específico sobre a atuação dos verbos sobre os locativos, principalmente quando esses não fossem claramente classificáveis. Uma outra questão que se abre aqui é que não há, até o que se sabe, um estudo mais aprofundado sobre a polissemia dos verbos. Como se pôde constatar acima existem verbos extremamente polissêmicos (como o verbo *ser*). Seria interessante que surgissem estudos que focalizassem essa questão mais detalhadamente

Agora apresentar-se-ão os verbos que expressam direção:

QUADRO 7 - VERBOS QUE INDICAM DIREÇÃO

VERBOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE DADOS
ANDAR	01 ocorrência
CORRER	03 ocorrências
DESCARREGAR	01 ocorrência
DESCER	02 ocorrências
ENTRAR	01 ocorrência
IR	44 ocorrências
PASSAR	06 ocorrências
PULAR	04 ocorrências
SAIR	01 ocorrência
VIAJAR	01 ocorrência
VIRAR	01 ocorrência
Total	65 ocorrências

Observe-se que tais verbos expressam claramente a noção de movimento, deslocamento do corpo no espaço.

Agora têm-se os verbos considerados de procedência:

QUADRO 8 - VERBOS QUE INDICAM PROCEDÊNCIA

VERBOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DE DADOS
LIGAR (“originar”)	01 ocorrência
SER (“originar”)	02 ocorrências
SURGIR	01 ocorrência
TIRAR	02 ocorrências
VIR	01 ocorrência
Total	07 ocorrências

Como se pode perceber, tais verbos indicam claramente a noção de procedência.

A seguir serão apresentados o termo de consentimento apresentado aos informantes após concessão da entrevista, a ficha utilizada para caracterizá-los, os critérios e as normas de transcrição utilizadas, bem como as transcrições realizadas e a ficha com os dados dos informantes que participaram da pesquisa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Autorizo a utilização da entrevista por mim concedida para fins de pesquisa ao pesquisador Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo, aluno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e de que esta pesquisa relaciona-se ao estudo da variação lingüística na cidade de Belo Horizonte.

Estou ciente também de que a minha participação na pesquisa é voluntária e de que meu nome não será divulgado. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

NOME: _____

ASSINATURA: _____

RG: _____

Belo Horizonte, ____/____/____.

Nome do pesquisador: Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo.

ASSINATURA: _____

RG: _____

Belo Horizonte, ____/____/____.

FICHA DO INFORMANTE

INFORMANTE N°: (_____)

DATA DA ENTREVISTA ____/____/____.

NOME DO INFORMANTE: _____

SIGLA: _____

ESCOLARIDADE: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____

LOCAL DE NASCIMENTO DO INFORMANTE: _____

LOCAL DE NASCIMENTO DOS PAIS: _____

DADOS COLETADOS

I - Normas de transcrição:

As normas de transcrição utilizadas no presente trabalho foram baseadas nas normas utilizadas no Projeto NURC¹⁷ (cf. Preti *et al.* (1986)). Não foram levadas em consideração todas as regras de transcrição tal como no projeto NURC, pois algumas foram excluídas por se julgar não serem necessárias para o presente estudo. Outras foram utilizadas nesse trabalho com o intuito de se manter uma certa unidade de transcrição baseada no projeto NURC, observe-se que os exemplos abaixo foram tirados do presente trabalho, a saber:

Fato	Sinal	Exemplificação
Prolongamento de vogal ou consoante	:	(...) então eu queria conhecer o mundo... e:: cismamos de trabalhar no centro de São Paulo (...)
Silabação	-	i-ta-pré-fofia
Interrogação	?	(...) aonde mais eu fui?
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((risos))
Acréscimo de informação à entrevista por conta do transcritor	[]	(...) no caminho [para Brasília de Minas] (...)
Interpretação da fala de outros pelo entrevistado	<i>'itálico'</i>	“(...) ele foi e falou assim <i>'oh! eu num desço nesse trem mais não'</i> (...)”
Supressão de frases ou períodos dentro do trecho transcrito. Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)	“(...) a água geladí::ssima (...) o poço é fundo (...)”
Hipótese do que se ouviu	()	“(...) Aí o (Washington) foi e olhô pra mim (...)”
Qualquer pausa	...	“(...) então eu queria conhecer o mundo... e:: cismamos de trabalhar (...)”

¹⁷ A transcrição baseada no Projeto NURC não é uma transcrição fonética.

Não foram levados em consideração, na transcrição dos dados, alguns aspectos comuns da fala tal como truncamento, entoação fática, superposição de vozes, mudança de turno e etc., no entanto fez-se necessário identificar os contextos ambíguos, aqueles contextos em seqüências de palavras terminadas em *-a* e seguidas pelo locativo (*a*)*onde* (não se sabe ao certo se *onde* ou *aonde*): tais contextos foram marcados, nas transcrições, sublinhando-se o *-a* final e o início do locativo que supostamente se ouviu (tal como no exemplo: “num sabia onde era”). Nos casos em que foram possíveis de se identificar o locativo (como em contextos em que havia uma leve pausa antes de pronunciá-lo) foram considerados o que se ouviu. Para facilitar a localização, os locativos foram colocados em negrito, bem como o verbo utilizado como referência para a determinação do seu valor semântico.

As siglas correspondem às iniciais do nome de cada informante. Para os informantes masculinos foi acrescentada a letra “M” em caixa alta logo após o número dado ao informante. Para as informantes femininas a letra “F” foi acrescentada, tal como foi feito com os informantes masculinos.

Cada dado coletado foi enumerado com uma letra do alfabeto para que não houvesse confusão com a numeração dada a cada informante, portanto o dado *5F.c*, por exemplo, corresponde ao terceiro dado (c) do informante feminino (f) número 5, nesse caso, a informante FCS.

Abaixo seguem as transcrições, primeiro as transcrições dos dados dos informantes masculinos e logo em seguida dos dados femininos.

II - Fichas e dados por informante

A) DADOS DE INFORMANTES MASCULINOS

- **Informante N°:01M**

Sigla: BEMO

Escolaridade: 3º grau

Data de nascimento: 21/05/1976

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai: Carangola / Mãe: Conselheiro Pena

Data da entrevista: 20/09/2003

Dados coletados:

1M.a) ENTREVISTADO: “(...) no caminho [para Brasília de Minas] teve uma zoeira lá:: de:: um colega nosso que sempre::, só sabe falar difícil, né? A gente parou pra pedir informação, aí ele virou assim ‘*por obséquio, aonde ficam os festejos desta comarca?*’ ((risos)) (...)”

1M.b) ENTREVISTADO: “(...) lá não tem um lugar, um ponto de encontro... o ponto de encontro que existe na regiã::o, **onde** que os meninos **vão** pra ver as menini::nhas, as meninas vão pra ver os meni::nos e ta::l (...) é na escola (...) entã:o, se tem uma briga, vai buscar o cara aonde? onde o cara vai tá? (...)”

1M.c) ENTREVISTADO: “(...) lá não tem um lugar, um ponto de encontro... o ponto de encontro que existe na regiã::o, onde que os meninos vão pra ver as menini::nhas, as meninas vão pra ver os meni::nos e ta::l (...) é na escola (...) entã:o, se tem uma briga, **vai buscar** o cara **aonde?** onde o cara vai tá? (...)”

1M.d) ENTREVISTADO: “(...) lá não tem um lugar, um ponto de encontro... o ponto de encontro que existe na regiã::o, onde que os meninos vão pra ver as menini::nhas, as meninas vão pra ver os meni::nos e ta::l (...) é na escola (...) entã:o, se tem uma briga, vai buscar o cara aonde? **onde** o cara **vai tá?** (...)”

- **Informante N°:02M**

Sigla: JCLB

Escolaridade: 3º grau

Data de nascimento: 19/11/1972

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai: Teresina / Mãe: Guanambi

Data da entrevista: 21/09/2003

Dados coletados:

2M.a) ENTREVISTADO: “(...) ’xô vê aqui:, **aonde** mais eu **fui**... ah! No Vilarinho [quadras do Vilarinho] ((risos))... aquele tempo era bom (...)”

• **Informante N°:03M**

Sigla: WAM

Escolaridade: fundamental

Data de nascimento: 18/07/1955

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista: 21/09/2003

Dados coletados:

3M.a) ENTREVISTADO: “(...) e até hoje eu tenho a imagem deles na minha cabeça... eu fecho os olhos assim eu vejo aquele monte de negão assim, aquelas cara mais triste assim (...) lá eles bebe umas cachaça, tem um barzinh/ uma bitaquinha de madeira lá (...) fizeram um barzinho porque **ond**’é que **tem** u::m/ **ond**’é que tem um mutirão fazendo um trabalho, né?(...)”

3M.b) ENTREVISTADO: “(...) e até hoje eu tenho a imagem deles na minha cabeça... eu fecho os olhos assim eu vejo aquele monte de negão assim, aquelas cara mais triste assim (...) lá eles bebe umas cachaça, tem um barzinh/ uma bitaquinha de madeira lá (...) fizeram um barzinho porque **ond**’é que tem u::m/ **ond**’é que **tem** um mutirão fazendo um trabalho, né?(...)”

3M.c) ENTREVISTADOR: “(...) mas aí depois cê/cê foi pra São Paulo?

ENTREVISTADO: é, aí que eu fui/ que eu fui convivê nove anos lá... foi **ond**’é que eu **fui** pra pra::ia... conheci (Bertioga) (...)”

3M.d) ENTREVISTADO: “(...) só que em (Bertioga) é fora da Baixada Santista... é um outro território aí, é::: (Jequereípe)... pega o ônibus na rodoviária e pá, desce na rodoviariazinha (...) aí cê vai pra essa ilha, **aonde** cê **conhece** (Bertioga) (...)”

3M.e) ENTREVISTADO: “(...) porque gente que mora lá assim, os caseiro mesmo, o::/ os dono daqueles apartamento da berada mesmo pede pra tirá, limpá (...) quem vê faz o mesmo... antes de vim esse processo de:::, vamos dizer, salvar o mundo (...) porque tem lugar mesmo **ond**’é que **tem** festa... gente, quem tá ni festa, tá bebendo (...)”

3M.f) ENTREVISTADO: “(...) agora, **ond**’é que cê **vai**, pr’ocê curti uma praia de segunda a sexta (...)”

3M.g) ENTREVISTADO: “(...) quando eu fui embora pra São Paulo, eu levei um colega meu daqui... que tava:: em ameaça de morte, então eu queria conhecer o mundo... e::: cismamos de trabalhar no centro de São Paulo, aí fomos pra São Bernardo... **ond**’é que eu **instalei** a minha barraca (...)”

3M.h) ENTREVISTADO: “(...) aí eu descobri que a raiz da folha do pé de tomate é um ótimo anti-inflamatório... era o único mato que eu sabia que não era veneno, e:: na praia lá era o único mato que tinha lá que presta pra comer ((risos)). Isso eu tava na praia, eu **tava aonde** hein? Eu tava na Praia da Cost/ comé que é? Ilha das Gaivotas (...)”.

3M.i) ENTREVISTADO: “(...) eu ‘adapito’ fácil, meu... eu entro e já tô no clima ((risos)) quero conhecer tudo, **onde tem** uma lagoa aí? Lagoa! Vamo pescá, vamo inventá moda, vamo saí daqui (...)”

• **Informante N°:04M**

Sigla: EdnBF

Escolaridade: fundamental(5ª série completa)

Data de nascimento: 18/07/1972

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista: 21/09/2003

Dados coletados:

4M.a) ENTREVISTADO: “(...) tinha um tobogã, tipo um mármore... ele foi até o primeiro a descer, chegou e falou assim ‘*Eu não desço nesse trem mais não!*’ ((risos)) (...) ele chegou lá perto **daonde** a gente **tinha feito** o acampamento, sentou e falou assim ‘*Ôh! Eu num desço nesse trem mais não!*’ ((mais risos)) (...)”

4M.b) ENTREVISTADO: “(...) aí vai, o R. né, o Leitão. O Leitão chega e fala assim ‘*ah! Tô um tempão nesse churrasco aqui, vô lá molhar o corpo!*’. Pra quê? ele chegou nesse lugar **ond’** é que eu **tinha caído** lá e só pisou... tomou um tombo! (...)”

4M.c) ENTREVISTADO: “(...) aí rapaz, a mulher passando com um menino na pedra, de princípio, **onde** que nós **caimo** lá (...)”

4M.d) ENTREVISTADO: “(...) nesse dia que nós fomos lá tava vazio, tinha pouca água, tava bão. O V. falando lá mais o pessoal, que a última vez que eles foram lá, lá em cima **aonde** nós fizemo::s, **acampamos** (...) tava cheio demais (...)”

4M.e) ENTREVISTADO: “(...) aí chegamo lá uma mulher até conhecida, né? do pessoal lá do sítio **aonde** nós **ficamo** (...)”

4M.f) ENTREVISTADO: “(...) aí, olha só pr’ocê vê, deu uma::s/umas nove horas assim o:: cole/o nosso colega, o A., né? (...) ele chegou assim e falou assim ‘*nó, sabe aquela casa aqui do lado aqui?*’ isso dava o quê? Dava u::ns/uns ce::m/cento e cinqüenta metros **daonde** a gente **tava** (...)”

4M.g) ENTREVISTADO: “(...) ela chegou lá ‘*ah! Aproveitar que vocês estão aí, hoje eu vou pescar.*’ (...) ela chegou e falou ‘*esse ponto aonde vocês estão aí que é o lugar bom, daí da pra pegar curimba.*’ (...)”

4M.h) ENTREVISTADO: “(...) passou uns vinte, trinta minuto... a mulher chega ‘*oh!bateu a boa aqui!*’ aí na hora que chegou na beirada, cadê o (puçá)? Ela esqueceu o (puçá) lá **naonde** a gente **tava** acampado... Devia ser uns sessenta ou setenta metro daonde a gente tava pescando (...)”

4M.i) ENTREVISTADO: “(...) passou uns vinte, trinta minuto... a mulher chega ‘*oh!bateu a boa aqui!*’ aí na hora que chegou na beirada, cadê o (puçá)? Ela esqueceu o (puçá) lá **naonde** a gente tava acampado... Devia ser uns sessenta ou setenta metro **daonde** a gente **tava** pescando (...)”

4M.j) ENTREVISTADO: “(...) nós chegamo, tinha um paredão assim... ou, nós começamo a pulá, dá salto... nós ‘travessava a rua d’um lado pro outro lá da/lá na porta do restaurante assim, que era aberto e vinha correndo, rapaz; e chegava e dava aquele pulo pro alto né? e o lugar **ond’**é que a gente **tava pulano** era raso (...)”

4M.k) ENTREVISTADO: “(...) o Jobe [Joubert] tava lá assim, e nós ‘tão do lado de cá assim, vai, ‘*o Jobe tá pegando muito! Toda hora ele tá lumiano perto da mão dele.*’... e ele lumiano o mato assi::m (...) era **aonde** os peixe, assim, segundo ele né? segundo ele, o peixe **mordia** ele e ele jogava os peixe pra trás ((risos)) (...)”

• **Informante N°:05M**

Sigla: ARS

Escolaridade: fundamental (5ª serie completa)

Data de nascimento: 01/12/1980

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista: 30/09/2003

Dados coletados:

5M.a) ENTREVISTADO: “(...) a gente fez conexão na África do Sul e na África do Sul é inglês, entendeu? ih! pra ir pra lá, maluco, pra explica/prá explicar pr’os outros que a gente tinha outro vôo pa Angola tal hora, perguntá **ond’**é que **era** guichê, **ond’**é que era aquilo, tal (...)”

5M.b) ENTREVISTADO: “(...) a gente fez conexão na África do Sul e na África do Sul é inglês, entendeu? ih! pra ir pra lá, maluco, pra explica/prá explicar pr’os outros que a gente tinha outro vôo pa Angola tal hora, perguntá **ond’**é que era guichê, **ond’**é que **era** aquilo, tal (...)”

5M.c) ENTREVISTADO: “(...) entrei dentro do ônibus, paguei e falei ‘*gente!o quê que eu tô fazendo? que loucura!*’ mas não voltava atrás (...) e no caminho todo eu pensando o que eu ia fazer, **pra onde** que eu **ia** (...)”

5M.d) ENTREVISTADOR: “(...)Você saiu do Rio tipo umas cinco da tarde?

ENTREVISTADO: Mais ou menos isso, entendeu? Então eu não sabia **pra onde** que eu **ia**. ‘*Pra onde que eu vou?*’ (...)”.

5M.e) ENTREVISTADOR: “(...) Você saiu do Rio tipo umas cinco da tarde?

ENTREVISTADO: Mais ou menos isso, entendeu? Então eu não sabia pra onde que eu ia. *‘Pra onde que eu vou?’* (...).”

5M.f) ENTREVISTADO: “(...) lá o metrô é como se fosse aqui, tem o metrô e a estação rodoviária (...) peguei o metrô e aí fiquei olhando, aí tinha os terminais né? (...) *‘Pra onde que eu vou?’* não sei pra onde que eu vou, aí ficava olhando o nome que parecia ser mais legal (...) o nome que eu achasse que seria mais legal eu ia, também não lembro onde que eu descii também não (...)”

5M.g) ENTREVISTADO: “(...) lá o metrô é como se fosse aqui, tem o metrô e a estação rodoviária (...) peguei o metrô e aí fiquei olhando, aí tinha os terminais né? (...) *‘Pra onde que eu vou?’* não sei **pra onde** que eu **vou**, aí ficava olhando o nome que parecia ser mais legal (...) o nome que eu achasse que seria mais legal eu ia, também não lembro onde que eu descii também não (...)”

5M.h) ENTREVISTADO: “(...) lá o metrô é como se fosse aqui, tem o metrô e a estação rodoviária (...) peguei o metrô e aí fiquei olhando, aí tinha os terminais né? (...) *‘Pra onde que eu vou?’* não sei pra onde que eu vou, aí ficava olhando o nome que parecia ser mais legal (...) o nome que eu achasse que seria mais legal eu ia, também não lembro **onde** que eu **descii** também não (...)”

5M.i) ENTREVISTADO: “(...) os crente foi e:: (...) me deu aqueles papelzinho que eles dão pra todo mundo, né? *‘o quê que cê tá fazendo aqui, cê tá procurando algum hotel?’* eu falei *‘tô, procurano hotel’* ele falou *‘cara, cê tá num lugar perigosíssimo, num fica aqui não (...) oh, tô indo pra vigília’* vigília é:: **aonde** os crente **passa a noite** inteira orando (...)”

5M.j) ENTREVISTADO: “(...) eu liguei pra ele, ele falou *‘tô ino pr’o Espírito Santo agora, pra casa d’um amigo meu (...)*’ aí arrumei um dinheiro aqui *‘tô ino pro Espírito Santo’* **‘pra onde?’** *‘pa Praia do Morro’*(...)”

5M.k) ENTREVISTADO: “(...) aí quando cheguei em Lagoa da Prata... fiquei sabendo que lá tinha um areial/lá tem um areial... o pessoal vai lá, enche o caminhão de areia e traz pra Belo Horizonte. Aí eu falei *‘oh, que beleza’* falei **‘onde que é o areial?’** procurei o areial (...)”

5M.l) ENTREVISTADO: “(...) pulei dentro do caminhão *‘você tá indo pra Belo Horizonte?’* aí, conversando, conversando, papo-vai papo-vem **‘pra onde você tá indo lá em Belo Horizonte?’** (...)”

5M.m) ENTREVISTADO: “(...) aí vim do Rio pra cá... vim no ônibus da Força Jovem [do time Vasco da Gama], maior bagunça, só nego safado, nego cheirador, nego cheirando dentro do ônibus, fumando maconha (...) aquilo eu fiquei com medo **‘aonde que eu tô, quê que eu tô fazendo aqui?’**(...)”

5M.n) ENTREVISTADO: “(...) aí quando o cara dava um vacilo, falava alguma coisa, dava qualquer vacilo/cara, sabe no:: ônibus de viagem **ond**’é que **tem**/naquela parte que fica as mala?(...)”

5M.o) ENTREVISTADO: “(...) aí os polícia viram que o ônibus tava cheio de drogado, aí os carioca desembolaram com os policia lá (...) rolou um suborno, rolou dois reais de cada um (...) tava na estrada, eu não sei **aonde** que **tava** não, num sei se era polícia daqui, se era de lá::(...)”

• **Informante N°:06M**

Sigla: AFC

Escolaridade: 2º grau completo

Data de nascimento: 07/09/1956

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai: Cláudio / Mãe: Belo Horizonte

Data da entrevista: 01/10/2003

Dados coletados:

6M.a) ENTREVISTADO: “(...) aí fomos pra cidade, aí zoamos, ficamos lá e eu falei ‘*gente, não vamos embora hoje não! Pegar estrada de volta?*’ e o pessoal falou ‘*nós vamos dormir onde?*’ e dormimos dentro do carro (...)”

6M.b) ENTREVISTADO: “(...) eu fiquei impressionado com o movimento da maré (...) as marolas formam umas dunas de água, se é que pode dizer assim, e eu fiquei imaginando que se você naufragar ou se cair no mar ali você perde a orientação, não consegue ver **a:on::de tem** terra (...)”

6M.c) ENTREVISTADO: “(...) a água tão gelada que chegava a doer o osso, impressionante, a água geladí::ssima (...) o poço é fundo. **Onde** a água **bate** né? Cava mais (...)”

6M.d) ENTREVISTADO: “(...) você dá a volta no Pico do Breu, quando você chega em cima assi::m, lá atrás do Pico do Breu **onde desce** a água tem umas nascentes que correm ali que vai formar ela (...)”

6M.e) ENTREVISTADO: “(...) mas tá exposto né? você vê que é uma coisa que não vai durar muito, você vê que aquilo tá ali, você tá vendo aquelas pinturas é porque houve uma erosão, porque **onde era** uma cave::rna (...) abriu, né? a erosão expôs a rocha (...)”

6M.f) ENTREVISTADO: (...) o mar então é imenso, **ond**’é que **tá** o outro continente? Portugal, então? (...)”

- **Informante N°:07M**

Sigla:EdsBF

Escolaridade: fundamental (5ª série-completa)

Data de nascimento:18/07/1972

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista: 20/01/2004

Dados coletados:

7M.a) ENTREVISTADO: “(...) eu, a primeira coisa que eu faço na hora que eu vô num lugar assim pra nadar, eu já entro assim e já vô vendo a profundidade, que aí eu já vejo **aonde** que eu **pulo** e onde que eu num pulo. Todo lugar que eu vô nadar eu faço assim... de menos piscina né? cê já entrou lá e já vê a profundida::de, claro (...)”

7M.b) ENTREVISTADO: “(...) eu, a primeira coisa que eu faço na hora que eu vô num lugar assim pra nadar, eu já entro assim e já vô vendo a profundidade, que aí eu já vejo aonde que eu pulo e **onde** que eu num **pulo**. Todo lugar que eu vô nadar eu faço assim... de menos piscina né? cê já entrou lá e já vê a profundida::de, claro (...)”

7M.c) ENTREVISTADO: “(...) aí nós voltamos lá na outra semana rapaz, fomo lá nesse lugar nadá lá. A água tava clarinha nesse dia, tinha pine::u, tinha garrafão, garra::fa, la::ta. Tinha tudo **onde** nós **tava pulando** lá, do lado do restaurante (...)”

7M.d) ENTREVISTADOR: “(...) A gente até que tinha uma turminha legal pra jogar cê lembra? A gente ia lá no Piagê [Colégio Piaget](...)”

ACOMPANHANTE: Né nã::o moço. Né não, nós joga era na are::ia.[quadra de areia]

ENTREVISTADO: **Aonde** o cara quase **deu** uma bolada no seu nariz, né não? (...)”

- **Informante N°:08M**

Sigla: ACF

Escolaridade: Fundamental

Data de nascimento: 16/01/1977

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Baldim (MG)

Data da entrevista: 26/01/2004

Dados coletados:

8M.a) ENTREVISTADOR: “(...)Você falou que trabalha com pintura. É pintura normal ou artesanal?”

ENTREVISTADO: Do shopping é pintura normal, agora ali é não, ali na firma é artesanal (...) porque:: eles têm uma firma aqui:: que eles têm marceneiro, gesseiro, pinto::r... tudo de Beagá; então **ond**’é que eles **vai** fazer loja, es manda tudo daqui (...)”

8M.b) ENTREVISTADO: “(...) aí teve um dia que o cara tava lá no telefone lá... no suco lá, telefonano na boa... eu e mais dois sentado lá::: na/no carrefour mesmo, no carrefour sentado lá naquele negócio **onde** que eles **coloca** carrinho lá (...)”

8M.c) ENTREVISTADO: “(...) eu sentado lá assim, trombei com um amigo meu que morava lá, o Grandão *‘uai véi, cê aqui?’ ‘eu que te pergunto, o quê que cê tá fazendo aqui?’ ‘eu tô fazendo uma corrida aí (...)*’ Ele morava lá na Rocinha, falou que um dia ia me levar lá. Aí ele falou assim *‘cê mora naquela vila lá, os cara anda com revolvinho, cê acha que é muito? vou te levar lá na Rocinha **ond’**é que eu **moro** lá, os cara com fuzil, metralhado::ra (...)*”

8M.d) ENTREVISTADO: “(...) eu trabalhando, pintando umas saia, umas camisa. Aí as menina me chama lá no portão *‘não, é que a minha irmã tá querendo pintar a casa ali’* (...) aí eu fazendo o orçamento pra ela lá tranqüilo, fui lá na boa, parei de trabalhar, o cara falou *‘**onde** cê **vai?**’ ‘eu tenho que ir ali, marquei com as menina ali, depois eu **volto**’* saí quebrano, deixei de trabalhar pra ir na casa dela (...)”

8M.e) ENTREVISTADO: “(...) aí você compra o pa::no, coloca em cima da pedra ardósia e deixa ferver lá dentro da parafina, parafina é vela, e deixa ferver lá, tipo aquele óleo quente, e pega ele lá, o carimbo, e bate no pano aqui em cima da pedra... aí na hora que ocê bate lá já faz a vela secar d’uma vez, aí a vela tá no pano, aí a gente vai e pinta o pa::no e **aonde** **pegou** a vela, num pinta (...)”

• **Informante N°:09M**

Sigla:LRC

Escolaridade:Fundamental

Data de nascimento: 25/08/1948

Local de nascimento do informante: Baldim (MG) [Mudou-se p/ BH na infância]

Local de nascimento dos pais: Baldim-MG

Data da entrevista: 25/01/2004

Dados coletados:

9M.a) ENTREVISTADO: “(...) é gostoso você viajar (...) conhece os lugar diferente, pessoas diferente, eu rodei uns dois anos com eles, ajudando eles, mas eles num seguram dinheiro não (...) quando era perto nós ia de carro, quando era longe nós ia de especial. Enchia aqueles corredor, teto do ônibus, bagageiro, tudo. Era gostoso demais (...) aí num sei **onde** foi, eles **pararam** o ônibus, falaram assim óh *‘são tantos na barreira, um relógio pra cada um!’* fomo lá e pegamo cada relogião bonitinho (...)”

9M.b) ENTREVISTADO: “(...) ma::is, não! aquela feira é bom demais (...) lá em cima é melho::r que aqui embaixo, na Rua da Bahia ali::, é bom... mas fica naquela parte de salgado, naquela entrada ali. Ali também é! na entrada, **aonde** os ônibus **passa** ali, lá é muito melhor que aqui embaixo (...)”

9M.c) ENTREVISTADO: “(...) Belo Horizonte num tá tendo mais nada! a atraçã::o de Belo Horizonte tá sendo aquela Feira Hippie ali, fazer o quê aqui?

ENTREVISTADOR: Eu tenho ido muito ao clube lá da UFMG.

ENTREVISTADO: **Daonde?**(...) dá muita mulher lá?”

• **Informante N°: 10M**

Sigla:LFFC

Escolaridade: Fundamental

Data de nascimento:15/04/1979

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Baldim (MG)

Data da entrevista:27/01/2004

Dados coletados:

10M.a) ENTREVISTADO: “(...) fui pra barraca do meu primo... Aí:: o pessoal sem jeito de sair lá::, o Miúdo e o G. querendo sair, as irmã dele, e num tinha jeito de sair (...) eu fui e liguei pro celular dele à cobrar, ele foi e retornou; ele falou ‘ôh Colô, **onde cê tá?**’ ‘tô aqui na barraca do meu primo’ ‘ah, nós tamo saindo daqui’ o Miúdo falou assim ‘*pega as suas irmã:, e pode ir andando que eu vou lá conversar com a minha mãe.*’ E elas ‘*não! Deixa eu ir lá agradecer a sua mãe*’ (...) ele pegou os papelzinho, pôs tudo no bolso, foi lá dentro do restaurante, o segurança ficou de olho nele, mas o segurança começou a andar pra cá e esqueceu dele. Ele deu a volta lá dentro, despistou, despistou e voltou com um palito na boca né? E desceram, juntou com elas e foi descendo né? aí ela perguntou assim ‘*aonde que o Colô tá?*’ (...) foram lá me buscar (...) Aí a irmã dele [do G.] ‘*Colô, onde cê tava?*’(...)”

10M.b) ENTREVISTADO: “(...) fui pra barraca do meu primo... Aí:: o pessoal sem jeito de sair lá::, o Miúdo e o G. querendo sair, as irmã dele, e num tinha jeito de sair (...) eu fui e liguei pro celular dele à cobrar, ele foi e retornou; ele falou ‘ôh Colô, **onde cê tá?**’ ‘tô aqui na barraca do meu primo’ ‘ah, nós tamo saindo daqui’ o Miúdo falou assim ‘*pega as suas irmã:, e pode ir andando que eu vou lá conversar com a minha mãe.*’ E elas ‘*não! Deixa eu ir lá agradecer a sua mãe*’ (...) ele pegou os papelzinho, pôs tudo no bolso, foi lá dentro do restaurante, o segurança ficou de olho nele, mas o segurança começou a andar pra cá e esqueceu dele. Ele deu a volta lá dentro, despistou, despistou e voltou com um palito na boca né? E desceram, juntou com elas e foi descendo né? aí ela perguntou assim ‘*aonde que o Colô tá?*’ (...) foram lá me buscar (...) Aí a irmã dele [do G.] ‘*Colô, onde cê tava?*’(...)”

10M.c) ENTREVISTADO: “(...) fui pra barraca do meu primo... Aí:: o pessoal sem jeito de sair lá::, o Miúdo e o G. querendo sair, as irmã dele, e num tinha jeito de sair (...) eu fui e liguei pro celular dele à cobrar, ele foi e retornou; ele falou ‘ôh Colô, **onde cê tá?**’ ‘tô aqui na barraca do meu primo’ ‘ah, nós tamo saindo daqui’ o Miúdo falou assim ‘*pega as suas irmã:, e pode ir andando que eu vou lá conversar com a minha mãe.*’ E elas ‘*não! Deixa eu ir lá agradecer a sua mãe*’ (...) ele pegou os papelzinho, pôs tudo no bolso, foi lá dentro do restaurante, o segurança ficou de olho nele, mas o segurança começou a andar pra cá e esqueceu dele. Ele deu a volta lá dentro, despistou, despistou e voltou com um palito na boca né? E desceram, juntou com elas e foi descendo né? aí ela perguntou assim ‘*aonde que o Colô tá?*’ (...) foram lá me buscar (...) Aí a irmã dele [do G.] ‘*Colô, **onde cê tava?***’(...)”

10M.d) ENTREVISTADO: “(...) Olha o quê que rolou! os cara abriram uma conta lá e adulterou a data de abertura sabe? aí ele tinha um mês de conta só. O cara fazia um esquema lá, colocava um ano e um mês, né? Foi o cara falou ‘*oh Colô, aonde tem um lugar de comprar umas roupa doida?*’ (...) num sei o quê que ele arrumou que ele ia desistir, o cara falou ‘*não! eu tô com o seu cheque aqui, beleza.*’ O cara vai e chamou a segurança e o polícia e veio, na hora que entrou o polícia eu falei ‘*entrou o polícia aí*’ e saí de fininho né? (...) aí ele falou assim ó ‘*deixa eu conversar com o rapaz ali, depois eu converso com você*’ aí esqueceu e foi conversar com o vendedor, ele pegou e deu o fora, ele pr’um lado e eu pro outro... fui lá pro Mercado Central, aí ele me ligou ‘*onde cê tá?*’ eu com medo dele tá com polícia né? e pensei assim num vô falá onde que eu tô (...)”

10M.e) ENTREVISTADO: “(...) Olha o quê que rolou! os cara abriram uma conta lá e adulterou a data de abertura sabe? aí ele tinha um mês de conta só. O cara fazia um esquema lá, colocava um ano e um mês, né? Foi o cara falou ‘*oh Colô, aonde tem um lugar de comprar umas roupa doida?*’ (...) num sei o quê que ele arrumou que ele ia desistir, o cara falou ‘*não! eu tô com o seu cheque aqui, beleza.*’ O cara vai e chamou a segurança e o polícia e veio, na hora que entrou o polícia eu falei ‘*entrou o polícia aí*’ e saí de fininho né? (...) aí ele falou assim ó ‘*deixa eu conversar com o rapaz ali, depois eu converso com você*’ aí esqueceu e foi conversar com o vendedor, ele pegou e deu o fora, ele pr’um lado e eu pro outro... fui lá pro Mercado Central, aí ele me ligou ‘*onde cê tá?*’ eu com medo dele tá com polícia né? e pensei assim num vô falá onde que eu tô (...)”

10M.f) ENTREVISTADO: “(...) Olha o quê que rolou! os cara abriram uma conta lá e adulterou a data de abertura sabe? aí ele tinha um mês de conta só. O cara fazia um esquema lá, colocava um ano e um mês, né? Foi o cara falou ‘*oh Colô, aonde tem um lugar de comprar umas roupa doida?*’ (...) num sei o quê que ele arrumou que ele ia desistir, o cara falou ‘*não! eu tô com o seu cheque aqui, beleza.*’ O cara vai e chamou a segurança e o polícia e veio, na hora que entrou o polícia eu falei ‘*entrou o polícia aí*’ e saí de fininho né? (...) aí ele falou assim ó ‘*deixa eu conversar com o rapaz ali, depois eu converso com você*’ aí esqueceu e foi conversar com o vendedor, ele pegou e deu o fora, ele pr’um lado e eu pro outro... fui lá pro Mercado Central, aí ele me ligou ‘*onde cê tá?*’ eu com medo dele tá com polícia né? e pensei assim num vô falá **onde** que eu **tô** (...)”

10M.g) ENTREVISTADO: “(...) o cara levou o carro né? (...) ele tinha acaba::do de estourar o nome dele, e num tinha mais cheque também não. E lá **onde** eu **mora::va**, tinha um quarto só de compras que ele fez (...)”

10M.h) ENTREVISTADO: “(...) pensei comigo ‘*quer saber de uma coisa? vou dar um role mais pra cima*’ peguei a Pedro Primeiro ali, subi ela todi::nha fazendo barulho, ia lá no Itaú em frente a minha agência (...) perto daquela delegacia lá e voltava e entrava ali no::... **aonde é** o Epa agora né? (...)”

10M.i) ENTREVISTADO: “(...) e elas foram lá e voltaram doidona, olho vermelho, travadassa, né? (...) eu tô lá fumano um cigarro e acendia outro cigarro no toco de cigarro e fiquei doido cara, num sabia fumar né?(...) e elas já me ligando ‘*onde cê tá?*’ ‘*to chegano aqui em casa*’ aí eu desloquei o táxi denovo (...) ‘*vão tomá a saideira é aonde?*’(...)”

10M.j) ENTREVISTADO: “(...) e elas foram lá e voltaram doidona, olho vermelho, travadassa, né? (...) eu tô lá fumano um cigarro e acendia outro cigarro no toco de cigarro e fiquei doido cara, num sabia fumar né?(...) e elas já me ligando ‘*onde cê tá?*’ ‘*to chegano aqui em casa*’ aí eu desloquei o táxi denovo (...) ‘*vão tomá a saideira é aonde?*’(...)”

10M.k) ENTREVISTADO: “(...) cê acredita que elas ligaram pra uns cara lá no Mexiana, pr’os cara buscar elas aqui, elas foram pra lá... cheiraram os lança perfume, os cara deixou elas aqui, elas guardaram um frasco... dentro da casa dela... aí a mãe dela acordou, ela tava doidona ... ‘*onde cês arrumaram isso aqui?*’ (...)”

10M.l) ENTREVISTADO: “(...) aí começou a cantar musica de funk, né? todo mundo dançando lá embaixo (...) ‘*oh Colô, onde cê arrumou esse cedê?*’(...)”

10M.m) ENTREVISTADO: “(...) [entrevistado retomando a conversa logo após uma pausa] Oh N.,eu **parei aonde?** Eu parei aonde mesmo?

ACOMPANHANTE: Larica.

ENTREVISTADO: Ah, é! larica.(risos)”

10M.n) ENTREVISTADO: “(...) [entrevistado retomando a conversa logo após uma pausa] Oh N.,eu parei aonde? Eu **parei aonde** mesmo?

ACOMPANHANTE: Larica.

ENTREVISTADO: Ah, é! larica.(risos)”

• **Informante N°:11M**

Sigla:RFD

Escolaridade: 2º grau (incompleto)

Data de nascimento: 31/10/1971

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai - Inhapim / Mãe - Teixeira

Data da entrevista: 10/02/2004

Dados coletados:

11M.a) ENTREVISTADO: “(...) agora o engraça::do era o seguinte é que a Lelê separou umas camisas pra gente, umas camisa do I-ta-pré-fofia (...) **onde** a gente **passava**, o povo já puxava conversa (...) o pessoal chegava assim ‘*ou, ou! cê podia me arrumar uns dez convite lá pro show? coisa e tal*’ eu falei ‘*bi:cho! aonde eu vô arrumar?*’ (...)”

11M.b) ENTREVISTADO: “(...) agora o engraça::do era o seguinte é que a Leléu separou umas camisas pra gente, umas camisa do I-ta-pré-fofia (...) onde a gente passava, o povo já puxava conversa (...) o pessoal chegava assim ‘ou, ou! *cê podia me arrumar uns dez convite lá pro show? coisa e tal*’ eu falei ‘*bi:cho! aonde eu vô arrumar?* (...)”

11M.c) ENTREVISTADO: “(...) a van do Tchakabum, que até eu mesmo que indiquei (...) pra pegar o Tchakabum aqui em Belo Horizonte nove da manhã::, levar lá::, dar rolé, passagem de som, rolezinho na cidade, cachoeirinha (...) voltar, passar som de novo, tocar, camarim, dar mais um tempo, três da manhã sair de lá pra Belo Horizonte (...) sei lá mais **pra onde** é que **iam** (...)”

11M.d) ENTREVISTADO: “(...) ela não levou prejuízo, mas mais importante que isso ela fez o nome dela na cidade, e detalhe, ela fazendo ali, ela faz em outros lugares e nós tão garrado lá com ela... **onde** ela **for** fazer nós tão fichado (...)”

11M.e) ENTREVISTADO: “(...) F. é um cara que a Leléu... a Leléu trabalhava com um monte de coisa, né? Esse F., pelo que eu sei, ele era uma das pessoas que tinha esse mesmo negócio sabe? Trabalhava pra alguém mas fazia *frila* [free lance] pr’um monte de gente... Eles se conheceram e rolou o papo ‘*ah! eu tenho influência num sei aonde, eu sei organizar, eu sei administrar*’ (...)”

11M.f) ENTREVISTADO: “(...) eu dei sorte e azar ao mesmo tempo porque na hora dos intervalos, dos meus intervalos, é quando acontecia essas coisas. Por exemplo, na hora do meu intervalo o Tchakabum tava saindo do palco, em compensação foi **onde** mais **ferveu** de mulher na barraca, eu num tava lá (...)”

11M.g) ENTREVISTADO: “(...) aquele negócio de interior, né bicho? qualquer eventinho (...) e **onde** a gente **passa::va** era aquele negócio, os pedidos que a gente ouvia (...)”

11M.h) ENTREVISTADO: “(...) Tocos do Mogi (...) num tem cruzamento lá não! ((risos)) Tem não uai! *Cê entra na estrada, na estrada cê entra à esq::rda, depois entra à dire::ita, se::gue, segue a rua ali, passa pela prefeitura, sobe e sai onde a bê erre começou* (...)”

11M.i) ENTREVISTADO: “(...) quando eu fui em Guapé:: a licitação era média (...) ‘*eu quero ir*’ (...)’*então cê vai com despesa regrada*’ o quê que eu fiz? fui com despesa regrada. Eu tinha que ter certeza **aonde** eu **ia dormir** (...) eu tinha que ir sabendo exatamente aonde que eu ia dormir, e por quanto (...)”

11M.j) ENTREVISTADO: “(...) quando eu fui em Guapé:: a licitação era média (...) ‘*eu quero ir*’ (...)’*então cê vai com despesa regrada*’ o quê que eu fiz? fui com despesa regrada. Eu tinha que ter certeza aonde eu ia dormir (...) eu tinha que ir sabendo exatamente **aonde** que eu **ia dormir**, e por quanto (...)”

11M.k) ENTREVISTADO: “(...) cheguei na prefeitura cinco pr’as duas, sentei, deu duas horas, ninguém na sala, nem o povo da prefeitura na sala (...) falei ‘**onde** é que é a licitação?’”

11M.l) ENTREVISTADO: “(...) quando eu dei uma relaxada (...) chega o cara da Abril Odonto correndo (...) isso já era duas e trinta quase, e eu conhecia o cara, o W., conhecia ele! Encontrei com ele em Ibirité, encontrei com ele em Formi::ga, **encontrei** com ele:: **aonde** mais? Em Contagem (...)”

11M.m) ENTREVISTADO: “(...) vendi tudo, não tive problema com dinheiro, muito pelo contrário, sobro::u, ele me **deixou**, quer ver **aonde**? Ele me deixou perto do Pio Doze (...)”

• **Informante N°:12M**

Sigla: WRS

Escolaridade: 2º grau

Data de nascimento:20/07/1978

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista:16/02/2004

Dados coletados:

12M.a) ENTREVISTADOR: “(...)Tomou multa?

ENTREVISTADO: Num chegou ainda não! (...) diz o cara que era trinta [km/h] mas acusou trinta e um num dá:: multa não (...) lá na João César... lá em Contagem (...) ah! Eu num sei **onde** ela **começa** não (...)”

12M.b) ENTREVISTADO: “(...) foi... acho que o Pombão chegou lá depois... de madrugada, ligô pra gente quereno saber **ond**’é que a gente **tava** e falou que daqui a pouco tava lá (...)”

12M.c) ENTREVISTADO: “(...) o Leon ficou ‘*forever*’ [significa muito bêbado], isso era de noite, aí ele pediu... tava querendo calçar o sapato dele pra gente ir pro parque de exposição. Aí saiu eu e R., andamos a cidade inte::ira, passamos na casa até da avó da R. lá::, ficamo tempo trocando idéia lá (...) a gente num sabia **onde** que **era** a casa da avó da R. (...) porque o Leon tava querendo calçar o sapato dele pra ir pro parque de exposição e num tava achando (...)”

12M.d) ENTREVISTADO: “(...) porque nós achamos que tava dentro da parati, e o R. tava com a parati na casa da avó da R., e a gente num sabia **onde** que **era**, então a gente andou a cidade até achar a parati, ir lá e descobrir que o sapato num tava lá dentro (...)”

12M.e) ENTREVISTADO: “(...) a tia da Ju resolveu ir pra lá sa::be, ela e o filho dela que tava até internado com negócio de droga (...) aí a J. fica maior estressada, se você acha que cê gosta de privacidade, cê precisa de ver a J. Ela num gosta que tira nada dela do lugar não fra::ga?(...) ela fala assim ‘*no::ssa! Eu num tenho liberdade mais nem dentro da minha casa. Onde que eu vô tem neguinho olhando.*’ E a tia dela é a maior espaçosa mesmo, onde que ela vai ela larga os negócio. Ela falou assim ‘*Num tem nem lugar de sentar mais porque onde que cê vai tem negócio dela aqui*’ entendeu? (...)”

12M.f) ENTREVISTADO: “(...) a tia da Ju resolveu ir pra lá sa::be, ela e o filho dela que tava até internado com negócio de droga (...) aí a J. fica maior estressada, se você acha que cê gosta de privacidade, cê precisa de ver a J. Ela num gosta que tira nada dela do lugar não fra::ga?(...) ela fala assim ‘no::ssa! Eu num tenho liberdade mais nem dentro da minha casa. Onde que eu vô tem neguinho olhando.’ E a tia dela é a maior espaçosa mesmo, **onde** que ela **vai** ela larga os negócio. Ela falou assim ‘Num tem nem lugar de sentar mais porque onde que cê vai tem negócio dela aqui’ entendeu? (...)”

12M.g) ENTREVISTADO: “(...) a tia da Ju resolveu ir pra lá sa::be, ela e o filho dela que tava até internado com negócio de droga (...) aí a J. fica maior estressada, se você acha que cê gosta de privacidade, cê precisa de ver a J. Ela num gosta que tira nada dela do lugar não fra::ga?(...) ela fala assim ‘no::ssa! Eu num tenho liberdade mais nem dentro da minha casa. Onde que eu vô tem neguinho olhando.’ E a tia dela é a maior espaçosa mesmo, onde que ela vai ela larga os negócio. Ela falou assim ‘Num tem nem lugar de sentar mais porque **onde** que cê **vai** tem negócio dela aqui’ entendeu? (...)”

12M.h) ENTREVISTADO: “(...) eu num gosto de ir em lugar que dá só ‘boy’ né bicho? eu fico incomodado (...) não é frescura, é que o pessoal gosta de andar daquele jeito entendeu? mas gosta de ficar analisando o o::utro entendeu? Esse é que é o problema, aí pô, **onde** cê **vai** fica:: rolando esses negócio (...)”

12M.i) ENTREVISTADO: “(...) eu num tenho inveja de ninguém, graças a Deus, eu só acho esquisito quando a pessoa vira e fala assim ‘mas é tão barato! vamos?’ ela num entende que é barato pra ela entendeu? (...) ir pra Mucuri num gasta nada? Cê tem que pagar passagem pra ir não tem? Pois é, **de onde** nós vamos **tirar** dinheiro?”

• **Informante N°:13M**

Sigla:RAS

Escolaridade: fundamental

Data de nascimento: 14/07/1955

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista:16/02/2004

Dados coletados:

13M.a) ENTREVISTADO: “(...) amanhã seus colegas tudo formado e você f..., vê os cara tudo de carro, apartame::nto, uma vida bo::a, trabalhando e você rala::ndo... e tem aqueles que:: só é seu amigo quando você tá por cima, quando você tá por baixo num é seu amigo. É **aonde** você **descobre** as verdadeiras amizades né? (...)”

13M.b) ENTREVISTADO: “(...) olha só como é que é engraçado! Eu fazendo entrega lá pra Forno de Minas lá::, eu entrei naquele shopping do Barro Preto (...) ali debaixo **onde** que é o Ministério do Trabalho (...)”

13M.c) ENTREVISTADO: “(...) o Bolão, o pai dele, o Seo H., dono da Papelaria Lux, eu comecei a trabalhar lá em mi:l novecentos e setenta e dois (...) eu comecei a trabalhar, ela ficava ali na Carijós, ali **aonde** que é o:: Carijós/Guarani, Guarani/Paraná (...)”

13M.d) ENTREVISTADO: “(...) o próprio Seo H. falava *‘se você nasceu pra mandar cê vai mandar, se você nasceu pra ser mandado vai receber ordem e fazer **por onde** um dia **mandar** também’*(...)”

13M.e) ENTREVISTADO: “(...) eu mais ele era amigo carne e unha, aí quando nós passamos a ser homem mesmo né? Independente, trabalhando... ser livre né? dezoito anos, já era homem já, **ia onde** quisesse (...)”

13M.f) ENTREVISTADO: “(...) você conhece Pedro Leopoldo? A parte baixa é **aonde** que é a: igreja lá em baixo, que tem a fábrica. E a parte alta é a parte no::va que eles fizeram lá em cima lá, que é... **aonde é** a Cauê (...)”

13M.g) ENTREVISTADO: “(...) você conhece Pedro Leopoldo? A parte baixa é **aonde** que é a: igreja lá em baixo, que tem a fábrica. E a parte alta é a parte no::va que eles fizeram lá em cima lá, que é... **aonde é** a Cauê (...)”

13M.h) ENTREVISTADO: “(...) eu tinha uma namorada e o Canela Roxa chegou pra mim um dia assim *‘oh,R.! você sabe que eu sou seu amigo desde infância. Termina com essa menina porque eu dei uns beijo nela um dia desses aí’* a menina chama D., sabe **onde** que ela **morava?** morava ali perto do... do negócio do Cruzeiro, da Toca da Raposa (...)”

• **Informante N°:14M**

Sigla: EG CJ

Escolaridade: 2º grau

Data de nascimento: 10/11/1981

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Belo Horizonte

Data da entrevista: 19/02/2004

Dados coletados:

14M.a) ENTREVISTADO: “(...) você sabe que uma casa hoje tem que ter (habites) né? Se caso ela quiser vende::r, pra Caixa Econômica financiar tem que ter (habites), é uma liberação que a prefeitura te dá (...) pra fazer isso ela vai gastar uns seis, sete mil (...) comprou dois apartamentos de cinquenta mil cada um... um aqui mesmo no Santa Mônica, o outro eu não sei **onde** que é, acho que é Itapoã (...)”

14M.b) ENTREVISTADO: “(...) a R. passou aqui, me pegou e falou *‘Não! nós só vamos deixar o R. mais a R. lá’* fomos lá, deixamos eles lá, ele foi e falou assim, o R., *‘vocês vão **onde**?’* ... perguntando onde a gente ia né? (...)”

14M.c) ENTREVISTADO: “(...) a R. passou aqui, me pegou e falou *‘Não! nós só vamos deixar o R. mais a R. lá’* fomos lá, deixamos eles lá, ele foi e falou assim, o R., *‘vocês vão **onde**?’* ... perguntando **onde** a gente **ia** né? (...)”

14M.d) ENTREVISTADO: “(...) aí saímos, nós tava comendo uma pizza, ele ligou, era:: umas dez pr’as onze mais ou menos (...) levou ele lá, ela pôs dez reais, mas se a gente fosse sair não precisava pôr mais, ela foi e levou ele lá:: no Caiçara depois fomos comer pizza lá:: em baixo perto do Minas Shopping (...) voltamos lá:: no Caiçara pra buscar ele, aí a Katucha vai e liga pra gente ir pro tal do:: Albergue (...) **onde** que a Katucha **foi**, Katucha e G. (...)”

14M.e) ENTREVISTADO: “(...) nós fomos pra igreja uma vez, lá **onde** que eu **morava**, e não tinha carte::ra (...)”

14M.f) ENTREVISTADO: “(...) eu tenho um sonho de montar um lava-jato, andei até olhando uns lote aí, ta::l, mas não agora... há um ano atrás eu tive quase montando um com um amigo meu, esse cara da oficina aqui **onde** que **tá** o carro do G... sabe aquele ali perto do Ari da Franca... ele tá de frente pra esquina onde que o ônibus entra assim, ele tá aqui (...)”

14M.g) ENTREVISTADO: “(...) eu tenho um sonho de montar um lava-jato, andei até olhando uns lote aí, ta::l, mas não agora... há um ano atrás eu tive quase montando um com um amigo meu, esse cara da oficina onde que tá o carro do G... sabe aquele ali perto do Ari da Franca... ele tá de frente pra esquina, **onde** que o ônibus **entra** assim, ele tá aqui (...)”

• **Informante N°:15M**

Sigla: RMLA

Escolaridade: 3° grau

Data de nascimento: 31/12/1969

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai: Diamantina/ Mãe: Esmeraldas

Data da entrevista: 28/02/2004

Dados coletados:

15M.a) ENTREVISTADO: “(...) antigamente falou que tinha até cobra lá, os caras levavam as cobra e deixava as cobra lá pro pessoal ver as co::bra.

ENTREVISTADOR: Cobra o quê, que eles criavam?

ENTREVISTADO: Não, tipo assim, tinha uma vitrine **onde colocavam** as cobra, pro pessoal ver, sabe? (...)”

15M.b) ENTREVISTADOR: “(...) Mas eles falaram desse negócio que desce ‘pelota’ de gente e o pessoal quebrou a perna, foi em que lugar?

ENTREVISTADO: Foi lá na Lapinha, vindo da cachoe::ira sabe? depois da cachoeira ali do lado, lá em cima onde que a gente::... **ond’**é que vocês **acamparam** aquela vez (...)”

15M.c) ENTREVISTADO: “(...) teve gente que chegou pra acampar de ônibus, eles mandaram tudo voltar, voltou todo mundo. É, eles estavam lá igual uns loucos lá... encheram as pensão do Riacho.

Eles tão subindo lá na serra, quem tá acampado lá eles não estão deixando também não, o pessoal tá depredando.

ENTREVISTADOR: Qual serra?

ENTREVISTADO: Lá **naonde** vocês **acamparam** (...)”

15M.d) ENTREVISTADO: “(...) sabe aquela ponte que a gente pega ali pra ir pras cachoeiras? aquela toda quebrada, de pau... não, engano! você sabe ali **onde** que **tem** o poliesportivo? (...)”

15M.e) ENTREVISTADO: “(...) eu dei carona pro cara casado com a::, um que é caminhoneiro, casado com a filha do Barrão... ele tava falando que eles tão querendo aumentar a quantidade de água da represa em trinta por cento, e que::, sabe **ond’**é que **é** a igreja da Lapinha? (...)”

15M.f) ENTREVISTADO: “(...) acho que não, é::... aquele **ond’**é que **tem** o Palomar, como é que chama?

ENTREVISTADOR: Qual?

ENTREVISTADO: Ond’ é que tem o Palomar, sabe onde é o Palomar ali? (...)”

15M.g) ENTREVISTADO: “(...) acho que , é::... aquele ond’ é que tem o Palomar, como é que chama?

ENTREVISTADOR: Qual?

ENTREVISTADO: **Ond’** é que **tem** o Palomar, sabe onde é o Palomar ali? (...)”

15M.h) ENTREVISTADO: “(...) acho que , é::... aquele ond’ é que tem o Palomar, como é que chama?

ENTREVISTADOR: Qual?

ENTREVISTADO: Ond’ é que tem o Palomar, sabe **onde é** o Palomar ali? (...)”

15M.i) ENTREVISTADO: “(...) aqui em beagá é cheio dos trem, quer ver oh, tem a mata da Federal (...) tem aquela ali atrás do Ari da Franca (...) é Ari da Franca sim, **ond’** é que o Rodrigo **estudou** (...)”

15M.j) ENTREVISTADO: “(...) o Luisinho só mexia com cocaína. Ele saiu da banda... ele cheirou um lo::te que ele tinha na praia, você acredita?... ele sumiu um mê::s... ninguém sabia **ond’** é que ele **tava** (...)”

15M.k) ENTREVISTADO: (...) nós tocamos lá em três lugares, um foi num buteco de bambú (...) aí foi numa churrascaria (...) e outro foi no clube que o::... **foi aonde** a Lango engravidou do cara (...)”

15M.l) ENTREVISTADO: (...) eu falei uai, que eu gosto de viajar pra Dores [Dores do Indaiá], fui pro Riacho [Santana do Riacho], fui muito não uai, **ond’** é que eu **fui**? Fui em Ponte Nova (...)”

15M.m) ENTREVISTADOR: E Entre Rios, você gosta?

ENTREVISTADO: Pois é, eu vou por causa dos meus avós. Falaram que tem uma cachoeira lá né, só que eu não sei **ond'**é que **fica** (...)"

• **Informante N°:16M**

Sigla: CMO

Escolaridade: 5ª série (incompleta)

Data de nascimento: 23/10/1971

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai: Carangola / Mãe: Conselheiro Pena

Data da entrevista: 14/03/2004

Dados coletados:

16M.a) ENTREVISTADO: “(...) outros lugares que eu já fui? já fui numa ‘pá’ de lugar já... **aonde** que eu já **fui**? Olha, eu vou começar pela minha infância né? (...)”

16M.b) ENTREVISTADO: “(...) mostrou no Fantástico aí, gente analfabeta passando no vestibular, acho que prova de múltipla escolha pô. Ninguém quer saber se ele sabe ler e escrever não... depois vão ver né, se ele tem segundo grau comple::to, **onde** que ele **estudou** (...)”

16M.c) ENTREVISTADO: “(...) eles não vêem isso também mais não sô, antigamente eles falavam ‘*ah, você tem que ter uma nota bo::a pro seu histórico ser aceito num sei aonde, num sei aonde* (...)”

16M.d) ENTREVISTADO: “(...) eles não vêem isso também mais não sô, antigamente eles falavam ‘*ah, você tem que ter uma nota bo::a pro seu histórico ser aceito num sei aonde, num sei aonde* (...)”

16M.e) ENTREVISTADO: “(...) lá **onde** minha avó **mora**, em Nova Iguaçu, passou de dez horas da noite ninguém sai mais de casa. Lá o lugar é meio tenebroso (...)”

16M.f) ENTREVISTADOR: “(...) Você lembra do carioca?

ENTREVISTADO: Le::mbro, ele era daquela região também, Baixada Fluminense... ele morava aqui do lado, aqui **onde** a gente **tá** aqui... do lado aqui aonde a gente **tá** fazendo essa entrevista (...)”

16M.g) ENTREVISTADOR: Você lembra do carioca?

ENTREVISTADO: Le::mbro, ele era daquela região também, Baixada Fluminense... ele morava aqui do lado, aqui onde a gente **tá** aqui... do lado aqui **aonde** a gente **tá** fazendo essa entrevista (...)”

16M.h) ENTREVISTADO: (...) Vila Aparecida é essa que tem aqui em baixo aqui oh, na Avenida Ministro Oliveira Salazar aqui... **onde tem** aquela antena gra::nde lá em baixo (...)”

- **Informante N°:17M**

Sigla: GFA

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 19/02/1947

Local de nascimento do informante: Diamantina

Local de nascimento dos pais do informante: Diamantina

Data da entrevista: 23/03/2004

Dados coletados:

17M.a) ENTREVISTADO: “(...) esse negócio que eu estou contando aí é na região de cacau, **onde planta** cacau, cravo, guaraná (...)”

17M.b) ENTREVISTADO: “(...) uma vez, por exemplo, eu lá ia em uma estrada aí, a estrada tinha uma curva, uma descida forte, e o asfalto sem acostamento, eu ia descendo e veio um caminhão atrás de mim, carreta, veio andando demais, eu não tinha **por onde sair** pro acostamento, pra deixar ele passar (...)”

17M.c) ENTREVISTADO: “(...) aí nós começamos a discutir... eu comecei a falar alto com o guarda, aí saiu um supervisor dele da guarita e falou ‘*o quê que tá havendo*’ ‘*o que tá havendo é o seguinte, o seu comandado aí tá querendo uma TRU do ano passado, se o carro é desse ano, onde que eu vou arrumar pra ele?*’ (...)”

17M.d) ENTREVISTADO: “(...) o que era muito ruim no interior do Ri::o é que no interior do Ri::o, você vendendo armarinho, você anda muito em cidade pequena, e cidade pequena não acha **onde comer**... po::de ser que agora tenha mudado, você vê que a região serrana é uma região famosa, onde tá Nova Friburgo, onde tá Teresópolis (...)”

17M.e) ENTREVISTADO: “(...) o que era muito ruim no interior do Ri::o é que no interior do Ri::o, você vendendo armarinho, você anda muito em cidade pequena, e cidade pequena não acha onde comer... po::de ser que agora tenha mudado, você vê que a região serrana é uma região famosa, **onde tá** Nova Friburgo, onde tá Teresópolis (...)”

17M.f) ENTREVISTADO: “(...) o que era muito ruim no interior do Ri::o é que no interior do Ri::o, você vendendo armarinho, você anda muito em cidade pequena, e cidade pequena não acha onde comer... po::de ser que agora tenha mudado, você vê que a região serrana é uma região famosa, onde tá Nova Friburgo, **onde tá** Teresópolis (...)”

- **Informante N°:18M**

Sigla: SCMS

Escolaridade: 2° grau (incompleto)

Data de nascimento: 21/01/1950

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais do informante: Pai: Cons. Lafaiete/ Mãe: S. J. Del-Rey

Data da entrevista: 26/03/2004

Dados coletados:

18M.a) ENTREVISTADO: “(...) quando se fala em feijão na Bahia, fala em feijão de Irecê, só que tem que não é Irecê que produz, é as cidades em volta que produz, e é tudo comercializado dentro de Irecê. Então é **onde tá** concentrado ali Bradesco, Brasil, os bancos todos dentro de Irecê... onde tá financiamento, tudo ali (...)”

18M.b) ENTREVISTADO: “(...) quando se fala em feijão na Bahia, fala em feijão de Irecê, só que tem que não é Irecê que produz, é as cidades em volta que produz, e é tudo comercializado dentro de Irecê. Então é onde tá concentrado ali Bradesco, Brasil, os bancos todos dentro de Irecê... **onde tá** financiamento, tudo ali (...)”

18M.c) ENTREVISTADO: “(...) quando ele voltou aqui, ele voltou aqui quando: o filho dele... quando a filha dele foi candidata a miss Minas Gerais e ganhou, então ela mandou um convite pra ele vir aqui, num baile que ia ter... e ele: /

ENTREVISTADOR: em que lugar foi o baile?

ENTREVISTADO: ah, num sei **onde** que **foi** não (...)”

18M.d) ENTREVISTADO: “(...) outra coisa também, nessa cidade **onde** eu **ia** também teve um velho (...) lá que me deu uma ponta de um chifre de boi e um rapé (...)”

18M.e) ENTREVISTADO: “(...) chegamo numa cidade lá:: eu fui num mercado e num supermer/num outro comércio, dois comércio era meu e outro era dele (...) aí cheguei lá no Seo A. **onde** ele **tava** e nada (...)”

18M.f) ENTREVISTADO: “(...) teve um fato que eu não me esqueço também, que eu **estava viajando** uma vê::z foi **aonde?**... Ah! Foi no:::... foi na região de Irecê (...)”

B) DADOS DE INFORMANTES FEMININAS

- **Informante n° 1F**

Sigla: GEG

Escolaridade: fundamental (5ª série)

Data de nascimento: 20/10/1970

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Belo Horizonte

Data da entrevista: 10/03/2006

Dados coletados:

1F.a) ENTREVISTADA: “(...) aí o professor vinha perguntando ‘*quanto que ela fez?*’... aí tá! Aí todo mundo vinha falando a quantidade né? Aí o (Washington) foi e olhô pra mim ‘*quarenta e dois!*’ e o Marco Aurélio ‘*aham! Tô vendo o quarenta e dois dela aonde qu’el tá* ((risos)) (...)” (13:45)

1F.b) ENTREVISTADA: “(...) aí eu fiquei aINda:: acho que un::s DOis meses trabalhando assim... aí foi **aonde** que eu **fui trabalhar** na receita federAL... fiquei lá::... trabalhei lá quatro anos e sete meses... foi **aonde** que ele me mandou pra lá (...)” (17:35)

1F.c) ENTREVISTADA: “(...) aí eu fiquei aINda:: acho que un::s DOis meses trabalhando assim... aí foi **aonde** que eu fui trabalhar na receita federAL... fiquei lá::... trabalhei lá quatro anos e sete meses... foi **aonde** que ele me **mandou** pra lá (...)” (17:35)

1F.d) ENTREVISTADA: “(...) eu trabalhava de/eu tava cobrindo férias... no prédio **aonde** que ele **era** motorista particulá (...)” (24:10)

1F.e) ENTREVISTADA: “(...) aí a gente começou a conversAR... aí:: ele perguntou **onde** que eu **morava** (...) aí foi **aonde** que a gente foi/que eu fiquei conhecendo ele, porque eu fui trabalhar no lugar onde que ele trabalhava, no prédio que ele trabalhava (...)” (24:25)

1F.f) ENTREVISTADA: “(...) aí a gente começou a conversAR... aí:: ele perguntou onde que eu morava (...) aí foi **aonde** que a gente foi/que eu **fiquei conhecendo** ele, porque eu fui trabalhar no lugar onde que ele trabalhava, no prédio que ele trabalhava (...)” (24:25)

1F.g) ENTREVISTADA: “(...) aí a gente começou a conversAR... aí:: ele perguntou onde que eu morava (...) aí foi **aonde** que a gente foi/que eu fiquei conhecendo ele, porque eu fui trabalhar no lugar **onde** que ele **trabalhava**, no prédio que ele trabalhava (...)” (24:25)

1F.h) ENTREVISTADA: “(...)a gente arrecadava coisa assi::m... roupa, alimento... essas coisa pra distribuir pras pessoas que a gente (inint.) aí era **onde** que a gente **pa/entrAVa** (...)” (29:30)

1F.i) ENTREVISTADA: “(...) então eu vi ele uma ve::z lá na cadeia ... qu’o:: meu padrinho de crisma é::/na época era:: inspetor de lá de Venda Nova... aí ele foi e pegô e tirô ele pra mim vê ele (...) agora eu não sei... **onde** que ele **tá** (...)” (45:35)

1F.j) ENTREVISTADA: “(...) acho que o T. morreu com dezessete (...)

ENTREVISTADOR: e foi polícia?

ENTREVISTADA: nãO, diz que foi bandIdo... que matô... mais diz que lá **onde** qu’ele **tava morano** ele tava igual como se fosse o dono da:::... do pedaço uai (...)” (49:07)

• **Informante n° 2F**

Sigla: RGS

Escolaridade: fundamental (3ª série)

Data de nascimento: 28/03/1968

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Belo Horizonte

Data da entrevista: 13/03/2006

Dados coletados:

2F.a) ENTREVISTADA: “(...) chegando lá [no sítio], menino, o dia/durante o dia até que você num percebe não, que a gente num procura ligá uma toma::da nem nada, num olha lu::z nem nada (...) eu falei ‘oh, L. (...) *cumé que eu vou fazer com meu secador, ond’ é qu’ eu vô ligá secador?’ ‘ah, sinto muito! Tem jeito não!’* (...)” (6:40)

2F.b) ENTREVISTADA: “(...) ele não cumpriu com esse valor que o Juiz havia:: mandado se::r/que fosse um oficial da prefeitura de Santa Luzia **onde** ele **traba::lha**, como diretor de obras... eh::: que fosse descontado em folha vinte e seis por cento do salário de::le (...)” (15:55)

2F.c) ENTREVISTADA: “(...) se você recebe trezentos reais e você paga::: quinENTos... *cumé que você vai pagar quinhentos... se você recebe trezentos?... e de onde vem esse restante de dinheiro?... pra complementar?* (...)” (25:45)

2F.d) ENTREVISTADA: “(...) porque na época que/que ele foi preso a L. escondeu o computador dele né? (inint.) um tal de T., cê lembra do T.?... amigo dele? Mandou o T. levar o computador pra casa dele pra polícia num descobri::: **onde** que **tava arquivado** lá: e tudo né?(...)” (38:15)

2F.e) ENTREVISTADA: “(...) eu tô praticamente ligada a ele né? (...) é ex-mulher do Bolã::o (...) pra especificá (...) aliás, como que eu vou dizer isso? Vamo supor, alguém pergunta assim ‘*essa rua fica eh::: aonde?*’ E você vai e::: (...) ‘*ah! Fica na esquina de tal*’ (...)” (77:15)

• **Informante n° 3F**

Sigla: AHGP

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 05/06/1969

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Pai - Belo Horizonte/Mãe – Teófilo Otoni

Data da entrevista: 13/03/2006

Dados coletados:

3F.a) ENTREVISTADA: “(...) aí eu fui e fiquei nessa ca::sa, eles me deram comi::da, conversaram comi::go, eu tomei á::gua, esquentaram, né?, almoço e me de::ram (...) então assim, foi **aonde** eu **consegui** me reabilita::r novame::nte e tal (...)” (23:45)

3F.b) ENTREVISTADA: “(...) entre Augusto de Lima e Olegário Maciel? Sim, Olegário Maciel... então você (inint.) que dificulda::de, você aperta o interfone, o pessoal ‘*quem é? de onde você é? o quê que você tá fazendo? O quê que você tá querendo?*’(...)” (31:45)

3F.c) ENTREVISTADA: “(...) no final, terminô/eu fiz entrevista com o pessoal na beira da prAia (...) num era permitido não mas (inint.) ‘*ond’ é qu’ocê mora?*’ ‘*Ah, tal lugar assim assim*’ ‘*ah, então tá valendo!*’ (...)” (33:30)

3F.d) ENTREVISTADA: “(...) aí teve um rapaz que tava lá maior zen e tal (...) aí tal, conversando e tudo ele pegou e falou que tava morando com a mãe de/que tava morando sozinho, mas que ia colocar o endereço da mãe de::le (...) ‘*não, porque o endereço onde eu moro num é seguro não, sabe?*’(...)” (33:50)

3F.e) ENTREVISTADA: “(...) o quê que eu to fazendo aqui? Quero voltar pra minha casa agora! [exclamou] ‘*não, porque eu num posso dar o endereço onde eu moro, que lá é meio perigoso sabe?*’(...)” (34:10)

3F.f) ENTREVISTADA: “(...) por exemplo, lá nesse interior lá, **onde** eu **fui** e tudo... surgisse um neurótico lá (inint.) e me eliminasse? Quem ia saber?(...)” (39:10)

3F.g) ENTREVISTADA: “(...) você acha que:: é importante nós preservamos a Amazô::nia e tal, né? (...) ‘*ah, num sei te/te informar, num sei te fala::r... ond’ é que tá a Amazônia?*’ entendeu?(...)” (42:03)

3F.h) ENTREVISTADA: “(...) é o seguinte... você tá optando por uma carreira, né? Por uma amplitu::de... social e tudo, ma::s devemos avaliar o grau de risco! Entendeu? Avaliar o grau de risco! Até **o::nde** os meios/os mecanismos a qual a gente **vai tá utiliza::no**, pra tá subi::no, em que de repente... isso tudo pode desaparecer de um momento pro outro (...)” (51:01)

3F.i) ENTREVISTADA: “(...) eu cheguei a fazer uma visita [caridade] que era burocrático, que tinha que fazer um cu::rso, treiname::nto, reunir o pessoa::l e ta::l, era mu::ito burocrático pra ir... (inint.) e assim nesse grupo **onde** eu **estou** atualmente, nós realizamos ativida::des (...)” (70:41)

3F.j) ENTREVISTADA “(...) então assim, é um trabalho que:: não-tem-preço, não-tem-valor... e é **onde** você se **sente**... útil (...)” (71:52)

3F.k) ENTREVISTADA: “(...) então assim, são coi/são atividades em que... eu num tive oportunidade nesses outros ambientes **onde** eu **tive**, a nível/a caráter de religião (...)” (74:44)

3F.l) ENTREVISTADA: “(...) nós tivemos um irmãozinho que faleceu, deve tê uns/quase uns vinte dias qu’ele faleceu (...) essa primeira visita que nós fazemos todo primeiro domingo de cada mês, nós visitávamos ele... e:: ele **morava** numa ca::sa... **onde::**/ era assim (...)” (75:50)

• **Informante n° 4F**

Sigla: KGM

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 15/12/1981

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Pai - Belo Horizonte/Mãe – Teófilo Otoni

Data da entrevista: 14/03/2006

Dados coletados:

4F.a) ENTREVISTADA: “(...) eu pegava táxi-lotação que/que paga lá/por incrível que pareça eu achei... super maravilhoso, que é um real. Paga um real você andar de táxi, pra te levar da UFOP até o centro histórico e do centro histórico até **onde** é a cidade e assim sucessivamente (...)” (6:11)

4F.b) ENTREVISTADA: “(...) mas tipo assim, de tanto, assim, que a minha família afastô de um jeito parece que nós somo conhecido... o dia que a gente chegô na casa do meu tio pra gente podê faze u::m/na casa da minha avó né? Sabe aquela coisa, tipo assim, cê fala ‘gente, **onde** é que eu tô::?’ (...)” (15:59)

4F.c) ENTREVISTADA: “(...) quando a gente pensa que não tá nós aqui de noite aqui... chega esse menino parecendo *Jackson five* com um cabelo DEsse tamanho... TTodo rasgado... minha mãe assustô né? Porque, tipo assim ‘*meu deus, o quê que esse menino tá fazendo aqui?*’ e **de onde** que ele **morava** era Ribeirão das Neves (...)” (22:55)

4F.d) ENTREVISTADA: “(...) lá é super, nossa! Aconchegante, sabe? é a cara do jovem... tem também a Fazendinha (inint.) fazendinha eu já fui duas vezes, num sei se é na Serra, num sei **onde** é que é não (...)” (29:25)

4F.e) ENTREVISTADA: “(...) e tem a minha prima, a CidO::ca (...) que a Cida, ela mora em São José da Lapa também... éh::... ela mora... um pouquinho antes assim **de onde morava** esse/mora esse amigo nosso (...)” (39:45)

4F.f) ENTREVISTADA: “(...) oh Léo, que vergonha!! ((risos)) De mangueira na mão, camisola, touquinha (...) quando tinha aquelas barraquinha lá na/ lá na/ no doze zero sete “a”, num sei se ocê lembra? **onde tinha** aquelas ferinha lá em cima (...)” (42:10)

4F.g) ENTREVISTADA: “(...) assim, hoje em dia a gente faz o que a gente qué... sai a hora que a gente qué... mas no começo, oh Léo, era uma dificulda::de.. ‘*mãe, vô sai*’ ... *‘onde é que ocê vai?’* (...)” (43:35)

4F.h) ENTREVISTADOR: “(...) aí quando você arruma o quarto dele e some um papel ele endoida!?!
ENTREVISTADA: “(...)’*mãe, sabe onde tá o papel assim assim?’*(...)” (53:15)

4F.i) ENTREVISTADA: “(...) eu falei ‘*H. cê num tá achano que tá:: se sentino demais não?*’

‘eu traba::lho’ [fala do H.]

Eu falei ‘*ahhh! Me ma::ta! Eu também trabalho*’ uai?

Ele ‘*eh? cê trabalha onde?*’ (54:15)

4F.j) ENTREVISTADA: “(...) Léo, ela é muito (inint.)... um dia ela me **ligou** sabe **de onde?**(...)” (67:25)

4F.k) ENTREVISTADA: “(...) ela me liga da porta da (inint.) ‘*K. (...) ah, comé que eu vô fazer pra mim passar pro outro lado?*’

*‘C.! cê vai entrá e vai ter um monte de plaquinha assim oh, entrada pra Rio de Janeiro, e vai ter uma setinha... **entrada pra num sei aonde** e vai tê outra setinha (...)*” (68:00)

4F.l) ENTREVISTADA: “(...) um dia ela me ligô da João Pinhe::ro ‘*K. onde é que é a João Pinheiro?*’

‘C. onde é que ocê tá?’

‘Moço, onde é que eu tô?’

‘João Pinheiro!’ ((risos))

‘Ah, podexá!’ Sabe? ((risos)) (...)” (68:20)

4F.m) ENTREVISTADA: “(...) um dia ela me ligô da João Pinhe::ro ‘*K. onde é que é a João Pinheiro?*’

‘C. onde é que ocê tá?’

‘Moço, onde é que eu tô?’

‘João Pinheiro!’ ((risos))

‘Ah, podexá!’ Sabe? ((risos)) (...)” (68:20)

4F.n) ENTREVISTADA: “(...) um dia ela me ligô da João Pinhe::ro ‘*K. onde é que é a João Pinheiro?*’

‘C. onde é que ocê tá?’

*‘Moço, **onde** é que eu tô?’*

‘João Pinheiro!’ ((risos))

‘Ah, podexá!’ Sabe? ((risos)) (...)” (68:20)

4F.o) ENTREVISTADA: “(...) outro dia, foi ela perguntar pro cara da/ a pergunta certa, o cara mandou ela lá pro Viaduto Santa Tereza... ‘*C. onde é que cê tá?*’ (...)” (69:45)

4F.p) ENTREVISTADA: “(...) [simulando a fala da C.] *‘eu pedi pro moço me falá mais ou menos, que eu num pidi a rua certa, pidi pra me falá mais ou menos onde ficava o banco da/do HSBC’*(...)” (69:50)

4F.q) ENTREVISTADA: “(...) ela é inocente, as vezes cê acha que nã::o, que ela faz isso pra sobreviver, mas num é::... as vez você acha ela esperta pra umas coisa, mas pra outras que era pra ela sê esperta ela é retardadi::nha da silva (...) fala com ela *‘C. vai no centro!’* ela *‘onde? Num tem algum ponto perto?’* ((risos))(...)” (70:15)

4F.r) ENTREVISTADA: “(...) ela pra poder ir na bê erre foi ela, R. e A.... pra poder ir lá na bê erre **num sei aonde** lá, num negócio do serviço dela (...)” (70:50)

• **Informante n° 5F**

Sigla: FCS

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 06/03/1980

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Belo Horizonte

Data da entrevista: 16/03/2006

Dados coletados:

5F.a) ENTREVISTADOR: “(...) mas, assim, pra achar, ninguém sabe ainda... eh::
ENTREVISTADA: ninguém sabe **onde** ele **tá!** (...)” (11:08)

5F.b) ENTREVISTADA: “(...) eu falei com ela *‘eu tô entrano na justiça pra voCÊS correrem atrás dele... porque se eu subesse onde ele tava eu já tinha chamado a polícia!’* (...) (11:30)

5F.c) ENTREVISTADA: “(...) eu vô atrás dele? pega::r cinco ônibus por dia...vô ir em cada bairro/freqüentá quantos bairros pra mim **corrê** atrás de uma pessoa **onde?** belorizonte tem quantos mi::l habitantes? (...)” (11:50)

5F.d) ENTREVISTADA: “(...) a gente ia pra cachoe::ra, desbravava ma::tas ((risos)) andava no meio do mato... porque lá num tinha muito **por onde andar** né?(...)” (60:40)

• **Informante n° 6F**

Sigla: DO

Escolaridade: fundamental (4ª série)

Data de nascimento: 15/02/1968

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Mãe - Portugal

Data da entrevista: 18/03/2006

Dados coletados:

6F.a) ENTREVISTADA: “(...) nã/é porque eu trabaiei lá no:: Cidade No/ lá no:: Sagrada Família [bairro] aí eu tava entrano no apartamento ontem ela:/ falei ‘ *oh, dona! Uai? Esse cachorro assim eh:*’ e falei o nome (...) e falei ‘*nó, minha sobrinha tá doida com um desse, a senhora num sabe **aonde** que **vende** não?*’ (...)” (0:25)

6F.b) ENTREVISTADA: “(...) ele tem o::: aparelho... ele é surdo assim, mas colocou o aparelho ele escuta muito bem, mais só que tem que sê grita:do... tem dois me/vai fazer dois meses que eu tô lá... (...)

ENTREVISTADOR: e isso tudo foi acidente de trem?

ENTREVISTADA: há cinqüenta anos atrás/foi o trem passou em cima dele, há cinqüenta anos atrás (...)

ENTREVISTADOR: aqui em beagá?

ENTREVISTADA: num sei **aonde** que **foi** não Léo, num sei aonde que foi não, nem nunca perguntei, aonde que foi (...)” (1:55)

6F.c) ENTREVISTADA: “(...) ele tem o::: aparelho... ele é surdo assim, mas colocou o aparelho ele escuta muito bem, mais só que tem que sê grita:do... tem dois me/vai fazer dois meses que eu tô lá... (...)

ENTREVISTADOR: e isso tudo foi acidente de trem?

ENTREVISTADA: há cinqüenta anos atrás/foi o trem passou em cima dele, há cinqüenta anos atrás (...)

ENTREVISTADOR: aqui em beagá?

ENTREVISTADA: num sei aonde que foi não Léo, num sei **aonde** que **foi** não, nem nunca perguntei, aonde que foi (...)” (1:55)

6F.d) ENTREVISTADA: “(...) ele tem o::: aparelho... ele é surdo assim, mas colocou o aparelho ele escuta muito bem, mais só que tem que sê grita:do... tem dois me/vai fazer dois meses que eu tô lá... (...)

ENTREVISTADOR: e isso tudo foi acidente de trem?

ENTREVISTADA: há cinqüenta anos atrás/foi o trem passou em cima dele, há cinqüenta anos atrás (...)

ENTREVISTADOR: aqui em beagá?

ENTREVISTADA: num sei aonde que foi não Léo, num sei aonde que foi não, nem nunca perguntei, **aonde** que **foi** (...)” (1:55)

6F.e) ENTREVISTADA: “(...) mas acho que ele é daqueles menino hiperativo... menino é um crânio, meu filho, estuda num colégio chi::que aí, meu filho; acho que... quase uns mil reais meu filho, **aonde** que o menino **estuda** (...)” (17:45)

6F.f) ENTREVISTADA: “(...) Léo, numa boa, na hora que chegô cá perto do:: Ari da Franca perto do orfanato, passô um rapaz muito bonito, um lôro, e falou comigo ‘*cê tá indo pra onde?*’(...)” (24:15)

6F.g) ENTREVISTADA: “(...)Venda Nova era, né? Tinha o vilarinho [quadras do Vilarinho], tinha o (sorvem) né? Cê lembra do (sorvem), já ouviu falá? Do Dirceu Pereira! Atrás do cemitério ali de Venda Nova (...) acho que agora lá é escola... **aonde** que **era** o (sorvem) acho que é escola (...)” (26:00)

6F.h) ENTREVISTADA: “(...) ah, diz que eles apanharam demais... inclusive, diz que nesse último assalto que o Z. fez aí, diz que os “home” (polícia) pegô ele seis e meia, sabe que horas que os “home” chegô com ele lá no João Vinte e Treis? Onze e meia da noite. **Aonde** que eles **tava** com ele de seis e meia da manhã até on/ de seis e meia da tarde até onze e meia da noite?(...)” (46:00)

6F.i) ENTREVISTADOR: “(...) e o A., você já visitou ele lá? (na cadeia)
ENTREVISTADA: não! no::ssa senhora, meu filho, não (inint.) deixa esse home quieto **aonde** que ele **tá**, Jesus é louvado!(...)” (47:57)

• **Informante n° 7F**

Sigla: WAR

Escolaridade: 2° grau incompleto

Data de nascimento: 13/07/1968

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Mãe – Diamantina / Pai – Santana do Riacho

Data da entrevista: 10/04/2006

Dados coletados:

7F.a) ENTREVISTADA: “(...) e lá no hotel tamém **onde** que a gente **fica** tamém tem peixe tamém (...) tem cada pexÃO assim, oh!(...)” (02:55)

7F.b) ENTREVISTADA: “(...) a A.P. falou comigo, mas ela num ligô; eu falei com ela que eu ia/

ENTREVISTADOR: mais agora ela começou a trabalhar (...)

ENTREVISTADA: **aonde** que é?(...)” (24:13)

7F.c) ENTREVISTADA: “(...) parei dezembro, janêro, feverêro, março... fiquei co’ uma raiva, aí eu falei ‘*ah não, tomá banho.*’ Agora, outro dia eu fui na auto escola **onde** que eu **tava mexeno** e ele pegou e falou assim ‘*vão marcá outro exame pr’ocê*’ (...)” (28:35)

7F.d) ENTREVISTADA: “(...) num achou o gol até hoje né?

ENTREVISTADOR: mas e aí, tinha seguro?

ENTREVISTADA: não, o gol num tinha seguro não (...)

ENTREVISTADOR: foi aqui na porta?

ENTREVISTADA: não, foi lá:... **onde** que a gente **morava**, lá no Itapoã (...)” (29:22)

7F.e) ENTREVISTADA: “(...) ele é maldo::so (...) e o V. bate nele, o V. chama a atenção, fala assim ‘*você é o irmãozin dela mais velho, tem que ajudar a olhá*’ Mas ele é maldo::so menino, num sei **aonde** que ele **tá puxano** (...)” (41:08)

• **Informante n° 8F**

Sigla: CAGM

Escolaridade: fundamental (4ª série)

Data de nascimento: 14/09/1978

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Mãe – Teófilo Otoni / Pai - BH

Data da entrevista: 10/04/2006

Dados coletados:

8F.a) ENTREVISTADA: “(...) a última vez que eu viajei, eu viajei pra:.... fui pra Prado – Bahia, fui no carnaval, fui pra Teófilo Otoni, mais, mediante a minha carg’horária, **onde** eu **trabalhava**, eu nu:m tinha tempo pra viajar não (...)” (0:45)

8F.b) ENTREVISTADA: “(...) então o acesso mais fácil era realmente pela::, eh:::, berano o mAr, eh::: aí (inint.) **aonde tava** o trio lá e tal né? (...)” (3:30)

8F.c) ENTREVISTADA: “(...) aí chegano na praça a mulher falou assim, eh:::.... perguntei pra ela **onde** é que **tinha** um orelhão... que funcionasse (...)” (7:33)

8F.d) ENTREVISTADA: “(...) eu não, tipo assim, eu moro aqui, nasci em beagá e chegar lá, eh:: perguntar qualquer rua lá e:: na maior cara de pau, eu não, assim [imitando um sotaque “diferente”] ‘ó xent bichinhu, tu sabe **ond’** é que::, **ond’** é que fica a rua tal?’ ((risos)) (...)” (9:45)

8F.e) ENTREVISTADA: “(...) eu não, tipo assim, eu moro aqui, nasci em beagá e chegar lá, eh:: perguntar qualquer rua lá e:: na maior cara de pau, eu não, assim [imitando um sotaque “diferente”] ‘ó xent bichinhu, tu sabe **ond’** é que::, **ond’** é que fica a rua tal?’ ((risos)) (...)” (9:45)

8F.f) ENTREVISTADA: “(...) a central do EPA fica lá na bê erre zero quarenta, só pra ter uma idéia eu não consegui achar eh:::, estação, lá na estaçã::o... **onde fica** ali o:: shopping oi [Shopping Popular Oiapoque](...)” (12:13)

8F.g) ENTREVISTADA: “(...) mais aí eu fui no rumo (inint.) que eu sou muito de rumo ‘**aonde que é?**’ então me dá tal rumo, eu vô ino (...)” (12:36)

8F.h) ENTREVISTADA: “(...) o quê que acontecia, eles... olhava pra mim e eu falava ‘ah, eu tô precisano de uma blusa.’ Eles num me perguntava o número não, olhava pra mim e falava ‘a C. veste ‘eme’ [tamanho médio].’ **Onde** é Léo? Eu visto ‘gegê’ pra lá (...)” (15:30)

8F.i) ENTREVISTADA: “(...) tive que ligar a coBRAr pra casa do A. ((risos)) ele me zoa até hoje... e pra falar com ele Léo?

‘Oh A., eh:::... eu tô aqui:::’

‘**Aonde** C.?’

‘Num sei... sei não, sei onde é que eu tô não’ (...)” (16:32)

8F.j) ENTREVISTADA: “(...) tive que ligar a coBRAr pra casa do A. ((risos)) ele me zoa até hoje... e pra falar com ele Léo?”

‘Oh A., eh::... eu tô aqui::’

‘Aonde C.?’

*‘Num sei... sei não, sei **onde** é que eu **tô** não’ (...)” (16:32)*

8F.k) ENTREVISTADA: “(...) eu fiquei assim estática, eu fiquei completamente fora do ar... todo mundo assim, paralisado aí pegaram o cArro, que num sei **daonde surgiu** aquele carro (...)” (35:22)

8F.l) ENTREVISTADA: “(...) ‘C. faz um coque no cabelo’ (...) ‘ah não, amanhã pode... pode ser amanhã?’ Aí no outro dia eu vinha... até:: **onde** eu **pudesse** eu ficava enrolando (...)” (69:20)

8F.m) ENTREVISTADA: “(...) pra homem hoje em dia é muito mais fácil, porque simplesmente você qué tê sua vida:: eh::: independENte, então você tendo condições você pode ir pr’um (inint.) igual por exemplo tem lá no/no Planalto **onde** o A. **morAva** (...)” (78:49)

• **Informante n° 9F**

Sigla: IDS

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 28/10/1979

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Mãe – Ibiá / Pai - Pirapora

Data da entrevista: 18/04/2006

Dados coletados:

9F.a) ENTREVISTADA: “(...) e como são poucas pessoas, tipo os hotéis fazem u::m/um rotêro, então dia tal vai ter festa em tal lugar, então vai to::do mundo pra tal lugar (...) então dia tal **vai ter** lual **num sei naonde** e vai to::do mundo pra esse lugar (...)” (1:32)

9F.b) ENTREVISTADA: “(...) aliás, lugar nenhum eu tenho história ruim, graças a Deus né? (...) igual, uma vez a gente foi pra Ouro Preto eu A. a S. e a B. aí quando a gente voltOU o carro enguiçOU, fundIU o motor (...) no meio daquela bê erre **onde** num **passa** CARro, onde num passa NAdA (...)” (10:27)

9F.c) ENTREVISTADA: “(...) aliás, lugar nenhum eu tenho história ruim, graças a Deus né? (...) igual, uma vez a gente foi pra Ouro Preto eu A. a S. e a B. aí quando a gente voltOU o carro enguiçOU, fundIU o motor (...) no meio daquela bê erre onde num **passa** CARro, **onde** num **passa** NAdA (...)” (10:27)

9F.d) ENTREVISTADOR: “(...) e vocês moraram em qual bairro?”

ENTREVISTADA: lá perto de casa mesmo, ali na Vilarinho (...) ali perto de casa, sabe **onde** que **tem** uma garagem? (...)” (19:22)

9F.e) ENTREVISTADA: “(...) ela já tinha levado TUdo, e aquilo eu entrei em casa e eu olhei e eu pensei, eu falei assim ‘*vô esperá, porque às vez’ ela tá mudano*’ porque ficou uma ou outra coisa, às vezes ela tá mudano ainda, vô esperá pra vê o quê que ela me fala, porque, NÃO me ligou no serviço, NÃO me ligou no celular, NÃO falou comigo **pra onde** que **ia**, num falou nADa?(...)” (22:10)

9F.f) ENTREVISTADA: “(...) eu tava em tempo de MATar um, se eu visse essa menina eu acho que eu ia/baTIA nela, fui lá na casa da L., a S. me viu (...) acho que a mãe dela nunca tinha me visto nervosa (...) e eu fui falar com a L. ‘*onde é que tá a A. L.?’* (...)” (24:35)

9F.g) ENTREVISTADA: “(...) se eu vim aqui é porque eu não sei, porque ela foi embora, levou todas as minhas coisas que tinha lá na casa, eu não sei **ond**’é que ela **tá**, ela não me falou nada! E eu vim aqui porque voCÊ/voCÊ tava por dentro das coisas que tavam aconteceno, então eu tenho certeza que você sabe **onde** que ela **tá** (...)” (25:05)

9F.h) ENTREVISTADA: “(...) se eu vim aqui é porque eu não sei, porque ela foi embora, levou todas as minhas coisas que tinha lá na casa, eu não sei **ond**’é que ela **tá**, ela não me falou nada! E eu vim aqui porque voCÊ/voCÊ tava por dentro das coisas que tavam aconteceno, então eu tenho certeza que você sabe **onde** que ela **tá** (...)” (25:05)

9F.i) ENTREVISTADOR: “(...) o bar dele é lá no bairro?
ENTREVISTADA: sabe **onde** é o *baby burger*? (...)” (29:47)

9F.j) ENTREVISTADA: “(...) meu pai falava assim ‘*chega meia noite em casa*’ eu chegava uma, du::as (...) eu tentava explicar ainda, eu falava ‘*pai, muitas vezes eu saio, eu num sei nem pra onde que eu vô, comé que eu vô combinar com o senhor a hora que eu vô chegar?*(...)’ (33:45)

9F.k) ENTREVISTADA: “(...) aí eu falei com a L. que não ia (...) aí ele meio que falou que ia... ele num tava quereno ir porque era muito longe, que era muito longe. I-ta, sei lá **ond**’é que **era** o lugar (...)” (69:40)

9F.l) ENTREVISTADA: “(...) do show eu sei falar pouquíssima coisa, que era mais ou menos umas cinco horas da manhã que a gente foi aproveitar, que a gente foi pra boate do lugar (...) a gente dormiu lá mesmo, eu num vi **pra onde** que **foi** ninguém (...)” (71:15)

• **Informante n° 10F**

Sigla: SMG

Escolaridade: fundamental

Data de nascimento: 18/02/1948

Local de nascimento do informante: Teófilo Otoni

Local de nascimento dos pais: Teófilo Otoni

Data da entrevista: 19/04/2006

Dados coletados:

10F.a) ENTREVISTADA: “(...) a gente já tava com sono né? minha mãe pegava e arrumava a cama pra gente ni ‘paió’ [paiol] você sabe o quê que é paió? (...) era um quartinho assim **onde** qu’**es colocava**, assim, bana::na, né? (...)” (6:36)

10F.b) ENTREVISTADA: “(...) e tinha uma tia, irmã do meu pai, que morava lá mesmo no bairro das palmeiras, próximo **de onde** eu **estava** (...)” (16:25)

10F.c) ENTREVISTADA: “(...) aí eu já tava já mais adulta, e aí foi como diz, foi que eu fui assumir mesmo a ca:sa... nessas ho/nessas altura **ond’**é que **ficou** a dona M.?(...)” (23:23)

10F.d) ENTREVISTADA: “(...) nada que eu fazia tava bom pra ela, nada, nada (...) eu buscava menino na escola, saía pra lavar roupa na lagoa que tinha ali **onde é** o Cemitério da::/ da CoLIna (...)” (24:45)

10F.e) ENTREVISTADA: “(...) o quê que eu fazia com a água sanitária, passava na mão/colocava na mão e passava assim, por aqui assim [região dos lábios] mais ou menos né? e nisso eu comecei a correr... aí eu pensei assim ‘*bom, agora eu vou correr até aonde?*’ (...)” (38:52)

10F.f) ENTREVISTADA: “(...) e aí eu sei dizer que:: (inint.) pouco tempo ele começou já a querer descobrir mesmo lá pelas menina **aonde** eu **TAVa**, de onde eu ERa, e aquela coisa to::da (...)” (56:05)

10F.g) ENTREVISTADA: “(...) e aí eu sei dizer que:: (inint.) pouco tempo ele começou já a querer descobrir mesmo lá pelas menina aonde eu TAVa, **de onde** eu ERa, e aquela coisa to::da (...)” (56:05)

10F.h) ENTREVISTADA: “(...) cê chegou a ver na televisão **onde é** o lugar que eles construíram essa penitenciária? (...)” (60:52)

10F.i) ENTREVISTADA: “(...) isso aqui é uma laranja, isso aqui uma banana... **aonde** é que você **vai ligar** a laranja com/co’ a banana (...)” (64:43)

• **Informante n° 11F**

Sigla: FaCaS

Escolaridade: fundamental

Data de nascimento: 27/12/1957

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Belo Horizonte

Data da entrevista: 22/04/2006

Dados coletados:

11F.a) ENTREVISTADA: “(...) eu num dou trabalho pra acampar porque eu num tenho medo de levantar, eu num tenho medo de nada não (...) as vez’ele tá ronca::no, daqui a poquinho eu levanto quitinha, ele acorda ‘*fia onde cê vai?*’ (...)” (4:10)

11F.b) ENTREVISTADA: “(...) aí ele fica preocupado, com medo, né? porque esse bibelô aqui cê já viu como é que é, né? ((risos)) aí eu falo '*não, pode ficar despreocupado que eu vô tranqüila levanta: no*' '*tudo bem!*' mais, pra mim, **aonde** que ele me chamar pra **i::r**... igual eu falei com ele a última vez '*óh, agora eu quero passia, eu quero acampá, mais em lugares que eu num cunheço*' certo? (...)” (4:47)

11F.c) ENTREVISTADA: “(...) mais ca::sa pra eles lá não é casa de lu::xo (...) geralmente (inint) na nossa ligação **onde** a gente **convive** lá, o pessoal lá, assim, na parte onde eu conheço, é tudo até muito simples, sabe? (...)” (8:13)

11F.d) ENTREVISTADA: “(...) mais ca::sa pra eles lá não é casa de lu::xo (...) geralmente (inint) na nossa ligação onde a gente convive lá, o pessoal lá, assim, na parte **onde** eu **conheço**, é tudo até muito simples, sabe? (...)” (8:13)

11F.e) ENTREVISTADOR: “(...) qualquer dia então vocês vão pra lá de avião, uai!

ENTREVISTADA: *hã?*

ENTREVISTADOR: **vão** pra lá de avião então, uai! Qualquer dia.

ENTREVISTADA: **aonde?**

ENTREVISTADOR: no:::, pra Uberlândia (...)” (12:03)

11F.f) ENTREVISTADA: “(...) cada vez que cê fica agita::da, cada vez que cê fica nervo::sa cada vez que:: tem uma coisa pra te chatear, pra te amolar...primeira coisa **naonde** que cê **descarrega**, é no bendi::to do cigarro! (...)” (34:20)

11F.g) ENTREVISTADA: “(...) hoje em dia é a faculdade né? comé que chama aquela faculdade lá? (...) **aonde** que a R. **estudou**, comé que chama aquela faculdade lá, Novo HoriZONte? (...)” (38:10)

11F.h) ENTREVISTADA: “(...) até hoje eu tô aí, minha mãe foi e eu fiquei, né?... certo? agora, pra mim conseguir a chegá **aonde** que eu **tô** ela lutou muito, ela lutou muito, ela fez de tu::do na vida (...)” (42:48)

• **Informante n° 12F**

Sigla: MFP

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 02/05/1973

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Pai – Sabinópolis / Mãe – Teófilo Otoni

Data da entrevista: 25/04/2006

Dados coletados:

12F.a) ENTREVISTADA: “(...) era muito che::ia [a praia], e:: ele trabalhava num restaurante na frente pra Praia do Forte, e:: eu ficava lá o dia inteiro, ia pra lá de manhã, ficava na praia, almoçava lá **naonde** que ele **trabalhava** e vinha embora só de noite (...)” (0:53)

12F.b) ENTREVISTADA: “(...) lá embaixo quando eu morava no Santa Branca era mai::s, mesmo porque aquela parte era bem mais antiga, né? (...) a do Santa Branca, é:: antiga Doze de Outubro pra lá... **onde** que hoje em dia é cheia de apartame::nto (...) daquela parte pra lá, onde que tinha o Minas Bahia [supermercado] (...)” (6:45)

12F.c) ENTREVISTADA: “(...) lá embaixo quando eu morava no Santa Branca era mai::s, mesmo porque aquela parte era bem mais antiga, né? (...) a do Santa Branca, é:: antiga Doze de Outubro pra lá... onde que hoje em dia é cheia de apartame::nto (...) daquela parte pra lá, **onde** que **tinha** o Minas Bahia [supermercado] (...)” (6:45)

12F.d) ENTREVISTADA: “(...) aí ele foi e falou ‘*nossa, menina! quê isso, mas aqui dentro?*’ eu falei: ‘*é’... ‘nem adianta chamar o guarda, quem me roubou num vai ficar aqui dentro*’ aí ele: ‘*não, mas aqui, onde cê mora?*’ eu falei ‘*eu moro em Santa Mônica*’ (...)” (24:23)

12F.e) ENTREVISTADA: “(...) oh o detalhe, a minha colega, né? M., me pega, sem me avisar, e passa o telefone da minha casa pro homem. O cara tinha um ami::go, num sei se trabalhava na telemi::g, sei lá, **onde** que o cara **trabalha::va**, que pelo número ele encontrou o endereço todinho da minha casa (...)” (25:03)

12F.f) ENTREVISTADA: “(...) isso foi numa sexta feira, né? quando foi no domingo ele foi bater lá na porta da minha casa, eu olhei assim e falei ‘*gente! Comé que ocê achou a minha casa?*’ ‘*ah, porque sua colega me deu seu telefone, e eu tenho um amigo que trabalha...*’ num sei **aonde**, que eu já esqueci o que ele falou (...)” (25:23)

12F.g) ENTREVISTADA: “(...) aí nisso, pra piOrar a situaçã::o a gente tava sentada no lugar **onde** que eles **frita::m/faz** fritura, e a gordura estourou e foi cair logo em quem? (...)” (30:15)

12F.h) ENTREVISTADA: “(...) aí veio a hora do táxi, nós pegamos um táxi, né? e eu e ela perguntou ‘*oh, meu filho onde é que cê mora?*’ ‘*eu moro em Santa Luzia, meu nome é I.*’ (...)” (32:54)

12F.i) ENTREVISTADA: “(...) aí entramo dentro do táxi, a L. tá assim com o motorista ‘*motorista, cê vai direto e passa pela Antônio Carlos*’ aí eu puxei a camisa do motorista e falei ‘*motorista, o senhor NÃO vai direto! O senhor vai passar ali pelo Dom Bosco* (...)’ ‘*nã:o motorista, num vai onde que ela tá falano não, cê vai direto e vai deixá ele lá na Antônio Carlos* (...)” (33:31)

12F.j) ENTREVISTADA: “(...) eu tenho muita vontade de conhecer Parati (...) que te::m uma/ acho que foi **onde** que Dom Pedro se **instalou** né? (...)” (40:13)

12F.k) ENTREVISTADA: “(...) já fui e:m... Guarapari::: (...) Guarapari eu falei com a minha mãe que eu ia dormir na casa de uma colega, no carnaval... e fui pra lá... volt:ei e tava com desidratação e insolação, ela perguntou ‘*onde é qu’ocê arranjou isso?*’ eu falei ‘*lá em Guarapari*’ ela ficou doida ((risos)) ‘*cê passou foi o feriado em Guarapari?*’ eu falei ‘*foi, eu falei que ia pra casa de uma colega, cê num me perguntou aonde, ué?* (...)’ (40:48)

12F.l) ENTREVISTADA: “(...) já fui e:m... Guarapari::: (...) Guarapari eu falei com a minha mãe que eu ia dormir na casa de uma colega, no carnaval... e fui pra lá... volt:ei e tava com desidratação e insolação, ela perguntou ‘*onde é qu’ocê arranjou isso?*’ eu falei ‘*lá em Guarapari*’ ela ficou doida ((risos)) ‘*cê passou foi o feriado em Guarapari?*’ eu falei ‘*foi, eu falei que ia pra casa de uma colega, cê num me perguntou aonde, ué?* (...)’ (40:48)

12F.m) ENTREVISTADA: “(...) aí esse cara apareceu lá, sentou do meu la:do... começou a conversá comigo e falô assim comigo que já estava me esperando há muito tempo, eu falei: ‘*ué? Ah, é? naonde?*’ (...)” (43:18)

12F.n) ENTREVISTADA: “(...) e foi uma coisa assim que aconteceu, eu tenho prova disso. E nunca mais eu vi esse cara... eu tenho vontade de voltá lá... e procurar esse cara, porque eu sei **onde** que ele **mora**, eu sei exatamente onde que ele mora (...)” (52:49)

12F.o) ENTREVISTADA: “(...) e foi uma coisa assim que aconteceu, eu tenho prova disso. E nunca mais eu vi esse cara... eu tenho vontade de voltá lá...e procurar esse cara, porque eu sei onde que ele mora, eu sei exatamente **onde** que ele **mora** (...)” (52:49)

• **Informante n° 13F**

Sigla: DSSB

Escolaridade: fundamental

Data de nascimento: 19/04/1982

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Belo Horizonte

Data da entrevista: 25/04/2006

Dados coletados:

13F.a) ENTREVISTADOR: “(...) e festa? Festa ocê ia aqui no bairro mesmo?

ENTREVISTADA: ah. Eu gostava do salvado::r, eu era mais no::va, mais eu gostava do salvado::r (...) era um barzinho que tinha lá no final do “a” [ponto final do ônibus 1207A] Que tinha uma ferinha [feira de artesanatos]...

ENTREVISTADOR: não, da ferinha eu lembro, Salvador qual que é?

ENTREVISTADA: **onde** que é o Verderia agora (...)” (3:43)

13F.b) ENTREVISTADA: “(...) uma vez foi eu e minha irmã::, eu tava ficano com um menino, minha irmã ficano co’ outro menino, só que ela sumiu e minha mãe tinha mandado a gente chegá em casa meia noite... eu tô bem lá, quando eu olhei era minha mãe, meu filho, eu saí passano no meio do povo tudo assim, saí atrás da minha irmã (..) aí quando eu voltei minha mãe falou assim ‘*onde cê tava? Eu te vi ali*’ eu falei assim ‘*não mãe eu num vi a senhora não, eu fui chamada a C.*’ ‘*aonde que a C. tá?*’ (...)” (4:31)

13F.c) ENTREVISTADA: “(...) uma vez foi eu e minha irmã::, eu tava ficano com um menino, minha irmã ficano co’ outro menino, só que ela sumiu e minha mãe tinha mandado a gente chegá em casa meia noite... eu tô bem lá, quando eu olhei era minha mãe, meu filho, eu saí passano no meio do povo tudo assim, saí atrás da minha irmã (..) aí quando eu voltei minha mãe falou assim ‘*onde cê tava? Eu te vi ali*’ eu falei assim ‘*não mãe eu num vi a senhora não, eu fui chamada a C.*’ ‘*aonde que a C. tá?*’ (...)” (4:31)

13F.d) ENTREVISTADA: “(...) de manhã cedo ela acordou desesperada achando que tava atrasada pra trabalhá (...) ela levantou todo mundo, aí:: que a gente foi lembrá **onde** que a gente **tava**, meu filho (...)” (12:00)

13F.e) ENTREVISTADA: “(...) você demora assim mAI de meia hora pr’ocê conseguir passar no meio da muVU::ca, entendeu? É mu::ita gente, num tem como, entendeu? E eu mesmo dava voltas, voltas nos bequinho assim pra mim conseguir chegá **onde** que eu queria (...)” (17:16)

• **Informante nº 14F**

Sigla: KCS

Escolaridade: fundamental

Data de nascimento: 29/03/1978

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Belo Horizonte

Data da entrevista: 25/04/2006

Dados coletados:

14F.a) ENTREVISTADA: “(...) a P. aqui do lado também, que eu fiz amizade na época... que ela também mora nos Estados Unidos, tem uma fi::lha (inint.) porque eles moravam do outro lado, **onde** que **era** um ca:mpo (...)” (1:30)

14F.b) ENTREVISTADA: “(...) depois com a adolescência que eu fiz amiza::de... com o bairro inteiro ((risos)), aí todo mundo me conhece... *‘aonde mora a K?’ ‘ah! Mora na rua do brejo’* (...)” (2:12)

14F.c) ENTREVISTADA: “(...) tinha o Quiosque aqui, eu vivia no Quio::sque (...) Quiosque Deck, na:: Portugal [Av. Portugal], ali **onde** que **é** uma auto escola agora (...)” (9:22)

14F.d) ENTREVISTADOR: “(...) cê trabalhava na Savassi em qual lugar lá?
ENTREVISTADA: na Graves & Agudos da Fernandes Tourinho, **onde** que **era** a polícia civil (...)” (11:55)

14F.e) ENTREVISTADA: “(...) aí eu cheguei perto d’uma amiga minha, amiga lendo comigo lá::, uns outros exames que eu tinha feito *‘e esse oitocentos e sessenta e dois aqui?’* eu falei assim *‘aonde?’* ela falou assim *‘tá escrito o resultado aqui do lado aqui do:: betagácegê’* eu falei *‘aonde? Cê tá doida?’* ((risos)) (...)” (18:14)

14F.f) ENTREVISTADA: “(...) aí eu cheguei perto d’uma amiga minha, amiga lendo comigo lá::, uns outros exames que eu tinha feito *‘e esse oitocentos e sessenta e dois aqui?’* eu falei assim *‘aonde?’* ela falou assim *‘tá escrito o resultado aqui do lado aqui do:: betagácegê’* eu falei *‘aonde? Cê tá doida?’* ((risos)) (...)” (18:14)

14F.g) ENTREVISTADA: “(...) tem o Esquinã::o, num tem a Alair (inint.) atrás do Esquinão **onde** que o doze zero sete **vira?** [ônibus 1207] é a de baixo! (...)” (19:07)

14F.h) ENTREVISTADA: “(...) nós ficamo do lado de fora, esperamo sair a ULtima pessoa, o ULtimo garçon e nada dela (...) pois ela chegou UMA hora da tarde, NÃo falou **onde** que **tava**, até hoje ninguém sabe, é um mistério (...)” (35:22)

14F.i) ENTREVISTADA: “(...) a::h, ficamo lá perto da lagoa lá, cada hora um punha o carro lá, as música lá e:: (...) tinha umas mulher rebolando em cima (...) que eu mesmo fiquei lá, no carro **onde** que eu **ta::va** o pessoal lá (...)” (44:32)

14F.j) ENTREVISTADA: “(...) ah, eu num gosto de nada! Eu gosto de ficar em paz ((risos)) (...) outro dia a vizinha falou comigo ali ‘*oh, tem um menino vendeno diploma*’ eu falei ‘*aonde que é? quanto que é?*’ ‘*é quinhentos reais*’ (...)” (47:28)

14F.k) ENTREVISTADA: “(...) ô Léo, eu tô pretendeno abrir um salão aqui em casa (...) fazer uma coisa pequenininha, mas aconchega:nte, mas com o pessoal que, igual a A. assim ‘*nó K. onde cê for eu tô atras*’ (...)” (53:36)

• **Informante n° 15F**

Sigla: ASAC

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 06/11/1947

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Mãe: Aymorés/ Pai: Ouro Preto

Data da entrevista: 01/06/2006

Dados coletados:

15F.a) ENTREVISTADA: “(...) na época assi::m, pra gente era uma aventura, porque eu morava lá na Concórdia, praticamente no centro da cidade, né? (...)”

ENTREVISTADOR: na Concórdia em qual lugar?

ENTREVISTADA: ali perto do campo Pitangui, sabe **onde**?(...)” (1:54)

15F.b) ENTREVISTADOR: “(...) e quem que já morava aqui, quando a senhora mudou?

ENTREVISTADA: quando eu mudei pra cá tinha a dona M. aqui da esquina, a dona M. morava aqui (...) aqui da esquina, na hora que cê vira assim, **onde** que **tem** o armazém do W. (...)” (4:32)

15F.c) ENTREVITADA: “(...) aqui na frente morava um senhor que chamava seo J., que mudou daí. A dona A. morava ali **onde** que é a casa do A. (...)” (4:49)

15F.d) ENTREVISTADA: “(...) aqui na frente, do lado de cima tinha a V., a irmã da V., a L., são as que eu lembro... depois do lado de baixo, **onde** que é a casa::/lá da::, daquele homem branco que mora ali (...)” (5:18)

15F.e) ENTREVISTADA: “(...) mas o resto tudo era lote vago mESmo assim (...) era tranqüilo, a gente num tinha medo não, tinha muita vaquinha aqui, tinha o brejo ali embaixo, né? e o brejo **onde** que é o campo hoje né? (...)” (6:42)

15F.f) ENTREVISTADA: “(...) se você aceita aquilo, você vê ‘*ah não! Realmente tem vida do lado de cá, tem reencarnação, eu vou voltá, eu vou sofrer. Então eu vou melhorá!*’ e começa a ver de outro jeito, então você fica livre, mas se você não quer, aquilo mesmo te puxa **pra onde** você **vai** (...)” (20:19)

15F.g) ENTREVISTADA: “(...) tem uma cidade de ajuda às crianças, e moram pessoas lá::, tem as pessoas que ajudam (...) cê já foi no leprosário Santa Isabel? (...) é praticamente uma cidade **onde** que só **mora** leproso (...)” (31:25)

15F.h) ENTREVISTADA: “(...) então, assim, o que manda é o seu pensamento, sabe? É **onde** você **está**, eu acordei ‘*em que lugar que eu tô, eu tô viva?*’ (...)” (32:09)

15F.i) ENTREVISTADA: “(...) é, a gente acredita/a gente chama o inferno, assim, de umbral... que é um lugar **onde** que a gente **passa**, aonde que existe realmente essas pessoas que se agregaram ao mal (...)” (38:12)

15F.j) ENTREVISTADA: “(...) é, a gente acredita/a gente chama o inferno, assim, de umbral... que é um lugar onde que a gente passa, **aonde** que **existe** realmente essas pessoas que se agregaram ao mal (...)” (38:12)

15F.k) ENTREVISTADA: “(...) então se você não tiver agarrado a nenhuma coisa aqui, é, você já vai seguir aquela pessoa, talvez eles/alguns deles busca no umbral e alguns já vão direto pro hospital... aí depois que você sara é que você vai ver se você vai continuar ali ou... **pra onde** cê **vai!** (...)” (41:22)

• **Informante n° 16F**

Sigla: SRF

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 05/12/1955

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Mãe: Campinas, Pai: Matias Barbosa

Data da entrevista: 13/06/2006

Dados coletados:

16F.a) ENTREVISTADA: “(...) e eu lembro, por exemplo, e:::h, lá na Sagrada Família, a casa que eu morei muitos anos, né? a casa dos meus pais, e:::h, nós brincávamos a meninada toda da rua, tinha um lote vago que a gente ajuntava os meninos e as meninas, e a gente capinava, e ali era o campi::nho, **era onde** jogava ‘quemada’ e tudo na época de férias (...) a gente ficava a meninada toda na rua até umas quatro horas da tarde (...)” (6:46)

16F.b) ENTREVISTADA: “(...) essa viagem foi ótima, ficamos em Arraial D’ajuda, e na época eu trabalhava na Olivetti e E. na Telemig, né? mais tava tão bom, tão bom (...) isso, oh Léo, foi em oitenta e seis (...) e:::hh Arraial D’ajuda tinha uma rua só, que ia acabá no mar! Começava no mar, **aonde** que a balsa **parava** no porto (...)” (24:12)

16F.c) ENTREVISTADA: “(...) outro que me tentou muito, mais aí nós num pudemos por questões econômicas, foi o::: Ariaú, é aquele que o Bill Gates, que todos os famosos ficam, que é uma palafita de super hiper luxo, uma coisa de louco! Aí nós fechamos um pacote, **onde** a gente **saía** do hotel Tropical lá em Manaus e passava pelo Ariaú (...)” (28:57)

16F.d) ENTREVISTADA: “(...) então, Léo, nós entramos nesse bendito barquinho com o colete, no princípio eu tava dura, né? tensa de medo.

ENTREVISTADOR: vocês já sabiam, eh, que lugar iam visitar primeiro?

ENTREVISTADA: nós já sabíamos **pra onde iríamos**, porque ainda estávamos indo pro hotel (...)” (33:02)

16F.e) ENTREVISTADA: “(...) aí na hora que nós fomos jantar eu falei que queria uma *coca-cola* ((risos)) (...) o cara pegou/ o C. pegou a voadeira, daí a quarenta minutos ele tava de volta com uma *coca-cola* dois litros ou um litro, num sei. Eu falei ‘*gente, aonde que esse cara foi buská essa coca-cola, né?*’ isso é que é produto bom de vendê, né?no meio da floresta tem *coca-cola* ((risos)) (...) no meio da floresta amazônica o cara sai e com quarenta minutos ele volta com uma *coca-cola*, aonde que ele foi buská essa benDIta *coca-cola*? (36:15)

16F.f) ENTREVISTADA: “(...) aí na hora que nós fomos jantar eu falei que queria uma *coca-cola* ((risos)) (...) o cara pegou/ o Chico pegou a voadeira, daí a quarenta minutos ele tava de volta com uma *coca-cola* dois litros ou um litro, num sei. Eu falei: ‘*gente, aonde que esse cara foi buská essa coca-cola, né?*’ isso é que é produto bom de vendê, né?no meio da floresta tem *coca-cola* ((risos)) (...) no meio da floresta amazônica o cara sai e com quarenta minutos ele volta com uma *coca-cola*, **aonde** que ele **foi** buská essa benDIta *coca-cola*? (36:15)

16F.g) ENTREVISTADOR: “(...) viu muito jacaré lá? [no Rio Negro]

ENTREVISTADA: a focagem do jacaré é um negócio maluquíssimo, por quê que cê vai à noite? Porque à noite eles ficam com os olhos pra fora d’água (...) e eles colocam na voadeira u:::m [farol - gesticulou] aí na hora que ele joga assim na água, né? no rio, **aonde tem** jacaré o olho brilha (...)” (42:18)

16F.h) ENTREVISTADA: “(...) eu gostava muito de Santos. Tem quanto tempo que cê foi, Léo? Porque meu sobrinho teve lá há uns dois anos atrás e ficou impressiona::do (...) porque o B. teve lá há dois anos atrás, foi até lá vê **aonde** que **era** a casa da minha vó, e tudo, ele ficou impressionado (...)” (55:15)

• **Informante n° 17F**

Sigla: SMS

Escolaridade: 2° grau

Data de nascimento: 22/11/1944

Local de nascimento do informante: Diamantina

Local de nascimento dos pais: Diamantina

Data da entrevista: 14/06/2006

Dados coletados:

17F.a) ENTREVISTADA: “(...) lembro desse lugar, cê qué sabe assi::m, de mais o quê? Lembro da igre::ja, e no município de Diamantina eu lembro da igreja Sagrado Coração **aonde** eu **fui batizada**, num lugar chamado Datas (...)” (1:15)

17F.b) ENTREVISTADA: “(...) e lá [Diamantina] num tinha essa história de violência d’agora, minino podia sumir, sabe? Ah, hoje em dia se ocê tirá o olho de cima do menino cê pensa assim ‘*onde que fulano foi?*’ né? agora, lá não (...)” (7:45)

17F.c) ENTREVISTADOR: “(...) falando em T., cê ficou sabendo que roubaram o carro dele?

ENTREVISTADA: hoje?

ENTREVISTADOR: é! (...)

ENTREVISTADA: e **aonde** que **foi?** (...)” (10:20)

17F.d) ENTREVISTADA: “(...) pai num dexava a gente brincá (...) aí eu mais T., as vez nós ia na horta, no brejo **onde** que **é** do Seo D. agora. Cê num alcançou ali sendo nosso não, né?(...)” (15:11)

17F.e) ENTREVISTADA: “(...) então a gente cuidava de tudo ali, plantava arroz, plantava feijão, (...) quiabo, mas tudo, tudo, tudo saía dali! Pra sustento/ até aqui! Cê lembra/ não lembra também, a feira dos produtores ali em frente a rodoviária **onde** que **era** a estação do metrô (...)” (17:00)

17F.f) ENTREVISTADA: “(...) aí, né? a gente comprava ba::la, então era bom demais, você precisa de ver que beleza! Aí, **aonde** que **tem** um negócio que a gente fazia assim ‘*Naná... não saiu do zero!*’ Porque nós anotava, né? eu panhava minhas pimenta e tinha a minha sacolinha (...)” (18:47)

17F.g) ENTREVISTADA: “(...) o cachorro chamava bainho, ele::/ele conhecia o barulho do caminhão que o N. trabalhava com o S. Quando N. tava cá:: na (...) ponte do Rio Cipó ele corria/ele podia tá **onde** que ele tivesse, ele podia tá comeno que ele corria lá no terrero e sentava e dava aqueles uivado (...)” (27:50)

17F.h) ENTREVISTADA: “(...) e o bainho, voltando ao assunto, quando mãe ia abrino a porta do cemitério ele pulava, corria, ia lá **onde era** a sepultura cavava, cavava, cavava e voltava rosnando como quem diz ‘*eu num dô conta de tirá ele sozinho*’(...)” (30:45)

17F.i) ENTREVISTADOR: “(...) e falando em macaco, conta o caso do macaco aí!

ENTREVISTADA: ah, é! o caso do macaco é o tal menino, né? é o tal do Zé I. Cê sabe **onde** que **é** a casa do carecão? (...)” (32:20)

17F.j) ENTREVISTADA: “(...) eu mais T., mãe falava ‘*vai gente! Levantá cedo pra ir molhá a horta*’ ali na Várzea do Brejo, e ele ia num lugar que chamava Papagaio, num tinha o morro do Brejo? Tinha não, tem, né? cê sabe **onde** que **é!** (...)” (33:00)

17F.k) ENTREVISTADA: “(...) demos nesse menino um côro, e o Do Reis ‘rachava os bico’ [ria muito] (...) acho que ele num gostava dele também porque ele devia de ficá atentano ele lá, que ele morava lá, tudo era o Do Reis (...) buscá água, meu filho, buscava água no rio da Sá A. pra sustentá a casa deles lá perto **daonde** o João Padeiro **morava** (...)” (38:40)

17F.l) ENTREVISTADA: “(...) [entrevistada faz uma pausa para atender ao telefone e retoma a entrevista] vamos? **Paramos aonde?** (...)” (44:28)

17F.m) ENTREVISTADA: “(...) e pai, com esse Augusto mesmo, que chamou pai falou assim ‘*ah, eu num vô mexer com lavra mais não. Eu já sofri dema::is com gari::mpo. Eu vô arranjar um lugar/eu queria arranjar um lugar de plantAR*’ foi **aonde** ele falou ‘*ah, tem o Riacho [cidade de Santana do Riacho] lá também, né?*’ (...)” (46:45)

17F.n) ENTREVISTADA: “(...) eu lembro desse homem, ele chamava O. Aí arrendou lá. Depois mexeu, acabou pai comprano (...) primeiro ele comprou até lá **onde** que **era** o campo de bo::la, lá perto do córrego do Brejo (...)” (53:16)

17F.o) ENTREVISTADA: “(...) quando as vaca vinha pra poder sair na porteira, ele vinha correno e chegava/ cercava na porteira e metia o chifre nas vaca (...) mas era bonito o garrote (...) num sei **onde** meu pai **tirou** esse nome, Formate (...)” (56:35)

17F.p) ENTREVISTADA: “(...) o cavalo tinha um pastinho que o cavalo dormia lá, né? pra no outro dia a gente sair (...) soltamo o cavalo e lá vamo, lá vamo com o cabresto na mão, tava escu:ro, nós chegamo ali, cê sabe/ cê lembra **onde** que **é** que fala o Pau de Espinho, lembra não né? nós falava o Pau de Espinho. Cê sabe onde que **é** a::, a porteirinha que entrava lá pro terreno do Seo D.? (...)” (57:10)

17F.q) ENTREVISTADA: “(...) o cavalo tinha um pastinho que o cavalo dormia lá, né? pra no outro dia a gente sair (...) soltamo o cavalo e lá vamo, lá vamo com o cabresto na mão, tava escu:ro, nós chegamo ali, cê sabe/ cê lembra onde que **é** que fala o Pau de Espinho, lembra não né? nós falava o Pau de Espinho. Cê sabe **onde** que **é** a::, a porteirinha que entrava lá pro terreno do Seo D.? (...)” (57:10)

• **Informante n° 18F**

Sigla: ADSS

Escolaridade: fundamental (3ª série)

Data de nascimento: 01/11/1932

Local de nascimento do informante: Belo Horizonte

Local de nascimento dos pais: Não informado

Data da entrevista: 16/06/2006

Dados coletados:

18F.a) ENTREVISTADA: “(...) num gosto nem de falar, porque esse **é aonde** que **tem** esses prédio, conjunto habitacional (...) a gente morava ali:: na Pedreira ‘Padre’ Lopes [Pedreira Prado Lopes] ali aonde hoje **é**:: aqueles prédio residencial, aqueles prédio do IAPI (...)” (0:01)

18F.b) ENTREVISTADA: “(...) num gosto nem de falar, porque esse é aonde que tem esses prédio, conjunto habitacional (...) a gente morava ali:: na Pedreira ‘Padre’ Lopes [Pedreira Prado Lopes] ali **aonde** hoje **é::** aqueles prédio residencial, aqueles prédio do IAPI (...)” (0:01)

18F.c) ENTREVISTADA: “(...) aí passado uns anos a prefeitura, num lembro o nome do prefeito na época, ele nos deu casa e desmanchou que ia precisar aquilo ali. Foi **aonde que foi construído** aqueles prédio, onde foi construído a igreja de/de/de São Cristóvão, ali tudo era ca::sa (...)” (0:45)

18F.d) ENTREVISTADA: “(...) aí passado uns anos a prefeitura, num lembro o nome do prefeito na época, ele nos deu casa e desmanchou que ia precisar aquilo ali. Foi aonde que foi construído aqueles prédio, **onde foi construído** a igreja de/de/de São Cristóvão, ali tudo era ca::sa (...)” (0:45)

18F.e) ENTREVISTADA: “(...) então dali, nós fomo lá pra Santa/prá Santa Efigênia, que minha vó não quis ir pra outro lugar **aonde** o prefeito/né Amilcar de Barros não, o prefeito **tinha dado** pra nós a casa, mas vovó não quis porqu’era longe (...)” (1:30)

18F.f) ENTREVISTADA: “(...) tinha uma coisa quebrada ali, as menina chegaram pra olhar e viram a escada (...) aí a nós tomamo nota, igual ele explicou pra gente, a gente tomô nota de tudo, **aonde que ficava** a casa, e levamo pra ele (...)” (3:59)

18F.g) ENTREVISTADA: “(...) aqui pra nós ir pra igreja do Santa Mônica, essa rua num era asfaltada, num era calçada, era de terra e aqueles/no meio da rua **onde** que **corria** a ‘inxorrada’ era aquela vala (...)” (8:55)

18F.h) ENTREVISTADA: “(...) ele [o padre da paróquia] tava procura::no, Léo, e encontrou ((risos)) procê vê, Santa Mônica já tava mais movimentado, né? Santa Mônica tinha umas senhoras assim mais alegres, né? (...) mais assanhadinhas, né? e elas gostava da coisa, né? e ele aproveitou o ensejo e ela também, foi **aonde que foi** a queda dele (...)” (12:28)

18F.i) ENTREVISTADA: “(...) é engraçado mesmo, né? procê vê como é o começo de um bairro, com tanta dificuldade, porque o povo aqui tem condições, né? mais num tinha o/**aonde comprá** as coisa (...)” (14:35)

18F.j) ENTREVISTADA: “(...) aqueles que já foram, os nossos ami::gos, os nossos... felizes amigos que a gente sente até hoje, né? a falta deles e tudo, mas eu tenho certeza que **aonde eles estiverem** eles tão cuidando de nós (inint.) aonde tão eles tão cuidando (...)” (16:34)

18F.k) ENTREVISTADA: “(...) aqueles que já foram, os nossos ami::gos, os nossos... felizes amigos que a gente sente até hoje, né? a falta deles e tudo, mas eu tenho certeza que aonde eles estiverem eles tão cuidando de nós (inint.) **aonde tão** eles tão cuidando (...)” (16:34)

18F.l) ENTREVISTADA: “(...) ocê pra sair do centro da cidade pra vim em Venda Nova... ocê tinha que colocá uma roupa branca por cima/um avental branco, ocê tinha que pôr as mala dentro do saco... pra chegá até aqui (...) ali **onde é** a rodoviária, eu não sei se ocê lembra... ali onde era a rodoviária hoje, era a feira permanente de amostra (...)” (43:53)

18F.m) ENTREVISTADA: “(...) ocê pra sair do centro da cidade pra vim em Venda Nova... ocê tinha que colocá uma roupa branca por cima/um avental branco, ocê tinha que pôr as mala dentro do saco... pra chegá até aqui (...) ali onde é a rodoviária, eu não sei se ocê lembra... ali **onde era** a rodoviária hoje, era a feira permanente de amostra (...)” (43:53)

18F.n) ENTREVISTADA: “(...) No::ssa Senhora, ocê acompanha tudo, cê acompanha a construção desses viaduto que hoje a gente passa, ali **aonde é** o SENAI, ali era um mataga::l que eu vou te contar (...)” (46:25)

18F.o) ENTREVISTADA: “(...) Belo Horizonte já foi uma cidade mu::ito bo::a, muito boa me::smo, No::ssa Senhora! Cê que vê **aonde tem** outra coisa também, impressionante? As coisa/as coisa que dava pra gente alimentá, ali pra baixo do Cine Brasil (...) cê sabe aonde? (...)” (47:09)

18F.p) ENTREVISTADA: “(...) Belo Horizonte já foi uma cidade mu::ito bo::a, muito boa me::smo, No::ssa Senhora! Cê que vê aonde tem outra coisa também, impressionante? As coisa/as coisa que dava pra gente alimentá, ali pra baixo do Cine Brasil (...) cê sabe **aonde?** (...)” (47:09)
